

Contra-resposta a um adventista

Se todos possuem o pleno direito de pensar livremente, mesmo em matéria religiosa, não podendo sequer conceber-se alguém que renuncie a esse direito, então todos são igualmente possuidores do pleno direito e da plena autoridade de julgar em matéria religiosa e, conseqüentemente, de a explicarem e interpretarem para si próprios. (ESPINOSA, 2003).

Acontece que a verdade é, às vezes, para todos nós seres humanos, o que menos queremos ouvir, principalmente com relação aos nossos princípios religiosos, pois o nosso ego aflora... ninguém quer ser humilde o bastante para reconhecer os seus erros. (CHAVES, 2001).

Introdução

As considerações que fizemos ao desafio do professor Azenilto, foram objeto de refutação de sua parte; o que era de se esperar, pois fundamentalista não deixa de rebater absolutamente nada, pouco lhe importando se tem razão ou não, inclusive, com a particularidade de querer sempre ser o último a falar, pensando, com isso, ter sido o ganhador.

O nosso texto intitulado "[Será que Saul conversou com Samuel-espírito?](#)", disponível na net, é o que contém as nossas considerações anteriores.

Há pessoas que conseguem se expressar tão bem, que seu pensamento atravessa os séculos como se fosse dito recentemente; é o caso, por exemplo, de Espinosa:

Toda a gente diz que a Sagrada Escritura é a palavra de Deus que ensina aos homens a verdadeira beatitude ou caminho da salvação: na prática, porém, o que se verifica é completamente diferente. Não há, com efeito, nada com que o vulgo pareça estar menos preocupado do que em viver segundo os ensinamentos da Sagrada Escritura. É ver como andam quase todos fazendo passar por palavra de Deus as suas próprias invenções e não procuram outra coisa que não seja, a pretexto da religião, coagir os outros para que pensem como eles. Boa parte, inclusive, dos teólogos está preocupada é em saber como extorquir dos Livros Sagrados as suas próprias fantasias e arbitrariedades, corroborando-as com a autoridade divina. (ESPINOSA, 2003, p. 114). (grifo nosso)

Exatamente como vemos as coisas acontecendo nos dias de hoje, mormente com aqueles que se apegam aos conceitos teológicos do passado, muitos dos quais, sabidamente, foram criados para sustentar dogmas e manter o domínio do medo sobre as massas, seu teor é de tão evidente contraste com a razão, que, em sua maioria, tiveram que ser impostos a ferro e fogo.

Análise do que foi dito pelo professor

RESPONDENDO A UM ESPÍRITA "PROFISSIONAL"

Amigos, sinceramente, temos que repensar bem a questão da "metodologia" neste debate. Afinal, se um professor dá uma tarefa de casa para um aluno, logicamente espera que esse aluno faça a tarefa, e não que encarregue um amigo, especialmente um "profissional" de certa área, a responder por ele.

O Maurício, alegando falta de tempo, recorreu aos préstimos de um “profissional” do espiritismo, um indivíduo com um cabedal enorme de artigos sobre temas espíritas e supostamente de respaldo bíblico, especializando-se em contestar os crentes na Bíblia como “Palavra de Deus”.

Eu simplesmente não tenho tempo de ficar enfrentando todo tipo de objetores que alguém resolva “convidar” a responder a nossos questionários, então vamos fazer isso PELA ÚLTIMA VEZ. Não mais aceitaremos matérias de outros, pelo menos não nesse estilo de respostas a questionários dirigidos a participantes do Fórum.

Muito interessante a classificação que o professor faz de nós; possivelmente o faz dessa forma por estar no meio de pessoas que tratam tudo de forma profissional; há, inclusive os profissionais da fé, aqueles que vivem explorando a fé alheia, via lavagem cerebral, como é o caso de líderes religiosos que vivem da religião que dizem confessar.

Os espíritas, caso não saiba, são, por princípio, pessoas que não vivem de sua religião; mas vivem para sua religião, o que é bem diferente! Por conta disso, não se encontrará, em nosso meio, “espírita profissional”, com ou sem aspas. Obviamente, a Doutrina não pode ser responsabilizada pelos atos daqueles que, embora se dizendo ser seus seguidores, não observam seus princípios, coisa que infelizmente acontece em qualquer uma das religiões institucionalizadas.

Especificamente, nos consideramos um espírita pesquisador e estudioso da Bíblia, nada mais que isso.

A título de informação, o Maurício faz parte do Grupo de Apologética Espírita como um de seus membros; o que ele fez foi apenas indicar o link para que acompanhássemos um debate num [fórum adventista](#). Nós apenas antecipamos o desafio do professor, que certamente iria colocar o seus 10 pontos em [seu site](#), exibindo-o como um troféu que os espíritas não conseguiram refutar.

Realmente acertou em cheio quando diz que nos especializamos em contestar; entretanto errou feio quando fala que seria aos crentes, a quem queríamos atingir. Meu caro professor, esses não! Mas aos seus líderes religiosos isto sim, pois estes, para manter os fiéis sob seu domínio e poder usam exatamente do expediente de afirmar que a Bíblia é a palavra de Deus, porquanto, a esmagadora maioria de seus seguidores não tem a mínima coragem de contestá-la. Grande parte dos crentes, é de pobres coitados por se deixarem manipular pela liderança religiosa, a qual só se preocupa mesmo, conforme temos afirmado inúmeras vezes, com o seu próprio bolso.

Está coberto de razão o teólogo Huberto Rohden, quando diz:

De resto, que espécie de Deus seria esse que se revelasse apenas a um povinho minúsculo, que, nesse tempo, não representava sequer 1% da humanidade, deixando na ignorância cerca de 99% do gênero humano? Como podiam essas centenas de milhões de homens, fora e longe de Israel – de cuja existência nem sabem até hoje -, como podiam eles chegar a conhecer Deus através da Bíblia?... E que fez Deus antes do início da Bíblia? - e depois do encerramento da mesma? A Bíblia, como livro escrito, começa uns 15 séculos antes de Cristo, e termina pelo ano 100 depois dele. Ora, poderíamos admitir que, no longuíssimo período anterior ao tempo de Abrão, Isaac e Jacó, Deus nada tenha tido a dizer à humanidade? E que, pelo ano 100 da era cristã, tenha “fechado o expediente”, à guisa de um funcionário público ou outro burocrata do século XX?... Quem admite semelhante Deus é ateu, porque um Deus tão imperfeito e limitado não é Deus nenhum. (ROHDEN, 1995, p. 189)

Quanto à sua colocação de que nossos textos são “supostamente de respaldo bíblico”, certamente fazemos o mesmo que você quanto a seus próprios textos; mas, em sua maneira de pensar, nós estamos errados e você é quem está certo. Isso é uma coisa que somente poderá ser decidida por pessoas sensatas que têm a mente aberta e que não estão encabrestadas por nenhum líder religioso.

Queremos, logo de início, propor-lhe um desafio, que demonstrará até onde você acredita mesmo naquilo que afirma. Considerando que “a palavra de Deus” diz, em Mc 16,17-18, que: *“Os sinais que acompanharão aqueles que acreditarem são estes: expulsarão*

demônios em meu nome, falarão novas línguas; se pegarem cobras ou beberem algum veneno, não sofrerão nenhum mal; quando colocarem as mãos sobre os doentes, estes ficarão curados.”; então, vamos marcar dia, hora e local para que você faça um teste de fidelidade, onde pegará em cobras e beberá algum veneno diante de câmaras de TV para todo o Brasil ver; topa?

Bart D. Ehrman, considerado a maior autoridade em Bíblia do mundo, aborda a questão da inspiração divina em relação ao Novo Testamento, demonstrando taxativamente que:

De que nos vale dizer que a Bíblia é a palavra infalível de Deus se, de fato, não temos as palavras que Deus inspirou de modo infalível, mas apenas as palavras copiadas pelos copistas – algumas vezes corretamente, mas outra (muitas outras!) incorretamente? De que vale dizer que os autógrafos (isto é, os originais) foram inspirados? Nós não temos os originais! O que temos são cópias eivadas de erros, e a vasta maioria delas são centúrias retiradas dos originais e diferentes deles, evidentemente, em milhares de modos.

[...]

Descobertas desse tipo coincidiram com problemas que eu estava enfrentando em meus estudos mais aprofundados dos manuscritos gregos do Novo Testamento que haviam sobrevivido. **Uma coisa é dizer que os originais foram inspirados, mas a verdade é que não temos os originais. Então, dizer que eles foram inspirados não me serve de grande coisa, a não ser que eu possa reconstruir os originais.** E além disso, a vasta maioria dos cristãos, em toda a história da Igreja, não teve acesso aos originais, fazendo de sua inspiração um objeto de controvérsia. Nós não apenas não temos os originais, como não temos as primeiras cópias dos originais. Não temos nem mesmo as cópias das cópias dos originais, ou as cópias das cópias das cópias dos originais. **O que temos são cópias feitas mais tarde, muito mais tarde. Na maioria das vezes, trata-se de cópias feitas séculos depois.** E todas elas diferem umas das outras em milhares de passagens. Veremos depois neste livro que essas cópias diferem umas das outras em tantas passagens que nem chegamos a saber quantas diferenças há. Talvez seja mais fácil falar comparativamente: há mais diferenças entre os nossos manuscritos que palavras no Novo Testamento.

Muitas dessas diferenças são absolutamente secundárias e insignificantes. Boa parte delas simplesmente nos mostra que os antigos copistas tinham tanta dificuldade em escrever quanto a maior parte das pessoas hoje (e eles nem tinham dicionários, sem falar em corretores ortográficos). Sendo assim, para que falar de todas essas diferenças? **Se alguém insiste em afirmar que Deus inspirou cada uma das palavras das Escrituras, do que estaria falando se nós não temos todas as palavras das Escrituras?** Em alguns trechos, como veremos, simplesmente não temos certeza de o texto original ter sido reconstruído com exatidão. É bem difícil saber o que as palavras da Bíblia querem dizer se não sabemos nem mesmo que palavras são essas!

Isso se tornou um grande problema para meu entendimento da inspiração, porque passei a compreender que teria sido tão difícil para Deus preservar as palavras das Escrituras quanto deveria ter sido, em primeiro lugar, inspirá-las. Se Ele quisesse que seu povo tivesse suas palavras, certamente as teria dado (e possivelmente até lhes tivesse dado as palavras em uma língua que pudessem entender, e não em grego e em hebraico). O fato de não termos as palavras deve seguramente demonstrar, pensei, que Ele não as preservou para nós. E se Ele não fez esse milagre, não haveria razão para pensar que teria feito o milagre anterior: inspirar essas palavras.

Em suma, meus estudos do Novo Testamento grego e minhas pesquisas dos manuscritos que o contêm me levaram a repensar radicalmente o meu entendimento do que é a Bíblia. Antes disso - a começar de minha experiência de novo nascimento no ensino fundamental, passando por meu período fundamentalista no Moody, até chegar aos meus tempos de evangélico em Wheaton -, minha fé baseava-se completamente em uma certa visão da Bíblia como palavra infalível de Deus, integralmente inspirada. Agora, deixei de ver a Bíblia desse modo. **A Bíblia passou a ser para mim um livro completamente humano. Do mesmo modo como os copistas humanos copiaram, e alteraram, os textos das Escrituras, outros autores humanos escreveram os originais dos textos das Escrituras.** Ela é um livro humano do começo ao fim. E foi escrita por diferentes autores

humanos, em diferentes épocas e em diversos lugares para atender a diferentes necessidades. Muitos desses autores sem dúvida se sentiam inspirados por Deus para dizer o que disseram, mas tinham suas próprias perspectivas, suas próprias crenças, seus próprios pontos de vista, suas próprias necessidades, seus próprios desejos, suas próprias compreensões, suas próprias teologias. Tais perspectivas, crenças, pontos de vista, necessidades, desejos, compreensões e teologias deram forma a tudo o que eles disseram. Por todas essas razões é que esses escritores diferem um do outro. Entre outras coisas, isso significava que Marcos não disse a mesma coisa que Lucas porque não quis dar a entender o mesmo que Lucas. João é diferente de Mateus - eles não são os mesmos. Paulo é diferente dos Atos dos Apóstolos. E Tiago é diferente de Paulo. Cada autor é um autor humano e precisa ser lido por aquilo que *ele* (supondo que se trate sempre de autores homens) tem a dizer, sem pressupor que aquilo que ele diz é o mesmo - ou assimilável a - ou consistente com aquilo que qualquer outro autor tenha a dizer. A Bíblia, feitas todas as contas, é um livro inteiramente humano.

Essa era uma perspectiva inédita para mim, obviamente em tudo distinta da visão que eu tinha quando era um cristão evangélico - e que não é a visão da maioria dos evangélicos de hoje. (EHRMAN, 2006, p. 17-21) (grifo nosso).

Para os que pesquisam, esse pensamento não é novo, pois, segundo Orígenes, o filósofo Celso (séc. II d.C.), já dizia: "Alguns fiéis, como pessoas embriagadas que se agridem a si mesmas, manipularam o texto original do evangelho três ou quatro vezes, ou até mais, e o alteraram para poderem opor negação às críticas" (Orígenes, 2004, p. 152).

Quanto ao material desse cavalheiro, é interessante que ele começa falando coisas que se aplicam EXATAMENTE a ele, como ao falar de uso da Bíblia coerente, criticar-nos pela insistência de "teor global das Escrituras", e o que mais faz é selecionar textos "favoráveis" daqui e dacolá, desprezando os que não lhe convêm (e me atribui exatamente essa prática), e quando as coisas não correspondem a sua visão espírita preconcebida chama os autores bíblicos até de MENTIROsos! Vejam uma sentença dele referente a certo relatório bíblico —"que mentira, que lorota boa"... Ora, pois o próprio grande apóstolo Paulo quase ganha dele tal rótulo, apenas amenizado ao dizer que estava "completamente equivocado"!

Quando o que o texto bíblico diz contraria diretamente suas premissas, então não serve, a Bíblia é interpretada literalmente por "fanáticos" e, enfim, ele é o único que tem a correta e precisa interpretação, claro que dentro da visão espírita.

Nós temos plenas condições de provar que não pegamos textos isolados. Quando falamos sobre a morte de Saul, por exemplo, buscamos todos os textos bíblicos que a relata, enquanto que o professor só usou um. Em relação à comunicação com os mortos, levantamos tudo quanto pudemos identificar na Bíblia sobre isso, o que poderá ser comprovado também pelo nosso texto "[Comunicação com os mortos na Bíblia](#)", contrário ao professor que cita apenas uma passagem, mas mesmo assim para contestá-la, visando manter seu ponto de vista. Deixaremos ao leitor o julgamento dessa questão.

De duas uma: ou não entendeu ou tenta desvirtuar o que nós dissemos. Vejamos o que foi dito por nós:

Então, a causa da infidelidade de Saul nada tem a ver com a consulta aos mortos, conforme afirma o professor, se baseando no livro de Crônicas. Mas quem apela, a todo o momento, para o "teor geral das escrituras", devia saber muito bem que a história narrada neste livro é pura mentira, porquanto Saul não morreu por conta disso, segundo o outro livro. Aliás, devia também ter conhecimento que há três versões sobre a morte de Saul; vejamos:

1ª) Suicidou-se: "*Então Saul disse ao escudeiro: 'Desembainhe a espada e me atravesse, antes que esses incircuncisos cheguem e caçoem de mim'. O escudeiro ficou apavorado e não quis obedecer. Então Saul pegou a espada e atirou-se sobre ela.*" (1Sm 31,4).

2ª) Foi morto por um amalecita: *"Eu estava casualmente no monte Gelboé e vi Saul apoiado em sua própria lança, enquanto os carros e cavalheiros se aproximavam. Saul virou-se, me viu, e me chamou. ...Então Saul me disse: 'Aproxime-se e mata-me, pois estou agonizando e não acabo de morrer'. Então eu me aproximei dele e o matei, porque eu sabia que ele não iria mesmo sobreviver depois de caído".* (2Sm 1,1-10).

3ª) Os filisteus o enforcaram: *"Então Davi foi pedir os ossos de Saul e de seu filho Jônatas aos cidadãos de Jabes de Galaad, que os tinham levado da praça de Betsã, onde os filisteus os haviam enforcado, quando venceram Saul em Gelboé".* (2Sm 21,12).

No primeiro livro de Crônicas (10,1-12) é relatada a morte de Saul, exatamente como a narrada em 1 Samuel, capítulo 31, – versão do suicídio. Entretanto, nos versículos 13 e 14, citando como a causa da morte de Saul, foi colocado o seguinte: *"Saul morreu por ter sido infiel a Javé: não seguiu a ordem de Javé e foi consultar uma mulher que invocava os mortos, em vez de consultar a Javé. Então Javé o entregou à morte e passou o reinado para Davi, filho de Jessé";* "que mentira, que lorota boa"... Os apressados talvez achem que a infidelidade, em não seguir a ordem de Deus, tenha sido a consulta aos mortos, quando o motivo real está em 1Sm 15,1-3, já citado um pouco atrás, que determinava que Saul matasse tudo quanto pudesse ter fôlego de vida entre os amalecitas, mas o "piedoso" Saul resolveu salvar o rei deles e o gado gordo e os cordeiros que possuíam.

Numa boa lógica, não há como uma pessoa ter três tipos de mortes; assim, inevitável é que duas dessas versões não sejam verdadeiras e, dentro daquilo que entendemos, neste contexto, o que não é verdadeiro é falso; portanto, é mentiroso: Saul não morreu por ter sido infiel a Javé consultando uma mulher que invocava os mortos. Que nos prove o contrário, mas não queira desmoralizar o nosso pensamento com palavras jogadas ao vento.

E aqui temos a prova de que levantamos todas as versões da morte de Saul, o que depõe contra sua afirmativa de que escolhemos textos a dedo.

Em relação a Paulo, o que dissemos foi:

Se satanás pode realmente se transformar em "anjo de luz", certamente poderá também estar dentro das igrejas se passando pelo Espírito Santo para enganar os incautos. Obviamente que Paulo estava completamente equivocado, pois se isso fosse verdade estaríamos perdidos, pois ele, o diabo, teria o mesmo poder que Deus para realizar milagres, o que tornaria impossível para nós, pobres mortais, identificar quais seriam os do diabo e quais seriam os de Deus.

Se uma pessoa diz algo que contraria o que outra disse, certamente uma está equivocada; não há outra saída. Paulo afirma que satanás pode se transformar em "anjo de luz", enquanto João afirma que *"quem pratica o mal, tem ódio da luz, e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam desmascaradas"* (Jo 3,20); assim, diante dessa afirmativa de João, é que Paulo se mostra equivocado, e equivocar, caro professor, não quer dizer mentir, conforme quer levar a crer com aquilo que entendeu do que nós dissemos.

A quem acredita que satanás pode se transformar em "anjo de luz", recomendamos-lhe muito cuidado, pois, se ele tem esse poder, então poderá também se fazer passar por "Espírito Santo" que se manifesta na igreja que frequenta.

Se a base dos princípios do Espiritismo fosse a Bíblia, seria bem provável que agiríamos igual aos fundamentalistas; entretanto, a nossa base são as leis naturais criadas por Deus. A Bíblia, para nós, embora mereça o nosso respeito, é um livro escrito por seres humanos; daí a vermos mais no seu sentido histórico.

Só usamos a Bíblia para nos defender por conta dos fanáticos que, para denegrir o Espiritismo, buscam "provar", de todas as formas, que aquilo que acreditamos (comunicação com os mortos e reencarnação) não está na Bíblia, como se ela fosse um repositório de tudo quanto existe e acontece no mundo. E, no entanto, se a usamos para nos defendermos, é porque ela não nega nem uma coisa, nem outra.

Um exemplo claro disso é a passagem de 1Sm 28, onde está relatada a comunicação do espírito de Samuel com Saul. Nós não duvidamos da clareza do texto, enquanto o professor faz de tudo para negar o fato, deixando a Bíblia de ser para ele, nesse ponto, a palavra de Deus. Tão certo estava de que sua interpretação é a correta, que lançou o desafio de 10 pontos. Esses 10 pontos, a bem da verdade, deveriam ser chamados de "10 desculpas" já que passa longe e contesta a própria autoridade daquilo que seria para ele a palavra de Deus. Mas é incrível, ele ainda ter a coragem de tentar reverter a situação dizendo que somos nós que nos consideramos os donos da verdade.

Ademais, ele cita quase sempre versões católicas da Bíblia, o que parece muito suspeito, sobretudo porque sabemos que o catolicismo não passa de um "espiritismo melhorado". Eu tive parentes espíritas e me contavam de padres e freiras que participavam de reuniões espíritas fazendo palestras em que contavam de suas próprias experiências como "paranormais". E até vi anúncio de um vídeo de uma autoridade católica, se não me engano um bispo, sobre suas comunicações mediúnicas e outras coisas do gênero. E é bem sabido que os católicos que creem nas teses espíritas de reencarnação, e até frequentam sessões espíritas durante a semana, indo, porém, regularmente às missas, são "legião". Interessante que a ICAR se empenha numa grande campanha antiprotestante, mas não se vê o mesmo empenho contra o espiritismo da parte da liderança católica...

Assim, versões católicas da Bíblia têm essa inclinação, porque a crença na imortalidade da alma, tão pagã quanto tantas outras práticas do catolicismo, é um dos fundamentos da doutrina dessa Igreja. Só que, numa ocasião, ele até cita a Versão Novo Mundo (das "testemunhas de Jeová") apenas num pequeno trecho que lhe pareceu conveniente, talvez ignorando que esses religiosos condenam totalmente o espiritismo e sua crença básica na imortalidade da alma.

A suspeição não tem razão de ser, pois para um pesquisador sério o que interessa são as várias versões de um texto, para poder tirar delas a que mais se aproxima da verdade, no caso, mais próximo daquilo que acreditavam naquele tempo. Mas, como as Bíblias católicas, em seus textos e nos comentários dos tradutores, são favoráveis à imortalidade da alma, coisa que o professor não acredita, então, elas não lhe servem: quem disse algo a respeito de ser o dono da verdade?

É certo que alguns líderes católicos acreditam na comunicação com os mortos; mas as Bíblias não foram traduzidas por eles. Aliás, elas têm mais valor para nós quando se coloca algo contrário ao que pensam, pois aí certamente não ajustaram a passagem a seus dogmas. Podemos até citar o Pe. François Brune, autor do livro *Os mortos nos falam*, que, pesquisando a comunicação dos mortos, via aparelhos eletrônicos - Transcomunicação Instrumental -, se rendeu à realidade dos fatos. E contra fatos não há argumentos.

E se pesquisarmos bem esse episódio, veremos que não somente as Bíblias Católicas, mas também as protestantes, e enfim, em todas as traduções e em todos os idiomas todas elas são unânimes em afirmar peremptoriamente a real identidade do profeta morto, respondendo e preprendendo o rei Saul.

No atual estágio são poucos os que não "condenam" o Espiritismo; mas por que será que isso acontece? Certamente, porque os espíritas são adeptos do "dai de graça o que de graça recebestes", o que vai de encontro aos interesses daqueles que adotam a religião como profissão; daí buscam na "palavra de Deus" algo para combatê-lo. Entretanto, observamos que a "palavra de Deus" só lhes serve quando "condena" o Espiritismo; aliás, em passagens isoladas escolhidas a dedo, como fazem sempre, apesar de sistematicamente negarem essa atitude.

Se o professor, ou qualquer outra pessoa, nos provar que segue incondicionalmente tudo quanto está, capa a capa, na Bíblia, nesse dia nos tornaremos fervorosos adeptos da religião que segue. Ninguém, absolutamente ninguém, a segue no todo; mas apenas finge fazer isso; e mesmo assim, exige que os que não lhe seguem na crença a cumpram; seja coerente, pelo amor de Deus!

Como dissemos num artigo sobre o espiritismo,

Já se disse que um texto fora do contexto é mero pretexto. Se o estudioso

do assunto examinar os ensinamentos de Cristo globalmente, em lugar de apanhar segmentos isolados que aparentemente lhe favoreçam a ideia, não encontrará harmonia de Seus ensinamentos com o que pregaram os mestres do passado a respeito da morte. Cristo fala em ressurreição, não reencarnação. A própria ideia de "novo nascimento" [em João 3] é tornada clara no verso 5 ao Jesus falar em "nascer da água". Tendo por base um costume já existente entre os judeus de uma lavagem purificadora para indicar renovação espiritual, fica claro pelo contexto literário e histórico que a referência é ao batismo, simbolizando a morte para a vida pecaminosa, e um renascer para nova vida segundo o Espírito de Deus. O apóstolo Paulo tornou isto bem claro em Romanos, capítulo 6.

A evidência de que ressurreição não é o mesmo que reencarnação se acha nos relatos dos Evangelhos ao descreverem como Jesus miraculosamente trouxe de volta à vida pessoas que haviam exalado o último suspiro. Há o episódio da filha de Jairo, do filho da viúva de Naim, e, de modo destacado, a volta à vida de seu amigo Lázaro, que já estava sepultado há quatro dias e até "cheirava mal", todos sobrenaturalmente trazidos de volta à vida por Jesus, com seus mesmos corpos (ver Lucas 8: 41-56; 7: 11-16; João, cap. 11). Portanto, por uma questão de coerência, uma vez que se recorra à Bíblia como documento comprobatório de uma tese, todo o seu contexto deve ser levado em conta para validar ou negar a ideia.

Jesus citava repetidamente o Antigo Testamento, que era a Escritura vigente em Seu tempo. Reconhecia sua autoridade como livro histórico e como um manual de instrução da vida prática, e fonte de doutrina religiosa. No Antigo Testamento fala-se sobre a ressurreição, não reencarnação, havendo uma detalhada descrição da ressurreição em Ezequiel 37. É por demais claro que a ideia da imortalidade da alma não encontra apoio ali (ver Ecles. 9:5, 10; Sal. 146:3, 4). Igualmente, a prática comum do espiritismo de consultar os mortos, muito difundida entre os povos antigos que circundavam Israel, é claramente condenada nas Escrituras (ver Êxodo 22:18 e Deuteronômio 18:11-14).

Faremos como o professor; vamos recorrer ao que já dissemos em nosso texto "[Ressurreição, o significado Bíblico](#)":

Vejamos agora o que ainda mais encontramos para desvendar qual era o conceito de ressurreição.

a) Voltar à vida no mesmo corpo

Elias, que ressuscitou um filho de uma viúva (1Rs 17,14),

Eliseu, que fez o mesmo com um filho de uma sunamita (2Rs 4,32-37),

Pedro, por ter ressuscitado a jovem chamada Tabita (At 9,36-40),

Paulo, que fez voltar à vida o menino Êutico, que havia morrido após ter caído de uma janela (At 20,9-12).

Jesus, a filha de Jairo (Mt 9,24), o filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17) e Lázaro (Jo 11,1-44).

Será que realmente houve propriamente uma morte? Devemos observar, que no caso da filha de Jairo, Jesus disse: "*a menina não morreu, está dormindo*" (Mt 9,24; Mc 5,39 e Lc 8,52). Em relação a Lázaro (Jo 11,1-44) a coisa é mais complicada, pois, apesar de Jesus ter afirmado que "*esta doença não é para a morte*", e "*nosso amigo Lázaro dorme*", o texto bíblico apresenta uma contradição a partir do versículo 13 a 16, dizendo que se trata de morte mesmo. Ora, isso, a nosso ver, para se justificar a tese da ressurreição corporal, fizeram um acréscimo ao texto original, cujo conteúdo se retirarmos da passagem não há solução de continuidade da narrativa.

Temos dito, em várias oportunidades, que os médicos de hoje, se tivessem vivido naquele tempo, seriam considerados "profetas", pois, com certeza, com os atuais conhecimentos de medicina, iriam "ressuscitar" inúmeras pessoas. A grande questão é saber se Lázaro e a filha de Jairo, e o filho da viúva de Naim estavam realmente mortos, ou se passaram por uma EQM - Experiência de Quase Morte, que tem despertado o interesse de vários pesquisadores nos tempos atuais.

Esse conceito é o popular; mas, como já demonstramos pelo Dicionário Bíblico,

ele não é exato.

b) Voltar à vida em outro corpo

Lc 9,7-9: *"O tetrarca Herodes, porém, ouviu tudo o que se passava, e ficou muito perplexo por alguns dizerem: 'É João que foi ressuscitado dos mortos'; e outros: 'É Elias que reapareceu'; e outros ainda: 'É um dos antigos profetas que ressuscitou'. Herodes, porém, disse: 'A João eu mandei decapitar. Quem é esse, portanto, de quem ouço tais coisas?' E queria vê-lo".* (ver Mt 14,1-2 e Mc 6,14-16).

Lc 9,18-19: *"Um dia Jesus rezava num lugar retirado e seus discípulos estavam com ele. Ele lhes fez a seguinte pergunta: 'Quem sou eu no dizer das turbas?' Eles responderam: 'Para uns, João Batista, para outros, Elias ou algum dos antigos profetas ressuscitado'".* (ver também Mt 16,13-19; Mc 8,27-28).

Por essas passagens podemos perfeitamente saber que o povo realmente acreditava que alguém que já havia morrido poderia voltar como outra pessoa; senão não teria sentido o que o povo pensava a respeito de Jesus. E se isso não fosse possível, com certeza, Jesus não teria feito essa pergunta; e, mais ainda: teria dito dessa impossibilidade. Assim, fica claro que o conceito de ressuscitar aqui nessas passagens pode muito bem ser entendido por reencarnar.

Somente devemos fazer uma ressalva quanto a João Batista, que não poderia se enquadrar nesse conceito; nós o estaremos explicando no item "d".

c) Ressurgir em Espírito

Qual a ressurreição foi pregada por Jesus, a da carne ou a do Espírito?

Para responder essa questão é necessário lermos a resposta que Jesus deu aos saduceus, negadores da ressurreição, sobre uma mulher que, para cumprir a lei mosaica, teve que casar com os sete irmãos. A dúvida deles era, quando da ressurreição ela seria mulher de qual deles? A isso responde Jesus:

"As pessoas deste mundo se casam. Contudo, as que são julgadas dignas de ter parte naquele mundo e na ressurreição dos mortos, lá não se casam. E já não podem morrer outra vez, porque são iguais aos anjos e filhos de Deus, sendo participantes da ressurreição". (Lc 20,34-36).

Se são iguais aos anjos; isso significa que serão seres espirituais; daí, não se justifica mais o casamento, que é coisa para os que possuem corpos materiais.

Jesus disse que *"O espírito é que dá vida, a carne de nada serve"* (Jo 6,63), o que vem reforçar a nossa natureza como sendo a espiritual. Por outro lado, partindo de que *"Deus é Espírito"* (Jo 4,24) e que somos a sua imagem e semelhança, é inevitável concluirmos que, na verdade, somos também Espíritos.

Seguindo a leitura de Lucas, temos:

"E que os mortos ressuscitem, é Moisés quem dá a conhecer através do episódio da Sarça Ardente, quando chama ao Senhor: o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos; para ele, então, todos são vivos". (Lc 20,37-38).

Considerando que se afirma, na narrativa, que Abraão, Isaac e Jacó *"todos são vivos"* e que ainda não aconteceu o juízo final, para a esperada ressurreição dos corpos, se eles são vivos, são vivos, portanto, em Espírito. E, concluindo, pela comparação de Jesus, eles já ressuscitaram, ou seja, estão vivendo a vida do Espírito; por isso não morrem mais.

Assim, concluimos que, o que Jesus ensinou foi a ressurreição do Espírito, não a do corpo físico, dogma de igrejas tradicionais. O que também poderá ser confirmado em Paulo, quando diz: *"a carne e o sangue não poderão herdar o reino de Deus"* (1Cor 15,50).

d) Ressurgir em Espírito influenciando outra pessoa

Mt 14,1-2: *"Naquele tempo, Herodes, o tetrarca, veio a conhecer a fama de Jesus e disse aos seus oficiais: 'Certamente se trata de João Batista: ele foi ressuscitado dos mortos e é por isso que os poderes operam através dele!'"*.

Essa passagem nós a estamos colocando para explicar a questão de João Batista. Ora, se acreditavam que Jesus estava fazendo prodígios porque *"os poderes de João Batista operam através dele"*, isso, num português bem claro, seria a possibilidade de um morto exercer algum tipo de influência sobre um vivo. Confirmando, pelo menos como uma hipótese muito provável, que aceitavam a interferência dos mortos sobre os vivos, ou seja, isso nada mais é do que a comunicação entre os dois planos da vida.

Assim, também, podemos dizer que ressurreição, neste caso, seria a volta de um morto à condição de espírito.

E quanto a alegação de que, no diálogo com Nicodemos, Jesus estaria se referindo ao batismo, é pura interpretação de conveniência, já que a prática ritualística naquela época era a circuncisão e não o batismo. Mas sobre essa conversa leia o nosso texto ["A conversa de Jesus com Nicodemos"](#) e sobre o batismo o nosso outro texto ["O Ritual do Batismo"](#), nos quais fazemos análise minuciosa das passagens bíblicas relacionadas a cada um desses assuntos.

Em relação ao cumprimento das determinações bíblicas, especialmente quanto ao Deuteronômio, temos o texto ["Deuteronômio, lei divina ou mosaica?"](#), de onde retiramos:

Entendemos que se esse livro, o Deuteronômio, fosse mesmo todo de origem divina, os que têm a Bíblia como fundamento de sua religião, não deixariam de segui-lo. Entretanto, não é o que observamos, já que, entre várias outras coisas, não cumprem:

Dt 21,15-16: *"Se um homem tiver duas mulheres, uma a quem ama e outra a quem aborrece, e uma e outra lhe derem filhos, e o primogênito for da aborrecida, no dia em que fizer herdar a seus filhos aquilo que possuir, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, preferindo-o ao filho da aborrecida, que é o primogênito."*

Dt 21,18-21: *"Se alguém tiver um filho contumaz e rebelde, que não obedece à voz de seu pai e à de sua mãe, e, ainda castigado, não lhes dá ouvidos, pegarão nele seu pai e sua mãe e o levarão aos anciãos da cidade, à sua porta, e lhes dirão: Este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz: é dissoluto e beberrão. Então todos os homens da sua cidade o apedrejarão, até que morra; assim eliminarás o mal do meio de ti: todo o Israel ouvirá e temerá."*

Dt 22,10: *"Não lavrarás com junta de boi e jumento"*.

Dt 22,23-24: *"Se houver moça virgem, desposada, e um homem a achar na cidade e se deitar com ela, então trareis ambos à porta daquela cidade, e os apedrejareis, até que morram; a moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porque humilhou a mulher do seu próximo; assim eliminarás o mal do meio de ti"*.

Dt 23,1: *"Aquele a quem forem trilhados os testículos, ou cortado o membro viril, não entrará na assembleia do Senhor"*.

Dt 23,2: *"Nenhum bastardo entrará na assembleia do Senhor; nem ainda a sua décima geração entrará nela"*.

Dt 23,13: *"Dentre as tuas armas terás um pau; e quando te abaixares fora, cavarás com ele, e, volvendo-te, cobrirás o que defecaste"*.

Dt 25,5: *"Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer, sem filhos, então a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família; seu cunhado a tomará e a receberá por mulher, e exercerá para com ela a obrigação de cunhado"*.

Dt 25,11-12: *"Quando brigarem dois homens, um contra o outro, e a*

mulher de um chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e ela estender a mão, e o pegar pelas suas vergonhas, cortar-lhe-ás a mão: não a olharás com piedade”.

Diante do exposto, só mesmo por um fundamentalismo exacerbado pode-se atribuir tais passagens como fruto de inspiração divina.

Então, só pediremos coerência aos que advogam que a Bíblia é a palavra de Deus, que a cumpram integralmente e provem, na prática, que isso é verdadeiro. Seria até curioso ver o que fariam para cumprir o Dt 23,1, se iriam exigir atestado médico ou fazer um exame *in loco* para ver se os machos da igreja estão com “tudo” no lugar.

O profeta Isaías, muitos séculos depois que as leis de Moisés foram proclamadas, exorta o povo de Israel a não contaminar-se com ritos religiosos dos povos pagãos que os rodeavam: “Se disserem: Consultai os encantadores e os adivinhos, que sussurram falando, responde: Não consultará o povo ao seu Deus? Consultará os mortos pelos vivos? À lei e ao testemunho! Se eles não falarem conforme a esta palavra, é porque não têm iluminação”. (Isaías 8:19,20).

Essa passagem é mais uma prova de que os mortos se comunicam, fato reconhecido por Isaías, mas que o professor nega sistematicamente, mesmo citando passagem onde isso é claro. Quem interpreta os textos à sua conveniência? Coerência é o que suplicamos.

Mas antes de entrarmos nos méritos das 10 perguntas que foram dirigidas inicialmente ao Maurício, segundo as tentativas de resposta por esse promotor “profissional” do espiritismo, vejamos alguns absurdos e contradições de seu arrazoado:

*Diz ele que se não fosse pela possibilidade de comunicação dos mortos com os vivos “não existiriam os profetas, que nada mais são do que os canais de comunicação através dos quais os mensageiros divinos transmitem as suas mensagens à dimensão física”.

De onde ele tirou ideia tão estapafúrdia?! Isso é puramente teoria EXTRABÍBLICA, e se temos que analisar as coisas bíblicamente, segundo a COERÊNCIA do ensino bíblico (e creio que os nossos amigos se dispõem exatamente a tentar provar essa coerência do ensino bíblico quanto à condição dos mortos e possibilidade de comunicação entre mortos e vivos, já que não recorreriam aceitavelmente a fontes extrabíblicas, como Allan Kardec, por exemplo), então essa afirmação é inteiramente contrária às Escrituras e não passa de uma INTERPRETAÇÃO PARTICULAR do espiritismo. Aliás, essa alegação dele não é acompanhada de nenhuma passagem bíblica que a respalde.

Bom, meu caro professor, se você ainda está arraigado aos “coerentes” relatos bíblicos tomando-os à conta de verdade, realmente tudo que for contrário ao que está lá será mesmo “estapafúrdio”, como por exemplo: a Terra não ser o centro do Universo, que nosso planeta não tem apenas 6.000 anos, que não poderia haver dia e noite sem que antes tivesse sido criado o Sol, Adão e Eva não ser o primeiro casal humano, serpente não falar, dilúvio “universal” como algo estritamente local, Moisés não ter aberto o Mar Vermelho, Josué não ter parado o Sol, que o Sol não tenha voltado para que a sombra nos degraus da casa de Acaz retrocedesse, que a diversidade de línguas é por conta de fatores geográficos e não castigo de Deus, que não há como alguém ser arrebatado corporalmente ao céu, etc.

Mas da mesma forma que nos acusa de ter uma interpretação particular, retribuimo-lhe a gentileza.

Quanto aos profetas serem médiuns é só ler 1Sm 9,9, onde se afirma que: “*Em Israel, antigamente, quando alguém ia consultar a Deus, costumava dizer: 'Vamos ao vidente'. Porque, em lugar de 'profeta', como se diz hoje, dizia-se 'vidente'*”. Vidente é, dentro do conhecimento espírita, um médium, quer goste ou não. Para o Espiritismo todos os que mantiveram relações com seres espirituais (demônio, anjos, espíritos) são médiuns; isso é uma das coisas que estudamos e, com os conhecimentos atuais, podemos classificar os que aconteceram antigamente. Mas, os que não entendem desses fenômenos certamente dirão aquilo que seus conhecimentos antiquados lhes apontam.

Oportuno dizer que a tendência humana é combater tudo aquilo de que tem medo; essa é a razão pela qual os detratores lançam seus dardos venenosos contra o Espiritismo, pois temem que as verdades espíritas acabem fazendo com que seus fiéis ou companheiros de igreja debandem para o nosso lado, secando, via dízimo, a sua fonte de recursos financeiros. Não se preocupe, pois não estamos atrás de ninguém.

*Ele vem explorar o episódio do monte da transfiguração, quando o que temos ali é um aparecimento de dois seres EM FORMA CORPÓREA, pois Elias foi assunto ao céu (e já tivemos boas discussões a respeito) e Moisés claramente ressuscitou, como também podemos demonstrar e temos demonstrado em artigos específicos. Vejam no seguinte endereço:

<http://foroadventista.com/index.php/topic,163.45.html>

Uai, pensávamos que a ressurreição dos corpos só iria acontecer no final dos tempos; essa de Moisés ter ressuscitado é novidade... Aliás, em lugar algum da Bíblia encontramos essa afirmativa; e se o professor gosta de pegar as coisas ao pé da letra, não nos venha com interpretações calcadas no dogmatismo no qual vive e completamente EXTRABÍBLICO; estapafúrdio, usando de sua expressão.

Também indicamos os nossos textos: "[O caso do arrebatamento de Elias](#)" e "[Contestação do texto: O arrebatamento de Elias](#)".

*Também tenta explorar a parábola do rico e Lázaro, que sendo uma parábola simplesmente não serve como base de doutrinas. Talvez ele desconheça o princípio de que não se baseiam doutrinas sobre parábolas, textos simbólicos ou pouco claros e isolados. Isso também já foi amplamente discutido por nós nos seguintes endereços:

<http://foroadventista.com/index.php/topic,163.30.html>

<http://foroadventista.com/index.php/topic,163.0.html>

<http://www.forumnow.com.br/vip/mensagens.asp?forum=88558&topico=2501653>

Obviamente que seria de se esperar que o professor fosse mesmo tentar sair do impasse em relação a essa passagem, apelando para o simbolismo do texto; mas logo ele que gosta de interpretar tudo de forma literal?! Vejamos o que dissemos a respeito dela:

Algumas considerações: a) que os mortos não ficam dormindo, é evidente; b) que, no outro lado da vida, os espíritos estão conscientes e podem dialogar uns com os outros; c) que, se o rico pediu a Abraão para mandar Lázaro avisar a seus irmãos, é porque se acreditava na comunicação com os mortos; d) que, no plano espiritual, os espíritos também ficam preocupados com aqueles que amam e se encontram ainda no plano físico; e) que a possibilidade dos mortos se comunicarem com os vivos é indubitável, já que Abraão não contestou isso, tendo, apenas, dito que seria muito difícil que dessem ouvidos aos mortos, uma vez que não deram ouvidos nem aos vivos, aqueles que falavam em nome de Deus.

Esses são os argumentos aos quais o professor tenta sair pela tangente.

*Um exemplo claro de como toma textos que lhe favoreçam as ideias espíritas de um determinado livro ou autor bíblico, não só forçando o sentido para enquadrar-se ao seu molde espírita, como desconsiderando outras passagens do mesmo livro ou autor, se dá quando cita Jó 8:8-10. Bildade, o amigo de Jó, fala em consultar as antigas gerações, e o que diziam os antepassados. Ele logo salta à conclusão espírita de que isso se daria por prática de mediunidade, quando o contexto todo torna claro que o amigo de Jó está falando de pensamento tradicional, do que diriam os antepassados naquelas circunstâncias, enfim, a "tradição dos anciãos", para usar um termo neotestamentário. Nosso amigo espírita mesmo lembra que naquele tempo os registros escritos seriam muito raros e também poucos sabiam ler. Pois é, a referência é ao que pensavam os antepassados cujo pensamento e ideias eram mantidas como sua "tradição" tribal. Deviam considerar os "ditos" dos antigos,

apenas isso.

Aí o professor quer fazer parecer outra coisa, pois em nosso texto, como sempre o fazemos, buscamos todas as passagens bíblicas que nos levam à conclusão sobre a comunicação com os mortos; essa é apenas uma delas, mas que ele quer fazer crer que somente a apresentamos, catando-a na Bíblia.

Mas não há como negar que cada um analisa um texto de acordo com o seu conhecimento; quem, por exemplo, não acredita na comunicação com os mortos, nunca a verá em texto algum, pois sua mente está bloqueada a esse tipo de coisa.

O que dissemos:

Tempos atrás deparamos com uma interessante passagem que nos leva também à conclusão dessa realidade, embora nela não haja nenhuma manifestação. Leiamos-la:

"8. Consulte as gerações passadas e observe a experiência de nossos antepassados. 9. Nós nascemos ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão. 10. Os nossos antepassados, no entanto, vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles". (Jó 8,8-10)

O que tem isso a ver com comunicação com os mortos? "Elementar, meu caro Watson": como, naquela época, não se tinha nada escrito, aliás de pouco adiantaria, já que o analfabetismo era dominante; assim, a única forma de se consultar as gerações passadas (observar que está no plural), para meditar sobre as palavras tiradas da experiência deles, seria consultando diretamente a seus espíritos, ou seja, comunicação com os mortos.

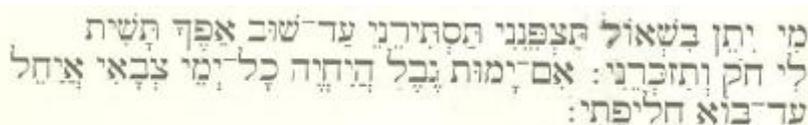
Para quem não conhece o hebraico, por exemplo, os caracteres dessa língua não lhe representam nada, enquanto isso é diferente para um conhecedor desse idioma. É o mesmo que acontece em relação à comunicação com os mortos: quem tem conhecimento consegue perceber, quem não tem jamais verá isso; terá, portanto, uma verdade distorcida, ajustada somente àquilo em que acredita.

Mas a discussão de Jó era sobre a causa do sofrimento; e se as gerações passadas podem esclarecer o porquê dele. Disso, também, poder-se-á concluir que sabiam da lei de causa e efeito (carma), no qual a expressão "somos de ontem e nada sabemos" se aplica muito bem, ou seja, nossos erros do passado são a causa de nossos sofrimentos do presente, apesar de não nos lembrarmos deles.

Agora, o próprio Jó dá é um golpe de morte sobre essa doutrina de origem pagã da imortalidade da alma em vários textos, como em 14:7-14, onde compara o homem na morte com um rio que seca, e um lago que se esgota. E em 19:25-27 onde fala de sua expectativa de encontrar o Redentor "que se levantará sobre a Terra", e daí O veria, não quando ele morresse e seu espírito fosse libertado da "prisão" do corpo, e sim quando se desse a Ressurreição, pois é então que o Redentor Se levantará sobre a Terra.

Vejamos o que o escritor Severino Celestino, autor do livro *Analisando as Traduções Bíblicas*, tem a dizer sobre algumas passagens do livro de Jó:

Texto Hebraico. Jó 14: 13 e 14



Texto hebraico transliterado

Mi iten bisheol tatspineni tastirenei ad-shuv apechá tashit li chók vetizkreni. Im-iamut goével haichiêh kol-imeí tsvaí aiachel 'ad-bô chalifati.

Tradução Literal

Mi=quem; iten=dera; bisheol=no sheol; tatspineni=meu abrigo; tastireni=me esconde; ad-shuv=até voltar, ou passar; apechá=a tua ira; tashit li= minha fraqueza; chôk=alvo; vetizkreni=e lembrar de mim. Im-iamut= se morre; goévél= deriva do verbo higvil=limitar; haichiêh= o renascimento, o reviver; kol-imeí=todos os dias; tsvaí=militar; aiachel=esperarei. Incompleto da forma qal do verbo chicháh=esperar; 'ad-bô=até que venha ou chegue; chalifati=minha nova vida, minha substituição.

Tradução do Texto

"Oxalá me abrigasses no SHEOL e lá me escondesses até se passar a tua ira e me fixasses um dia para te lembrares de mim: pois se alguém morrer, tu limitas o renascimento ou reviver? Todos os dias de minha pena eu luto e espero, até que chegue minha troca (halifati)".

Há um questionamento da parte de Jó com relação ao fato de que se acreditava que os mortos impreterivelmente iriam para o Sheol e de lá não mais sairiam.

Chamamos primeiramente atenção para a pergunta que, segundo a tradução literal acima, demonstra um sentido reencarnacionista e a descrença no Sheol eterno. Primeiro ele mostra que Deus se lembraria dele. Veja a palavra (vetizkreni=lembrar de mim). Condicionada a esta lembrança está a libertação, na qual Jó acredita plenamente e prova com a pergunta: Se alguém morre, limitas o seu renascimento? Ou ainda; impedirás de reviver? Veja o verbo limitar (higvil) que dá o principal sentido da pergunta. Resumindo: Jó não acredita que Deus impedirá ou limitará o seu e o nosso renascer.

Todos os dias eu luto (tsavaí),= militar. É a luta diária, uma verdadeira luta militar por parte de quem busca vencer as imperfeições da matéria em busca de Deus. O sentido do texto é completado quando Jó afirma, com o verbo no futuro: "esperarei que chegue a minha nova vida, minha substituição ou troca (Reencarnação)".

A maioria traduz halifá como sendo alívio, mudança, soerguimento, revezamento e substituição. Observe quantos sinônimos para uma mesma palavra cujo sentido no texto é Reencarnação. Não é curioso? Os tradutores sempre procuram mascarar, com os mais diversos sinônimos, toda citação bíblica que significa Reencarnação.

Nestes versículos, Jó eleva seu coração a Deus, e a pergunta que lhe dirige é a expressão da esperança que ele acalenta no fundo da alma. Acredita e pressente a Reencarnação, a troca, a substituição. Esse pressentimento dá-lhe forças para suportar resignado as dificuldades da vida presente, esperando que chegue a sua troca, ou substituição: outra vida feliz, como resultado da expiação que sofre, ou da provação à qual se acha submetido.

Texto Hebraico. Jó 19: 25 e 26

Texto hebraico transliterado

Vaani iadá'ti goali chai veacharon 'al-'afar iakum. Veachar 'ori nikfu-zôt umibessari echézeh elohá.

Tradução Literal

Vaani= e eu; iadá 'ti=soube, completo do qal do verbo iadá'= saber; goali= meu redentor, meu salvador; chai=vive; veacharon=e no final, e depois; 'al-'afar=da poeira, da terra; iakum=me levantarei, incompleto do verbo kam-levantar- forma qal; veachar=e depois; 'ori= minha pele; nikfu-zôt=esta será circulada, cercada, envolvida, do verbo linekôf=circular, cercar, rodear, dar voltas; umibessari=e em minha carne; echezéh=imaginarei, pensarei incompleto do verbo leehoz, imaginar, pensar; elohá=Deus.

"E soube que vive o meu redentor, e que no último dia hei de ressurgir do pó e de novo serei envolvido com a minha pele e em minha carne imaginarei ou pensarei em Deus".

Compare a tradução da Bíblia de Jerusalém

"Eu sei que meu Defensor está vivo e que no fim se levantará sobre o pó: depois do meu despertar, levantar-me-á junto dele e em minha carne verei a Deus"(Bíblia de Jerusalém) (tradução incorreta).

Observe que embora a tradução da Bíblia de Jerusalém seja uma das melhores, deixa, em determinadas passagens, dúvidas sobre o verdadeiro sentido do texto. Observe como Jó afirma "eu soube que vive o meu salvador". Com o verbo colocado no passado, parece que ele teve uma revelação recente, eu soube.

Observamos um forte sentido de certeza no retorno à matéria, demonstrado nesses versículos. Observe a tradução literal e acompanhe: "eu soube, meu salvador vive" - goali chai. No final da vida me levantarei (iakum) e em minha pele ('ori) e em minha carne (umibessari) pensarei em Deus. Aqui se completa o sentido da revelação recente.

O pressentimento da Reencarnação se converteu em certeza, quase em evidência, no ânimo de Jó. Ele já sabe que ressurgirá de novo na terra, envolto na sua pele e com um corpo carnal, no qual verá a misericórdia do seu Deus, concedendo-lhe outra vida de prova para conquistar, pelos seus merecimentos, um grau mais elevado de felicidade e perfeição. Isto será realizado, quando agarrados aos ensinamentos divinos, pudermos caminhar em seus preceitos.

Texto Hebraico. Jó 21: 17

כמה נדר־רְשָׁעִים יִדְעֶךָ וַיָּבֵא עֲלֵימוֹ אֵיִדָּם

Texto hebraico transliterado

Camáh nêr-resha'im id'ách vejavô 'aleimô eidam.

Tradução Literal

Camá=quanto; nêr=candeia, vela; resha'im= dos perversos, dos maldosos; id'ách=seu conhecimento; vejavô= e virá, incompleto da forma qal do verbo bá= vir; 'aleimô= sobre eles; eidam= desgraça, calamidade.

Tradução do Texto

"Quantas vezes se apagará a candeia dos perversos e lhes sobrevirá a calamidade ou colheita do mal ou infelicidade?"

A Bíblia de Estudo Pentecostal¹⁴, revista e corrigida, edição de 1995, traz a seguinte tradução para Jó 21: 17: "Quantas vezes sucede que se apaga a candeia dos ímpios, e se lhes sobrevém a destruição? E Deus, na sua ira, lhes reparte dores!" (Tradução incorreta).

Análise a tradução do texto acima e observe que a palavra destruição está muito forte na tradução do versículo, pois Deus não destrói ninguém. Por isso, com a certeza da chance de um recomeço, a palavra melhor para o texto é colheita do mal, ou infelicidade.

Os ímpios, perversos ou maldosos, que permanecem no erro, verão apagada, repetidas vezes, a vela, candeia ou chama (nêr em hebraico) da sua vida de erros, até que se arrependam e procurem o caminho de Deus. Através de conhecimentos (id'ách) que lhes tragam uma nova verdade, voltarão ao mundo espiritual, frequentemente, para expiarem, pelo remorso, as obras do seu iníquo coração e depois renascerem na vida corporal para repararem os males cometidos em suas anteriores existências. Morrerão e renascerão, inúmeras vezes, até que tenham sufocado em sua alma a iniquidade e o desejo de infringir a lei da consciência e do dever.

Para concluir o livro de Jó, apresentamos uma completa notícia da Reencarnação encontrada no capítulo 33: 21-30 do seu livro: "Consome-se sua carne, desaparecendo da vista, expondo os ossos que antes não se viam. Sua alma aproxima-se da sepultura, e sua vida do jazigo dos mortos, a não ser que encontre um Anjo favorável, um Mediador entre mil, que dê testemunho de sua retidão, que tenha compaixão dele e diga: Livra-o de baixar à sepultura, que encontrei resgate para sua vida; e sua carne reencontrará a força juvenil e voltará aos dias de sua juventude. Suplicará a Deus e será atendido, contemplará com alegria sua face. Anunciará aos homens sua justificação, cantará diante deles e dirá: Pequei e violei a justiça: e Deus não me tratou de acordo com a minha culpa. Salvou minha alma da sepultura, e minha vida se inunda de luz. Tudo isso faz Deus duas ou três vezes ao homem, para tirar sua alma da sepultura e iluminá-lo com a luz da vida"

Observe que todo este trecho refere-se à misericórdia divina dando uma nova chance àquele que errou. O último versículo grifado confirma, ainda, que Deus salva nossa alma da sepultura, duas ou três vezes, inundando-a de luz.

"Duas ou três vezes" é um número simbólico que significa quantas vezes seja necessário até a nossa completa evolução.

O ZÔHAR esclarece o versículo 28, "Ele libertou a sua alma e ela não desce à cova", afirmando que se a alma está manchada de pecados e erros. Ele recusará designar-lhe o mesmo corpo utilizado anteriormente, do qual para sempre ela fica privada, a menos que o seu Senhor lhe conceda a sua graça e reconduza ao corpo (por transmigração ou Reencarnação), pois "Ele permitirá que seja liberta". (SILVA, 2001, p. 174-180). (grifos do original).

É deveras interessante a "coerência" do professor ao dizer que a imortalidade da alma é doutrina de origem pagã, porquanto, existem muitas outras coisas na Bíblia que também são de origem pagã, mas que você faz vista grossa, já que não contrariam o seu dogma. Vejamos algumas:

a) criação do mundo/dilúvio

[...] Ao contrário, hoje nenhum exegeta se recusa mais em reconhecer, por exemplo, que a narrativa bíblica do dilúvio coincide com a que aparece no poema de *Gilgamesh*, muitos séculos mais antigo; ou que o relato genesíaco da criação não é alheio ao imaginário mitológico do *Enuma Elish*, igualmente anterior. (QUEIRUGA, 2004, p. 72). (grifo nosso).

b) paraíso

[...] Um velho termo, *paraíso*, que o hebreu, como todas as línguas do Oriente, havia tomado emprestado da Pérsia, e que designava primeiramente os parques dos reis arquemênidas, resumia o sonho de todos: um jardim delicioso onde haveria para sempre a vida encantadora que não se levava cá embaixo.⁴⁶ (RENAN, 2004, p. 223). (grifo nosso);

d) satã

A primeira menção de Satã na qualidade de acusador oficial num tribunal aparece, portanto, em Zacarias 3,1-5, datada de 520-518. Esse texto, escrito sem dúvida pouco após a volta dos hebreus exilados da Babilônia a Jerusalém, mostra a influência que os babilônios tiveram sobre os autores judeus. (CRETÉ, s/d, p. 13). (grifo nosso).

Sob a influência das doutrinas de Zaratustra, os judeus começaram a crer na existência dum espírito que procurava desfazer a obra de Jeová. E a esse adversário deram o nome de Satã.

Passaram a odiá-lo e temê-lo, e no ano 331 convenceram-se de que Satã andava pela terra. (VAN LOON, 1981, p. 122). (grifo nosso).

e) fim dos tempos, terra um novo mundo, prisão de satã

[...] A Pérsia, desde uma época remota, concebeu a história do mundo como uma série de evoluções, cada uma delas presidida por um profeta. Cada profeta tem seu *hazar*, ou reino de mil anos (quilliasmo), e dessas idades sucessivas, análogas aos milhões de séculos decorridos de cada buda da Índia, se compõe a trama dos acontecimentos que prepararam o reino de Ormuz. No final dos tempos, quando o círculo de quilliasmos se houver cumprido, virá o paraíso definitivo. Então os homens viverão felizes. A terra será como uma planície; haverá uma só língua, uma única lei e um único governo para todos os homens. Entretanto, Esse acontecimento será precedido por terríveis calamidades.

Dahak (o satã da Pérsia) romperá os grilhões que o acorrentam e se abaterá sobre o mundo. (RENAN, 2004, p. 119). (grifo nosso).

f) precursores do messias

[...] Essa ideia de dois antigos profetas ressuscitando para servir de precursores do Messias é encontrada de forma tão marcante na doutrina dos parses, que se é levado a crer que ela se originou na Pérsia. (RENAN, 2004, p. 228). (grifo nosso).

g) nascimento sobrenatural do messias

[...] Acrescentamos que, durante os três primeiros séculos, frações consideráveis do cristianismo negaram obstinadamente a descendência real de Jesus e a autenticidade das genealogias. Dessa forma, sua lenda foi o fruto de uma grande e espontânea conspiração e se construiu em volta dele enquanto vivo. Nenhum grande acontecimento da história se passou sem que desse motivo para um ciclo de fábulas. Jesus não pode, mesmo querendo, interromper essas criações populares. Talvez um olhar sagaz teria sabido reconhecer desde então a origem dos relatos que deviam lhe atribuir um nascimento sobrenatural, seja por causa dessa ideia, bastante difundida na Antiguidade, de que o homem fora do comum não pode ter nascido de relações comuns entre dois sexos, seja para responder a um capítulo mal entendido de Isaías, onde se pensava ler que o Messias nasceria de uma virgem, seja, enfim, em consequência da ideia de que o "sopro de Deus", instituído em substância divina, é um princípio de fecundidade. (RENAN, 2004, p. 258-259). (grifo nosso).

h) ressurreição da carne

Os egípcios acreditavam que o corpo ressuscitaria magicamente do outro lado da vida por meio de um ritual chamado de 'abertura da boca'. O sacerdote ou alguém da família tocava a boca do morto com um instrumento de metal para que ele pudesse ter uma boa passagem para o outro mundo e conseguisse pronunciar as palavras necessárias na hora do julgamento. (FELIPPE, 2003, p. 40-45). (grifo nosso)

[...] Mas, para os egípcios, havia algo de maior significado que se expressava na preservação de bens valiosos dos mortos e construções de obras de estrutura física, que poderiam garantir uma outra vida além da morte, de muita fortuna. Para eles, após o falecimento do corpo, o morto de qualquer classe social teria uma existência semelhante à da Terra, mas sem os problemas e as necessidades desta.

Crença absoluta

A morte, para os egípcios, tinha um especial interesse. Havia entre eles uma crença absoluta no renascer dos mortos. Por isso, a preocupação em preservar o cadáver e o desenvolvimento da técnica de mumificação. De acordo com sua religião, a alma precisava de um corpo para morar por toda a eternidade. [...]

Morada definitiva

Se a vida poderia durar eternamente, desde que a alma encontrasse no túmulo o corpo destinado a servir-lhe de morada, era preciso, portanto, preservar suas características físicas. Essa necessidade religiosa fez com que os egípcios desenvolvessem a técnica de mumificação. [...] (A Magia do Egito, nº 01, s/d, p. 47). (grifo nosso).

i) juízo final/paraíso/segunda morte

No mundo dos mortos, os egípcios eram julgados pelo deus Osíris e seus 42 assessores. Diante de cada juiz, o defunto declarava não ter passado por determinada infração. Seu coração era pesado numa balança. 'Se pesasse mais que a pluma da justiça de Maat, a deusa da ordem universal, o morto seria engolido por um monstro em forma de crocodilo, leão e hipopótamo e teria, assim, uma morte definitiva, deixando por completo de existir', afirma o historiador *Ciro Flamarion Cardoso*, da Universidade Federal Fluminense.

(FELIPPE, 2003, p. 42). (grifo nosso).

Espírito e trabalho

[...]

Tão logo falecia, a pessoa tinha de ser submetida a um julgamento pelo chamado Tribunal dos Deuses, uma espécie de justiça divina, presidido pelo deus Osíris.

Segundo o ritual, o morto prostrava-se diante das autoridades celestiais e fazia uma espécie de confissão, na qual declarava que não cometera más ações durante sua vida.

Livro dos mortos

[...]

No centro, aparece o deus Anúbis, com cabeça de chacal, que faz a pesagem na balança – no prato, à direita, aparece o coração do morto, sede da consciência e onde estavam registradas suas ações na terra; no prato esquerdo, há uma pena, símbolo de Maat, a deusa da verdade: á direita, encontra-se Toth, que anota num papiro os resultados das pesagens.

Vida justa

Se a pesagem constatar que o coração teve peso mais leve que a verdade, isso significava que o espírito não estava proferindo uma mentira quando afirmou que levou uma vida justa e respeitosa. Por isso, o tribunal posicionava-se que o mesmo estava apto a conquistar a vida eterna no paraíso. (*A Magia do Egito*, nº 01, s/d, p. 50). (Grifo nosso).

O julgamento final era a prova de fogo para que a pessoa morta alcançasse, finalmente, a vida eterna.

No julgamento final, o morto deveria provar que foi verdadeiro e justo durante a vida, sem ter faltado com a verdade.

Se a pessoa não passasse pelo julgamento final, estaria condenada a uma espécie de coma perpétuo, ou seja, teria então uma segunda morte porque, agora, o acesso à eternidade estaria vedado. (*A Magia do Egito*, nº 05, s/d, p. 12).

h) Trindade

Os deuses [Egípcios] costumavam ser divididos em grupos, geralmente em tríades compostas por duas divindades adultas e uma jovem. Assim, por exemplo, existe a tríade de Tebas, que compreende Amon-Rá, Mut e Khons, divindades dos três principais templos de Karnak. (*A Magia do Egito*, nº 5, s/d, p. 17).

Muitas coisas mais poderiam ser listadas, mas para o que pretendemos essas bastam. Qualquer semelhança entre algumas coisas aqui colocadas com aquilo que o professor crê, não é mera coincidência, é doutrina de origem pagã mesmo.

Entretanto, muito pior que isso, são fatos que não correspondem à realidade, narrados por conta da ficção literária do autor, o que compromete sobremaneira a tese de que a Bíblia é a palavra de Deus, e você certamente acredita, como, por exemplo, a conquista de Jericó. Vejamos:

Js 6,1-5: "Jericó estava rigorosamente fechada por causa dos israelitas. Ninguém saía e ninguém entrava. Quando derem um toque prolongado, quando ouvirdes o som da trombeta, todo o povo lançará um grande grito; o muro da cidade virá abaixo, e o povo subirá, cada um à sua frente".

Explicações para o fato:

6.1: O relato da tomada de Jericó é uma espécie de modelo da estratégia usada na conquista das cidades-estado de Canaã. Na ocasião da conquista, Jericó não tinha muralhas, e talvez já nem fosse habitada, pois tinha sido destruída fazia dois séculos. Provavelmente, foi nesse lugar que começou a ser celebrada a representação ritual de uma guerra santa com

pormenores *litúrgicos* (arca, procissão, sacerdotes, sete dias, toque de trombeta) e *guerreiros* (arca, guerreiros, grito de guerra, toque de trombeta). (Bíblia Sagrada Paulinas, p. 247). (grifo nosso).

6,1: Por ocasião da conquista, Jericó não tinha muralhas e talvez nem fosse habitada, pois já fora destruída há dois séculos. Temos aqui uma comemoração festiva de *caráter litúrgico* (arca, procissão, sacerdotes, 7 dias, grito, toque de trombeta) e *guerreiro* (arca, tropas de guerra, grito, toque de trombeta, talvez a representação ritual de uma guerra santa. O tema central é a conquista maravilhosa da cidade: Deus venceu o inimigo para dar a Terra ao seu povo. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 241). (grifo nosso).

Teria ela [Jericó] caído vítima de quaisquer conquistadores, posteriormente integrados ao reservatório humano chamado "Israel" e cujas conquistas acabaram por passar para a Bíblia, conforme o relato bíblico da "tomada da terra"? Se, de fato, somente na época da "tomada da terra", ou seja, em meados ou fins do século XIII a.C., os israelitas alcançam Jericó, então nem precisavam conquistá-la, pois ela já havia sido abandonada por seus habitantes! (KELLER, 2000, p.180) (grifo nosso).

Jericó estava entre as mais importantes. Como já observamos, as cidades de Canaã não eram fortificadas, e não existiam muralhas que pudessem desmoronar. No caso de Jericó, não havia traços de nenhum povoamento no século XIII a.C., e o antigo povoado, da Idade do Bronze anterior, datando do século XIV a.C., era pequeno e modesto, quase insignificante, e não fortificado. Também não havia nenhum sinal de destruição. Assim, a famosa cena das forças israelitas marchando ao redor da cidade murada com a Arca da Aliança, provocando o desmoronamento das poderosas muralhas pelo clangor estarrecedor de suas trombetas de guerra, era para simplificar, uma *miragem romântica*. (FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 119). (grifo nosso).

Apesar de tudo isso, nós ainda encontramos fundamentalistas que continuam advogando a realidade dessa conquista, buscando uma causa milagrosa: "A queda dos muros de Jericó não se deveu nem ao grito de guerra, nem ao som das trombetas, e não se pode explicar senão como um milagre. Portanto, toda outra interpretação deve ser rejeitada como falsa e arbitrária (Hebr. 11,30). O autor quer fazer ressaltar a intervenção divina". (Bíblia Sagrada Paulinas, p. 225). Eh! realmente, as pessoas acreditam naquilo que querem.

Aliás, é bom transcrevermos um pensamento fantástico de Renan, visto que o assinaríamos embaixo:

Eu escrevo para propor minhas ideias aos que buscam a verdade. Quanto às pessoas que necessitam, no interesse de sua crença, que eu seja um ignorante, um espírito falso ou um homem de má-fé, não tenho a pretensão de modificar seus julgamentos. Se essa opinião é necessária ao sossego de algumas pessoas piedosas, terei o maior escrúpulo em desiludi-las. (RENAN, 2004, p. 18).

Mas o golpe quem dá é Jesus, não contra a imortalidade da alma, porém aos que não acreditam nela: "*E não temais os matam o corpo, e não podem matar a alma, temeu antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto o a alma como o corpo*" (Mt 10,28), ou seja, não devemos temer aos homens porque eles só podem matar o corpo, porquanto a alma sendo imortal somente Deus poderá, se o quisesse, fazer que ela deixe de existir. Sobre a imortalidade da alma recomendamos que leia o nosso texto "[A imortalidade da alma](#)", onde tratamos exaustivamente desse assunto.

E que tal esta passagem de Jó que nosso amigo certamente descartará como, talvez, uma "mentira" ou sei lá o quê?:

"Lembra-te de que a minha vida é um sopro; os meus olhos não tornarão a ver o bem. Os olhos dos que agora me veem não me verão mais; os teus olhos estarão sobre mim, mas não serei mais. Tal como a nuvem se desfaz e some, aquele que desce à sepultura nunca tornará a subir. Nunca mais tornará à sua casa, nem o seu lugar o conhecerá mais". Jó 7:7-10.

O dizer do patriarca que o morto não mais volta a sua casa por si só exclui

a noção de retorno dos mortos para comunicar-se com os vivos, e o fato de declarar que não mais tornará a subir da sepultura deve-se entender dentro do sentido hebraico do “para sempre” (olam), como Jonas expressou ao estar no ventre do peixe. Para ele “para sempre” estaria excluído do mundo dos vivos, mas isso só durou três dias e três noites (Jonas 2:6). Todos ressuscitarão, como Jesus mesmo ensinou: os que fizeram o bem, na ressurreição da vida; os que fizeram o mal, na ressurreição da condenação – João 5:28, 29.

Vejamos o início deste capítulo:

“O homem vive na terra cumprindo um serviço militar, e seus dias são como os do diarista: tal e qual um escravo, ele suspira pela sombra e, como o diarista, espera pelo seu salário. Assim, a minha herança são meses de ilusão, e a mim couberam noites de fadiga. Ao me deitar, fico pensando: ‘Quando me levantarei?’ A noite é muito longa, e me canso de ficar rolando na cama até a aurora. Minha carne está cheia de vermes e feridas, e minha pele se rompe e supura”. (Jó 7,1-5).

Por que será que o professor não iniciou desse ponto? Não seria porque aqui fica claro que, se o homem vive na terra cumprindo um serviço militar, há que retornar ao quartel? Entretanto, como o físico vai “aos vermes”, sobra a alma para voltar, não é mesmo? Mas isso é imortalidade da alma, pois, quanto ao corpo, o que acontece é exatamente o que Jó propôs: “carne cheia de vermes”. Fala, portanto, da vida física, o que não quer dizer que não haja uma alma imortal, qual soldado em serviço militar.

Mas não é fácil entendermos o que realmente pensa, pois, apesar de dizer que não há imortalidade da alma, ele diz da ressurreição; será que está pregando a ressurreição apenas do físico? Não seria ela contrária às passagens?: “Deus é Espírito” (Jo 4,24); “O espírito é que dá vida, a carne não serve para nada” (Jo 6,63); “a carne e o sangue, não podem herdar o reino dos céus” (1Cor 15,50); e Paulo, taxativo, disse: “... é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual” (1Cor 15,44).

Se não há no homem o dualismo, ou seja, corpo e espírito, então o que Jesus entregou ao pai (“Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.” Dizendo isso, expirou. [Lc 23,46]), considerando que o seu corpo ainda estava pregado na cruz? Teria entregado seu fôlego? E essas passagens, o que significariam?:

“Você pensa que o meu espírito não estava presente quando alguém desceu do carro e foi encontrar você?...” (2Rs 5,26).

“Por isso, não ficarei calado; meu espírito angustiado falará e minha alma entristecida se queixará”. (Jó 7,11).

“Em tuas mãos entrego o meu espírito. Resgata-me, Javé Deus!” (Sl 31,6).

“Por ti suspira a minha alma a noite toda, no meu íntimo o meu espírito madruga por ti, pois sempre que tuas sentenças chegam à terra, os habitantes do mundo aprendem a justiça”. (Is 26,9).

“Aqueles que Deus protege, vivem; e entre eles, viverá o meu espírito: tu me curaste e me fizeste reviver”. (Is 38,16).

“Então Maria disse: ‘Minha alma proclama a grandeza do Senhor, meu espírito se alegra em Deus, meu salvador,’” (Lc 1,46-47).

“Atiravam pedras em Estevão, que repetia esta invocação: ‘Senhor Jesus, recebe o meu espírito’”. (At 7,59).

“Sim, estamos cheios de confiança e preferimos deixar a mansão deste corpo, para irmos morar junto do Senhor”. (2Cor 5,8).

“Caro amigo: desejo que você prospere em tudo e que a saúde do seu corpo esteja tão bem quanto à de sua alma”. (3Jo 1,2).

“Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi por detrás de mim uma grande voz, como de trombeta”. (Ap 1,10)

Se quer saber mesmo a nossa opinião sobre o livro de Jó, basta ler o nosso texto "[A lenda bíblica de Jó](#)" e não se surpreenda com o resultado.

E vejam o que ele me apresenta como argumento:

"Certa feita o pastor Neemias Marien, quem mais conhece de Bíblia, aqui nas terras do pau-brasil, numa entrevista no programa Espiritismo Via Satélite, respondendo à pergunta 'se na Bíblia havia passagens que comprovam a comunicação com os mortos', ele cita Jesus ordenando a Lázaro que saísse do sepulcro".

Primeiro, esse pastor é considerado um apóstata pelos evangélicos, e talvez nosso amigo espírita não saiba que ele foi até excluído de sua denominação por ideias extravagantes e antibíblicas que apresenta e que não condizem com o pensamento consagrado pelos cristãos evangélicos. E seus conhecimentos bíblicos não provam nada de que saiba interpretar as Escrituras, pois uma de suas teses é a de defesa da homossexualidade como perfeitamente aceitável do ponto de vista cristão. Isso é bíblico?!

Ademais, vemos o absurdo de alegar que o espírito de Lázaro estava preso a seu cadáver para ouvir o chamado de Cristo. Mas onde está a prova de que as "almas" ficam presas a seus corpos? É esse o triste destino dos que morrem? Ficam amarrados pelo menos 4 dias a seus corpos, pois se o episódio da ressurreição de Lázaro prova que sua alma estava lá para ouvir a voz de Cristo, por que não deixou esse corpo, sendo que uma das ideias mais tradicionais, clássicas e "lógicas" dos crentes na imortalidade da alma, inclusive espíritas, é exatamente a "partida" da alma, ou espírito? No entanto, Lázaro morreu e sua alma não partiu para lugar nenhum! Ficou amarrada ao corpo, até cheirar mal...

Espero que as almas não tenham o sentido do olfato. Já pensou, gente, se ficam nessas condições por algumas semanas ou meses?

Muito interessante... Então, quer dizer que as Igrejas expulsam os que não seguem a sua cartilha? Certamente, que isso não é seguir algum exemplo de Jesus. Só apelando para Paulo que disse: *"...onde se acha o Espírito do Senhor aí existe a liberdade."* (2Cor 2,17), o que, em outras palavras, quer dizer que, onde não há LIBERDADE o Espírito do Senhor não se acha presente. Então, quem estará nessas Igrejas onde não há liberdade?... E, lembrando-nos do que Jesus disse, *"Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará"* (Jo 8,32), podemos concluir que a verdade preconizada pelo Mestre é aquela que liberta; sinal que, onde a "liberdade" aprisiona, os seus divulgadores não são, obviamente, discípulos de Jesus.

Por mais intransigente que seja, ninguém poderá tirar o título do pastor Neemias de maior conhecedor de Bíblia no Brasil; exatamente por conhecê-la muito, foi que chegou à conclusão daquilo que citamos de sua fala. Mas isso irritou os fundamentalistas que acabaram por expulsá-lo de sua Igreja, e ainda têm a coragem de dizer que seguem a Jesus!... Se o pastor Neemias defende os homossexuais do preconceito e da discriminação, talvez seja porque ele tenha entendido a passagem onde Jesus diz que aquele que não tiver pecado, atire a primeira pedra (Jo 8,7); conseqüentemente, o que ele faz, além de ser cristão, é bíblico, já que os ensinamentos de Jesus se encontram na Bíblia; a não ser que estejamos enganados e o professor certo.

Mas porque temos certeza de que a alma de Lázaro estava lá, é bem simples: *"o Espírito é que dá vida, a carne não serve para nada"* (Jo 6,63); e se ele ressuscitou foi porque seu espírito, ao invés de voltar a Deus (Ecl 12,7), voltou, por ordem de Jesus (depois da oração), a seu corpo. Quanto ao "cheirar mal" é pura suposição, porque, quem disse isso não entrou no túmulo, de forma a enfiar o seu nariz, para constatar.

O professor demonstra que pouco sabe de Espiritismo, apesar de querer posar de conhecedor; só porque tem amigos espíritas... Nem sempre os espíritos "partem"; muitos, muitos mesmo, ficam presos àquilo que deram valor quando ainda viviam aqui na terra, confirmando o que disse Jesus: *"onde está o seu tesouro aí também estará o seu coração"* (Mt 6,21); fora o período de perturbação por que passam todos os espíritos recém-desencarnados.

Sobre Jesus ser o "divisor de águas", há uma série de equívocos e pontos que precisam ser melhor definidos.

Primeiro, nosso amigo incorre no erro clássico que sempre encontramos

por aí, de que Jesus foi um promotor de ideias “revolucionárias”, totalmente contrárias ao pensamento vigente. Pois é EXATAMENTE O CONTRÁRIO. Ele disse que não veio abolir a lei, e recomendou o seu fiel cumprimento, inclusive, sim senhor, de seus aspectos cerimoniais, como levar a oferta ao altar (ver Mat. 5:23,24).

E quando Ele proclama a famosa “lei áurea”, não estava fazendo NADA diferente do que já constava do Velho Testamento. Ao falar em “amor a Deus sobre todas as coisas” e “amor ao próximo como a nós mesmos” Ele nada mais fazia do que CITAR MOISÉS! Pois é, basta comparar Mat. 22:36-40 com Deuteronômio. 6:5 e Levítico 19:18.

E há até um episódio interessante em que um escriba O desafia--certamente querendo apanhá-Lo contradizendo as tradições de Israel para ter motivo de O acusar--qual era o grande mandamento da lei. Cristo lhe responde com a “lei áurea” novamente. E qual foi a reação do indagador? Terminou elogiando-O por sua sábia resposta, em vez de sair dizendo que ali estava um “revolucionário”, com ideias antijudaicas! Por quê? Ora, como eu disse, Cristo não contradizia EM NADA o que o escriba sabia ser os fundamentos da religião de Israel — amor a Deus e amor ao próximo (ver Mar. 12:28-34).

E quando Cristo faz Suas famosas declarações do “ouviste o que disseram os antigos/Eu, porém, vos digo” Ele está mostrando a Seus ouvintes que a lei que conheciam tinha aspectos mais profundos e éticos do que imaginavam, já que eram mal orientados pela liderança religiosa da época. Pois olhar para uma mulher com lascívia JÁ ERA condenado, como lemos em Jó 31:1. E odiar um irmão, idem (Lev. 19:17). Não se trata de regras que instituía e deviam passar a valer dali em diante...

Portanto, reitero—Cristo não está apresentando nenhuma “novidade cristã”, apenas ressaltando aspectos do que já conheciam, mas dando um caráter mais profundo, como fica claro ao Ele declarar: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo algum entrareis no reino dos céus” (Mat. 5:20).

Retomemos o que dissemos:

Jesus, para nós, é o divisor de águas em relação à revelação divina, fato percebido por João Batista quando disse: *“Porque a Lei nos foi dada por meio de Moisés; mas a graça e a verdade nos vieram por meio de Jesus Cristo”* (Jo 1,17), o que nos leva à conclusão que a verdade só iremos encontrá-la em Jesus. Mas não bastasse isso, “o teor geral das escrituras” nos aponta para somente seguirmos os ensinamentos do meigo Rabi da Galileia; senão vejamos:

a) significativa a sua ação nas bodas de Caná, cujo sentido iremos encontrar neste trecho: *“Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. Os que serviam estavam sabendo, pois foram eles que tiraram a água. Então o mestre-sala chamou o noivo e disse: ‘Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora’”*. (Jo 2,9-10), donde podemos concluir que o “vinho bom” são exatamente os seus ensinamentos, que, a partir daquele momento, seriam divulgados para o conhecimento do público;

b) estabeleceu até quando iria prevalecer a legislação mosaica: *“A Lei e os profetas chegaram até João; daí para a frente o Reino de Deus é anunciado,...”* (Lc 16,16), ou seja, até João Batista a Lei e os profetas; depois disso, o Evangelho;

c) aquilo que realmente era de origem divina, na lei anterior, Ele resumiu, sabiamente, em: *“Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, e com todo o seu entendimento. ... e ame ao seu próximo como a si mesmo”. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos*. (Mt 22,37-40), completando: *“Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles. Pois nisso consistem a Lei e os Profetas”*. (Mt 7,12), o que, fatalmente, põe por terra toda a legislação anterior que não se enquadrar nisso;

d) para ser mais claro, revoga e/ou modifica a legislação mosaica, dizendo, por várias vezes, *“aprendestes que foi dito aos antigos, eu, porém, vos digo”*, quando: amplia o “não matarás”; diz que se adultera até por desejar a mulher do próximo; fala para não jurarmos de forma alguma; orienta para não oferecermos resistência aos que querem

nos fazer mal; e, por fim, mostra a necessidade de amarmos até mesmo os nossos inimigos (Mt 5,21.27.31.33.38.43). Além disso, revogou a pena de morte aos que viessem a trabalhar no sábado (Mc 2,27), e também sobre o adultério, ao dizer à mulher: *"vá e não peques mais"* (Jo 8,11);

e) já quase perdendo a paciência com os fundamentalistas de sua época, que lhe exigiam o cumprimento da lei anterior, diz: *"Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, porque o remendo repuxa o pano, e o rasgo fica maior ainda. Também não se põe vinho novo em barris velhos, senão os barris se arrebentam, o vinho se derrama e os barris se perdem. Mas vinho novo se põe em barris novos e assim os dois se conservam"*. (Mt 9,16-17); certamente, que hojealaria a mesma coisa para as lideranças religiosas dos nossos dias;

f) ressaltamos ainda que, por ter conversado com os espíritos de Moisés e Elias (Mt 17,3), acabou por revogar qualquer tipo de proibição anterior, já que apenas orientou a seus discípulos que não divulgassem tal fenômeno senão depois de sua ressurreição (Mt 17,9). E, como ele mesmo afirmou, que tudo o que ele fez nós poderíamos fazer (Jo 14,12). Logo, quem dialoga com os mortos com seriedade e responsabilidade está seguindo o seu exemplo;

g) Paulo de Tarso e o autor de Hebreus perceberam a supremacia dos ensinamentos de Jesus, o que pode ser confirmado nas passagens: Rm 7,4-6; 2Cor 3,6-14; Gl 2,21; 3,23; Hb 7,18; 10,9; 8,6-7.13.

Se estamos em erro "clássico", que dirá Jesus que alterou e reinterpretou a "inerrante" Bíblia da época. Pelo menos estamos conforme alguns autores bíblicos que citamos e que você nem se deu ao trabalho de ver, inclusive, entre eles Paulo, provando estar em erro "crasso":

Rm 7,4-6: *"Meus irmãos, o mesmo acontece com vocês: pelo corpo de Cristo, vocês morreram para a Lei, a fim de pertencerem a outro, que ressuscitou dos mortos, e assim produzirem frutos para Deus. De fato, quando vivíamos submetidos a instintos egoístas, as paixões pecaminosas serviam-se da Lei para agir em nossos membros, a fim de que produzíssemos frutos para a morte. Mas agora, morrendo para aquilo que nos aprisionava, fomos libertos da Lei, a fim de servirmos sob o regime novo do Espírito, e não mais sob o velho regime da letra"*.

Gl 2,21: *"Portanto, não torno inútil a graça de Deus, porque, se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu em vão"*.

Hb 7,18: *"Assim, fica abolida a lei anterior, por ser fraca e inútil;"*.

Hb 8,6-7.13: *"Jesus, porém, foi encarregado para um serviço sacerdotal superior, pois é mediador de uma aliança melhor, que promete melhores benefícios. De fato, se a primeira aliança não tivesse defeito, nem haveria lugar para segunda aliança. Dizendo "aliança nova", Deus declara que a primeira ficou antiquada; e aquilo que se torna antigo e envelhece, vai desaparecer logo"*.

Na passagem em que Jesus cita o ritual de oferta, apesar de estar se referindo a ele, isso não quer necessariamente dizer que estava sancionando-o, apenas dizia de algo que faziam à época. Entretanto, poderemos argumentar *"Vós deixais o mandamento de Deus, e vos apegais à tradição dos homens"* (M 7,8) ou, quem sabe, assim fica melhor: *"Cegos! Pois qual é maior: a oferta, ou o altar que santifica a oferta?"* (Mt 23,19). Mas essa questão também pode ser tirada de: *"Esses alimentos, bebidas e diferentes tipos de purificação com água, são apenas prescrições humanas, válidas até o tempo em que seriam corrigidas."* (Hb 9,10), o que deixa os aspectos cerimoniais sem o menor valor.

Para corroborar o nosso pensamento, vamos recorrer a dois renomados filósofos.

Baruch de Espinosa: *"... concluí que as leis reveladas por Deus a Moisés não eram senão o direito particular do Estado hebraico e, por conseguinte, ninguém a não ser os hebreus lhe estava sujeito"*. (p. 11). Mais à frente disse: *"Acréscetarei apenas isto: as leis do Antigo Testamento não foram reveladas e prescritas senão aos judeus"* (ESPINOSA, 2003, p. 55).

Ernest Renan: Jesus foi o primeiro que ousou dizer que a partir dele ou, por outra, a partir de João ⁴⁹, a Lei não mais existia". Em relação à nota 49 disse: "Luc. XXVI,16. A passagem de Mat., XI,12-13, é menos clara; contudo, não pode ter outro sentido". (RENAN, 2004, p. 244).

Mas quem comete erro - não um clássico, mas um crasso - é o professor, pois, quando Jesus disse que não tinha vindo abolir a Lei, estava dizendo que não havia vindo para contrariar as profecias sobre ele, conforme podemos ver pelo nosso texto "[O Antigo Testamento foi revogado por Jesus?](#)", de onde transcrevemos o seguinte:

Lc 24,25-27: "Ele então lhes disse: 'Ó homens sem inteligência, como é lento o vosso coração para crer no que os profetas anunciaram! Não era preciso que Cristo sofresse essas coisas para entrar na glória?' E partindo de Moisés começou a percorrer todos os profetas, explicando em todas as Escrituras, o que dizia a respeito a ele mesmo".

Após ressuscitar, Jesus caminha com dois discípulos que estavam indo para a aldeia de Emaús, e lhes explica o que nas Escrituras se dizia a respeito dele: iniciando por Moisés, percorre todos os profetas, ou seja, esclarece-lhes somente o que era importante e que deveria ser cumprido na Lei e nos Profetas. Portanto, o que Ele não veio revogar ou abolir foram as profecias contidas nas Escrituras a Seu respeito. Se tudo nas Escrituras fosse importante, não iria restringir-se só a explicar o que dizia a Seu respeito. E para provar que não estamos distorcendo os fatos, vejamos a passagem seguinte.

Lc 24,44-45: "A seguir Jesus lhes disse: São estas palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras".

Vejam vocês como fica perfeitamente claro o que Jesus quis dizer quanto ao cumprimento das Escrituras. Não era, portanto, tudo quanto existia nas Escrituras, mas somente **importava que se cumprisse tudo o que dele estava escrito nela**, ou seja, sua origem da casa de Davi, sua missão, todo o seu padecimento que culminou com sua morte na cruz e sua gloriosa ressurreição. Assim não há como entender de outra forma, a não ser que as palavras de Jesus não sirvam para nada ou que as queiramos distorcer.

Aquilo que reputamos ser mesmo de origem divina não foi revogado; antes, ao contrário, há expressa sanção, conforme pode-se ver em Mt 19,18-19; 22,38-40; Mc 10,19; 12,28-31; Lc 18,20. Nessas passagens é que se encontram os mandamentos propostos por Jesus. Em João encontramos algo mais incisivo, onde não recomenda seguir a Moisés; vejamos: *"Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. Quem aceita os meus mandamentos e a eles obedece, esse é que me ama. E quem me ama, será amado por meu Pai. Eu também o amarei e me manifestarei a ele".* (Jo 14,15.21).

Ainda podemos demonstrar mais especificamente que Jesus alterou a legislação mosaica, quando disse que devemos amar até os nossos inimigos, contrário a Lei de Moisés que permitia odiá-los; no momento que não recomendou cumprir essa lei no caso da mulher surpreendida em adultério, cuja pena devia ser o apedrejamento até a morte, e, ainda, ao dizer que o sábado foi feito para o homem, contrariando a ordem mosaica de matar os que trabalhassem nesse dia. Isso tudo prova que Jesus não veio para cumprir a Lei de Moisés, e não que teria dado um caráter mais profundo; mas, pedir a um fundamentalista que entenda isso, é coisa sem sentido; não acreditará!

Aliás, neste ponto nosso amigo espírita até contraria um artigo seu a que eu me referi, sobre a carne de porco. Pois ele mesmo mostra que é um erro considerar a lei divina que a proíbe como abolida, pois nem estava nas tábuas de pedra, que ele reconhece constituir uma "lei especial", já que foi colocada dentro da arca, enquanto as demais leis ("humanas", segundo ele) ficaram de fora.

Nosso texto sobre "[A carne de porco](#)" não foi feito para justificar nenhuma proibição constante da Bíblia, queríamos simplesmente mostrar a incoerência dos que dizem ser a Bíblia a palavra de Deus já que não a cumprem *in totum*. Para nós, Deus não iria proibir algo tão ridículo assim; deixemos essa crença aos fundamentalistas.

Vejam o que dissemos:

A única lei, incontestavelmente divina, são os Dez Mandamentos, resumidos por Jesus em dois; todo o restante eram leis sociais ou religiosas que, para fazer com que o povo as cumprisse, Moisés disse terem provindo de Deus. Mas os fatos provam que não eram, pois vamos encontrar a confirmação disso naquilo que ele, Moisés, coloca na Arca da Aliança, confeccionada sob encomenda e por ordem expressa de Deus, inclusive, especificada nos mínimos detalhes, para receber e guardar as leis emanadas do altíssimo. Dentro dela só foram colocadas as tábuas com os Dez Mandamentos (Dt 10,1-5), o restante, aquilo que não tinha origem divina, foi colocado do lado de fora (Dt 31,24-26).

Nossa conclusão não é isolada; veja: "O Decálogo, dentro da Aliança, é a única Lei que provém diretamente de Deus; tudo o mais vem de Moisés" (Bíblia Sagrada Santuário, p. 242).

Um bom exemplo de Lei mosaica:

Dt 25,11-12: "*Quando brigarem dois homens, um contra o outro, e a mulher de um chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e ela estender a mão, e o pegar pelas suas vergonhas, cortar-lhe-ás a mão: não a olharás com piedade*".

Quem tiver a coragem de atribuir coisa tão ridícula a Deus, é digno de dó e merece muitas preces para que o Espírito de Deus abra seus olhos, para que enxergue a verdade.

Assim, caro professor, não fomos nós que dissemos que as leis humanas ficaram de fora é a "palavra de Deus" que diz, veja: "*Quando acabou de escrever num livro toda esta Lei, Moisés ordenou aos levitas que carregavam a arca da aliança de Javé: "Peguem este livro da Lei e o coloquem ao lado da arca da aliança de Javé seu Deus".* (Dt 31,24-26). Entendemos que com isso foi o próprio Moisés quem as definiu dessa forma, pois, caso contrário, as teria colocado dentro da arca da aliança, uma vez que ela tinha sido confeccionada justamente para guardar as leis divinas. Se nela Moisés somente colocou os Dez Mandamentos, é sinal que eram somente aqueles que considerava como pertencentes a Deus. Agora, nos responda uma intrigante dúvida, professor: se Deus criou o mundo em seis dias, literais como pretende, por que levou quarenta dias para escrever os Dez Mandamentos?

Pois então, isso confirma que Cristo não está "alterando" a lei de Israel, e sim promovendo-a. Claro que os aspectos prefigurativos de Seu sacrifício expiatório foram abolidos, como as cerimônias todas de morte de cordeiros, touros e bodes, como Paulo explicou em Hebreus 7 a 10. Não, porém, o que não tinha tal caráter, como as regras dietéticas, as leis morais (inclusive o sábado, que Ele disse que foi "estabelecido por causa do homem") e outras disposições legais, como a proibição das práticas que foram proibidas para Israel, o que abrange a feitiçaria (ver Apo. 21:8), intimamente associada à consulta aos mortos (Deu. 18:11-14 e Lev. 19:31 -- "Não vos voltareis para os que consultam os mortos nem para os feitiçeiros; não os busqueis para não ficardes contaminados por eles. Eu sou o Senhor vosso Deus").

Já provamos que Jesus alterou só a legislação de Moisés, de caráter temporário, porquanto as divinas são imutáveis; por isso, servem a todos os povos e em todos os tempos.

Apenas a título de informação: o autor de Hebreus não é Paulo, embora anteriormente fosse atribuído a ele; mas, atualmente, os exegetas desconhecem quem foi o autor desse livro. Entretanto, em nossa maneira de pensar, não importando o autor, nenhum ensino que contrarie o que Jesus disse tem valor para nós, venha de quem vier.

Sobre a questão de feitiçaria, retomamos a nossa fala anterior:

Interessante é que sempre nos apresentam uma determinada passagem bíblica dizendo da proibição de evocar os mortos; vejamo-la:

"9. Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. 10. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, 11. nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; 12. pois todo aquele que faz tal cousa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança de diante de ti. 13. Perfeito serás para com o Senhor teu Deus. 14. Porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal cousa". (Dt 18,9-14).

Analisando esse passo, percebemos que tudo quanto aí se proíbe foi resumido no v. 14, que diz, especificamente, ouvir os prognosticadores e os adivinhos. Disso, podemos concluir que, sendo a consulta aos mortos relacionada entre estas práticas, obviamente, é porque a faziam neste sentido. De fato, era comum adivinhos se deitarem nos túmulos "exigindo" a presença do morto para que o consultasse ali mesmo na tumba.

Naquela época também praticavam a necromancia, que nada mais era que a evocação dos mortos para fins de adivinhação, ou seja, justamente o que, no geral, se procurava proibir.

A pretexto de atualizar a Bíblia, notamos que, em várias de suas versões, foram incluídas as palavras médium e espírita, numa evidente tentativa de denegrir o Espiritismo. Mas sabemos que quem faz isso são pessoas inescrupulosas que adulteram os textos visando combater pensamentos contrários aos seus, atitude altamente lamentável. E a título de esclarecimento: não fazemos nada disso; somente os ignorantes atribuem tais práticas ao Espiritismo, fora, evidentemente, os "sepulcros caiados" que agem de má-fé.

Apenas para situar melhor; se Jesus conversou com os espíritos Moisés e Elias, e como ele disse que poderíamos fazer o que ele fez e até mais, estamos com Jesus, e deixamos Moisés para os fundamentalistas seguirem.

Esta tentativa de SEPARAR feitiçaria de mediunidade não se acha no texto bíblico de modo algum. Faz tudo parte do mesmo pacote de proibições divinas. Aliás, por que Deus (não Moisés) proibia as pessoas de buscarem comunicação com os seus queridos mortos? Que haveria de errado numa mãe que morreu aparecer a um filho ou filha para dar-lhes bons conselhos, sobretudo ao estar numa "dimensão superior"? Ou uma filha morta trazer conforto à mãe falando-lhe de quão feliz se acha na "outra perspectiva"?

Isso seria benéfico, para o espírito e o vivente que o contacta, mas é proibido mesmo assim. Por quê? A razão é que Deus queria preservar o Seu povo da influência satânica, pois esses espíritos são mentirosos. Não passam dos mesmos demônios que Cristo tantas vezes expulsou de pobres vitimados por domínio de seres sobrenaturais, aqueles que foram expulsos do céu, como vemos em Apocalipse 12.

Alegar que a proibição prevê a possibilidade de haver mesmo espíritos de viventes é um engano. O que há é espíritos, sim, mas NÃO DE QUEM MORREU, e sim de seres que outrora fizeram parte das hostes celestiais, mas foram expulsos com o seu "pai", Satanás, cuja existência os espíritas negam, mas com isso tornam também mentiroso, não só a Paulo, como ao próprio Cristo, que dizem honrar. Sim, porque esse Cristo foi quem disse: "Eu via Satanás, como um raio, cair do céu" – Lucas 10:18.

Agora, como o "equivocado" Paulo disse, "sede meus imitadores como eu sou de Cristo", então talvez aí esteja o nexo da questão. Se Cristo disse uma coisa com tanta convicção, que os espíritas negam, então O estão considerando um "mentiroso", cujo exemplo é seguido por Paulo. E nós sendo admoestados a seguir o exemplo desse "equivocado", que imita um "mentiroso"...

Puxa, é cada ideia! Se eu fosse católico preferiria um sonoro "cruz credo!",

e me aplicaria três sinais da cruz...

Meu Deus!! Quem disse que a separação de mediunidade e feitiçaria estaria na Bíblia? Perdeu o juízo, professor?! Os que fazem essa mistura são os completamente ignorantes do assunto ou os que agem de má-fé; em qual das situações poderíamos lhe enquadrar? Esses últimos são aqueles que buscam relacionar uma coisa com outra, justamente para atacar, de forma desonesta, aquilo que vai contra suas crenças.

A proibição contida em Dt 18, diz respeito às práticas de adivinhação, dentre elas a necromancia – evocação dos mortos para fins de adivinhação -, qualquer pessoa vê isso; só fanático que não. Se advoga essa proibição como divina, nos explique o porquê dela não constar entre os Dez Mandamentos? E, seguindo essa sua linha de pensamento, por que você não pede a um deputado evangélico para propor ao Congresso Nacional instituir a pena estabelecida na “lei divina” (Lv 20,27) que crê? Por outro lado, se Dt 18 é lei de Deus e deve ser cumprida, por que não cumpre todas as outras que se encontram nesse livro, algumas das quais já citadas por nós? Mais uma vez: seja coerente, caro professor!

Interessantíssimos seus questionamentos: “... por que Deus proibia as pessoas de buscarem comunicação com os seus queridos mortos? Que haveria de errado numa mãe que morreu aparecer a um filho ou filha para dar-lhes bons conselhos, sobretudo ao estar numa “dimensão superior”? Ou uma filha morta trazer conforto à mãe falando-lhe de quão feliz se acha na “outra perspectiva”? Veja que não há mesmo nenhuma justificativa lógica para tal proibição; sob o ponto de vista da imortalidade, é por isso que Deus não proíbe tal coisa. Essas perguntas podem colocar outros imortalistas em maus lençóis, não os espíritas. A proibição foi de Moisés pelo abuso que faziam de tal prática. Será que é tão difícil de entender isso? Acreditamos que não; entretanto, há que se abdicar de preconceitos seculares e, acima de tudo, de interesses dogmáticos.

Você é adepto do “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”? Ora, você nos acusou de usar argumentos “EXTRABÍBLICO”; mas, no entanto, é o que faz, a não ser que nos indique a passagem em que se diz que satanás se apresenta em lugar dos mortos que, porventura, sejam evocados.

O que ficamos a matutar é: como um livro tão complexo como o Apocalipse poderia ter sido escrito por João se ele era iletrado e indouto (At 4,13)? Poucas pessoas têm capacidade de entendê-lo, tamanha a quantidade de simbolismos. Colocamo-nos entre esses indivíduos. Apenas gostaríamos de dizer que, em função disso, a sua interpretação será conforme o entendimento de cada um: “Por sua riqueza imaginativa, sua estranheza fantástica, sua obscuridade enigmática, esse livro tem fascinado leitores, pensadores e artistas, que nem sempre acertaram com a correta perspectiva para interpretá-lo.” (SCHÖKEL, 2002).

Mas, ainda recorrendo a Luís Alonso Schökel, tradutor da *Bíblia do Peregrino*, vejamos o que diz sobre a autoria desse livro:

Quem escreve se autodenomina João (1,1.4.9; 22,8), e diz estar confinado numa ilha por confessar Jesus Cristo. Sendo João um nome tão frequente, presta-se a múltiplas identificações. Na Antiguidade se apresentou o apóstolo e evangelista, por sua autoridade apostólica, garantia de canonicidade, e por ser escritor. As dúvidas e negações surgiram quando se começou a desviar a interpretação do milênio (Dionísio de Alexandria, morto em 264, e Eusébio de Cesareia). Hoje continuamos a unir esse livro às cartas e ao evangelho num “corpo joanino”; mas são poucos os que atribuem esse livro ao apóstolo João, embora conservem como válido o nome de outro João. O autor se diferencia dos apóstolos (18,20; 21,14). As coincidências de linguagem com o evangelho de João não são numerosas a mais notável é o título de Cordeiro para designar Jesus Cristo - e se explicam facilmente se o autor pertenceu ao círculo de João.

Da leitura, mesmo superficial, deduzimos que o autor é de origem judaica. Mediano conhecedor do grego (a tradução emenda os deslizos gramaticais), muito versado no AT, especialmente nos profetas, e conhecedor de gêneros literários então em voga. Do gênero apocalíptico, além do nome, tomou muitos recursos, mas distanciou-se em pontos fundamentais. Enquanto outros autores se escondem atrás de nomes ilustres do passado Henoc, Abraão, Moisés. Isaías, Baruc -, e transformam o passado em predição, esse autor se apresenta com

seu próprio nome e se diz contemporâneo dos destinatários, ocupando-se também e declaradamente do presente (1,19).

Não vale objetar que o autor se ampara sob o nome do apóstolo, porque o teria dito. (Bíblia o Peregrino, p. 2940). (grifo nosso).

A relação de espíritos com satanás é um argumento EXTRABÍBLICO, já que não consta isso em canto algum, a não ser por interpretação forçada de alguém. Podemos, isto sim, relacioná-los aos que já morreram; senão vejamos:

1) provando que o homem tem um espírito

Jó 32,8: *"Há, porém, um espírito no homem, e o sopro do Todo-Poderoso o faz entendido"*.

Jó 32,18: *"Pois estou cheio de palavras; o espírito dentro de mim me constrange"*.

Is 26,9: *"Minha alma te deseja de noite; sim, o meu espírito, dentro de mim, diligentemente te busca;..."*.

Dn 7,15: *"Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi abatido dentro do corpo, e as visões da minha cabeça me perturbavam"*.

Zc 12,1: *"... Senhor, o que estendeu o céu, e que lançou os alicerces da terra e que formou o espírito do homem dentro dele"*.

Rm 2,29: *"Mas é judeu aquele que o é interiormente, e circuncisão é a do coração, no espírito, e não na letra;..."*.

1Cor 2,11: *"Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está?..."*.

2) provando que o espírito é mais importante que o corpo

Jo 6,63: *"O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita;..."*

Tg 2,26: *"...o corpo sem o espírito está morto,..."*

3) provando que o espírito sai do corpo com a morte¹

Lc 8,49-55. *"Enquanto ainda falava, veio alguém da casa do chefe da sinagoga dizendo: 'A tua filha já está morta;...' E todos choravam e pranteavam; ele, porém, disse: 'Não choreis; ela não está morta, mas dorme'. E riam-se dele, sabendo que ela estava morta. Então ele, tomando-lhe a mão, exclamou: 'Menina, levanta-te'. E o seu espírito voltou, e ela se levantou imediatamente; e Jesus mandou que lhe desse de comer"*.

4) provando que os anjos/espíritos têm a aparência de homens

At 10,3: *"Certo dia, pelas três horas da tarde, Cornélio teve uma visão. Viu claramente que um anjo de Deus vinha ao seu encontro, chamando: 'Cornélio!'"*.

At 10,30: *"Então disse Cornélio: 'Faz agora quatro dias que eu estava orando em minha casa à hora nona, e eis que diante de mim se apresentou um homem com vestiduras resplandecentes,..."*"

Mt 28,1-3: *"Depois do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver a sepultura. De repente houve um grande tremor de terra: o anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, retirou a pedra, e sentou-se nela. Sua aparência era como a de um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve"*.

Mc 16,1-5: *"Quando o sábado passou, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram perfumes para ungir o corpo de Jesus. E bem cedo no primeiro dia da*

¹ Isso, evidentemente, só é válido aos que acreditam que a menina tenha realmente morrido.

semana, ao nascer do sol, elas foram ao túmulo. E diziam entre si: 'Quem vai tirar para nós a pedra da entrada do túmulo?' Era uma pedra muito grande. Mas, quando olharam, viram que a pedra já havia sido tirada. Então entraram no túmulo e viram um jovem, sentado do lado direito, vestido de branco. E ficaram muito assustadas".

5) provando que anjo e espírito são a mesma coisa

Vejamos em Atos (12,1-16) encontramos a narrativa onde Pedro é preso por Herodes. Um anjo solta o apóstolo e esse vai para o local onde todos estavam reunidos. Bate à porta, sua voz é reconhecida, mas, como o pensavam já morto, dizem: "Então deve ser o seu anjo!", o que é significativo, pois isso quer dizer que tinham anjos como os espíritos de pessoas desencarnadas.

At 8,26-29: "Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: 'Prepare-se e vá para o sul, pelo caminho que desce de Jerusalém para Gaza; é o caminho que se acha no deserto'. Filipe levantou-se e foi... Então o Espírito disse a Filipe: 'Aproxime-se desse carro e o acompanhe'".

Hb 1,13-14: "A qual dos anjos Deus disse alguma vez: 'Sente-se à minha direita, até que eu coloque seus inimigos como estrado para seus pés?' Não são todos eles espíritos encarregados para um serviço, enviados para servir àqueles que deverão herdar a salvação?".

6) provando que anjo é mesmo um homem

João vê um anjo e ao ajoelhar para adorá-lo, foi impedido por ele, que lhe disse: "Não! Não faça isso! Eu sou servo como você, como os seus irmãos, os profetas, e como aqueles que observam as palavras deste livro. É a Deus que você deve adorar". (Ap 22,9). Se a afirmativa do anjo for verdadeira, quando ele disse ser um servo como você, como os seus irmãos, os profetas, e como aqueles que observam as palavras deste livro, então não há como negar que anjo e homens são a mesma coisa.

7) provando que o espírito desencarnado pode influenciar um encarnado

2Rs 2,15: "Vendo-o, pois, os filhos dos profetas que estavam defronte dele em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. E vindo ao seu encontro, inclinaram-se em terra diante dele".

Jó 26,4: "Para quem proferiste palavras? E de quem é o espírito que saiu de ti?".

Em Mt 14,1-12, encontramos Herodes apreensivo com os milagres que Jesus fazia, justificava que tais prodígios eram feitos porque o Mestre "é ele João Batista, que ressuscitou dos mortos. É por isso que os poderes agem nesse homem". Isso, numa linguagem mais clara, quer dizer que Herodes achava que Jesus operava milagres, porquanto, o espírito de João Batista havia ressuscitado, ou seja, voltado do mundo espiritual, e agia através dele. Mas sabemos que é pedir muito a um fundamentalista entender dessa forma.

Se, nas passagens abaixo, alterarmos a expressão "o espírito de Javé" para "um espírito de Javé", o que de fato estaria mais de acordo com a realidade, então os teríamos conforme nós encontramos explicação nos princípios do Espiritismo. Leiamos-las:

Jz 13,25: "E o espírito de Javé começou a agitar Sansão no Acampamento de Dã, entre Saraá e Estaol".

Jz 14,6: "O espírito de Javé desceu sobre Sansão, e ele, sem ter nada nas mãos, despedaçou o leãozinho, como se despedaçasse um cabrito. Sansão, porém, não contou nada a seus pais".

Jz 14,19: "Então o espírito de Javé desceu sobre Sansão e apossou-se dele. Ele foi até Ascalon, matou trinta homens, tirou as roupas deles e deu para os que tinham adivinhado a resposta. Depois, cheio de raiva, voltou para a casa do seu pai".

Jz 15,14: "Quando Sansão estava chegando a Queixada, os filisteus foram recebê-lo com grande algazarra. O espírito de Javé invadiu Sansão, e as cordas que lhe

amarravam os braços ficaram como fio de linho queimado, e os laços que prendiam suas mãos se soltaram”.

1Sm 10,6-10: “Então o espírito de Javé virá sobre você, e também você entrará em transe com eles e se transformará em outro homem... Assim que Saul virou as costas e deixou Samuel, Deus lhe mudou o coração. E todos esses sinais aconteceram nesse mesmo dia. Daí, partiram para Gabaá, e um grupo de profetas foi ao encontro de Saul. O espírito de Javé desceu sobre ele, que entrou em transe no meio deles”.

1Sm 11,6-7: “Quando Saul ouviu a notícia, o espírito de Javé tomou conta dele. Saul ficou enfurecido, pegou uma junta de bois, os despedaçou e os mandou por mensageiros a todo o território de Israel, com este recado: “Se alguém não acompanhar Saul e Samuel, a mesma coisa acontecerá com seus bois”. O terror de Javé se abateu sobre o povo...”.

1Sm 16,14: “O espírito de Javé afastou-se de Saul, e ele começou a ficar agitado por um espírito mau, enviado por Javé”.

2Sm 23,2: “O espírito de Javé fala por mim [Davi], sua palavra está na minha língua”.

Ez 11,5: “Então sobre mim pousou o espírito de Javé e me disse: ‘Diga: Assim diz Javé: É isso que vocês dizem, casa de Israel! Eu conheço as suas tramas’”.

Assim, que o professor nos prove o equívoco e demonstre que a interpretação dele é mais realista que a nossa.

Quanto à fala de Jesus em Lc 10,18, a grande questão é: será que ele disse mesmo isso? Logo, satanás não é um ser, mas uma função que quer dizer “adversário”. Enquanto que, na concepção vigente, ele não passa de um produto do paganismo (os persas). Achamos que alguém disse alguma coisa sobre coisas pagãs para apoiar argumentos... E a respeito dessa concepção completamente equivocada, apresentamos os nossos textos [“A Serpente é Satanás?”](#) e [“Satanás – ser ou não ser, eis a questão”](#).

Outra coisa; se, no livro Apocalipse, está dito que o “fim dos tempos está próximo” (Ap 1,3; 10,22), como explicar que ainda o esperam? Mais ainda: se Jesus, com sua morte, derrotou satanás (Hb 2,14), como este derrotado ainda fica a atormentar-nos? E que Deus é esse que permite que ele venha a nos tentar sem permitir a contrapartida, ou seja, que um anjo bom possa vir amparar-nos? Esse absurdo teológico é o que se prega por aí, e que, ao que nos parece, o professor acredita.

Vejamos agora os comentários de nosso contestador espírita à 2a. das perguntas do questionário que estamos analisando.

O apologista espírita cita o livro apócrifo de Eclesiástico, onde fala algo da suposta aparição de Samuel a Saul, e comenta que muitas Bíblias protestantes não o trazem. O que ele desconhece talvez é que as Bíblias judaicas clássicas também não o trazem. Eu possuo um exemplar da Bíblia Judaica (só o Velho Testamento), *The Holy Scriptures According to the Masoretic Text*, publicada pela Jewish American Society que NÃO O TRAZ, nem qualquer dos demais livros apócrifos. Foram redigidos no período intertestamentário, após o retorno do cativo babilônico, quando o povo de Israel sofria influências da filosofia grega, sobretudo com a tentativa de Filo, filósofo judeu, realizar um sincretismo entre o judaísmo e a filosofia grega.

A Igreja Católica agregou esses livros oficialmente na Contra-Reforma Protestante porque neles é que poderia mais facilmente defender ideias tais como a do purgatório e intercessão dos santos, o que dificilmente conseguiria nos livros da Bíblia “normal”, os textos preservados por séculos por aqueles que a Bíblia diz serem portadores dos “oráculos de Deus”, os judeus (Rom. 3:2).

As referências mais diretas e declaradas de almas conscientes, por sinal, se acham exatamente nesses livros, enquanto nos demais, os adeptos da imortalidade da alma têm que fazer grandes malabarismos interpretativos para encaixar suas noções nessa linha, que não fazem parte do ensino bíblico global.

Obviamente que os católicos terão uma lista de motivos para dizer porque esse livro foi

incluído na Bíblia, daí tudo se resume, caro apologista adventista, em saber qual das Bíblias é a verdadeira: a católica ou a protestante? E, novamente, citando S. Jerônimo: "A Verdade não pode existir em coisas que divergem". Entretanto, não tivemos preocupação em pegá-lo por motivos teológicos, apenas o colocamos pelo seu valor histórico, e esse, por mais que não tenha valor o aspecto religioso, não pode ser negado: "**O Eclesiástico é reconhecido no Judaísmo pelo seu valor histórico; porém, não é parte do Tanakh, o compêndio de livros sagrados da religião. Por esta razão, grupos protestantes não o incluem em seu cânone.**"⁽²⁾. (grifo nosso).

Quanto ao "arrepentimento de Deus", o *SDA Bible Commentary* em espanhol mais uma vez nos oferece uma boa explicação a essa expressão bíblica, ao analisar o texto de Gên. 6:6, "Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração".

Se arrepintió Jehová.

La fuerza de las palabras "se arrepintió Jehová", puede deducirse de la declaración explicativa "le dolió en su corazón". Esto muestra que el arrepentimiento de Dios no presupone falta de conocimiento previo de su parte ni variabilidad en su naturaleza o propósito. En este sentido Dios nunca se arrepiente de nada (1 Sam. 15: 29). El "arrepentimiento" de Dios es una expresión que se refiere al dolor del amor divino ocasionado por la pecaminosidad del hombre. Presenta la verdad de que Dios, en consonancia con su inmutabilidad, cambia de posición respecto al hombre que ha cambiado.

La mención del dolor divino ante el estado depravado del hombre es una indicación conmovedora de que Dios no odió al hombre. La humanidad pecadora llena el corazón divino con profundo dolor y compasión. Despierta todo el insondable océano de simpatía en favor de los pecadores de que es capaz el amor infinito. Sin embargo, el pecado de la humanidad también lo mueve a una retribución judicial (ver. Jer. 18: 6-10...).

Mas, usando de sua própria expressão, reputamos esse seu argumento como "EXTRABÍBLICO". Coerência! Aquilo que condena nos outros não deveria fazer. Entretanto, basta-nos uma só passagem para provar que o arrependimento de Deus é no sentido mesmo de voltar atrás naquilo que havia decidido, colocando em cheque sua onisciência e imutabilidade. No tempo do profeta Samuel o povo hebreu pede a Deus um rei. Atendendo essa solicitação, Deus, através de Samuel, escolhe para ser o rei de Israel a Saul, ungindo como tal. (1Sm 9,17; 1Sm 15,1). Querendo vingar-se dos amalecitas Deus manda Saul contra esse povo para exterminá-lo, só que ele não cumpre fielmente essas ordens. Em razão disso "*o Senhor se arrependeu de haver posto a Saul rei sobre Israel*" (1Sm 15,35) e resolve então lhe tirar a realeza, para entregar a outro, no caso a Davi. Para cumprir esse seu projeto de vingança contra Saul manda os filisteus contra o povo hebreu. Nessa guerra morreu Saul e três filhos, fato que completa a vingança divina. Qual o fanático que terá a ousadia de contestar isso, sem qualquer tipo de apelação, mas de forma coerente?

Agora, sinceramente, a gente tem vontade até de rir com a "análise" de nosso amigo do conteúdo bíblico. Vejam como ele faz da Bíblia um livro até ridículo:

"Entretanto, se descreve na Bíblia que havia duas pedras, em forma de dados, denominadas de urim e tumim, que eram tidas como sagradas, com as quais buscavam saber da vontade de Deus. O sacerdote, diante de um problema que lhe apresentavam, jogava essas pedras da sorte para cima e de conformidade como ficavam, após caírem ao chão, ele interpretava como sendo um "sim" ou um "não", em resposta à consulta formulada. Exatamente como um popular "cara ou coroa", no qual se joga uma moeda para o alto, quando, normalmente, queremos decidir alguma coisa sem ser parcial".

Vejam o absurdo de sua análise--dizer que o Urim e Tumim funcionavam como dois dados ou duas moedas que se lançam para o ar à base do "cara" ou "coroa". De onde ele tirou ideia tão estapafúrdia?! É esse o grande analista bíblico que os espíritas brasileiros têm para nos oferecer?

Gente, basta ler Êxo. 28:30; Lev. 8:8; Núm. 27:21 para ver que as tais pedras preciosas ficavam FIXAS na veste sacerdotal. Diz o texto de Êxodo

² Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Eclesi%C3%A1stico>, consulta às 15:40 horas do dia 30/10/2006.

28:30: "Também porás no peitoral do juízo Urim e Tumim, para que estejam sobre o coração de Arão, quando entrar diante do Senhor: assim Arão levará o juízo dos filhos de Israel sobre o seu coração diante do Senhor continuamente". E Levítico 8:8 confirma: "Depois pôs-lhe o peitoral, pondo no peitoral o Urim e o Tumim".

Elas até ficavam sobre o coração do sacerdote O TEMPO TODO, como podiam ser lançadas para o ar feito moedas para definir quem dá o chute inicial num jogo de futebol? Creio que nosso amigo anda vendo muito jogo pela TV e está confundindo as coisas.

O fato é que a Bíblia não dá muitos pormenores de como funcionavam essas pedras preciosas especiais, mas a tradição judaica aponta a uma especial iluminação de uma das pedras, para indicar aprovação divina, e um escurecimento da outra, para indicar desaprovação -- nada de "cara" ou "coroa", e muito menos de lançamento das pedras para o ar.

Muito bem, aqui você confessa que a Bíblia não dá pormenores de como funcionavam essas pedras, é o que nos bastaria para contra-argumentá-lo. Entretanto, como um pesquisador, vimos a necessidade de buscar informações sobre essas duas pedras, o que já havíamos feito quando da primeira edição do nosso livro *A Bíblia à Moda da Casa*, cuja publicação aconteceu em julho de 2002. Veja o que encontramos, apesar de ser EXTRABÍBLICO, mas agora vamos usar do mesmo direito que você se permitiu fazer um pouquinho mais atrás.

a) Bíblia de Jerusalém:

Ex 28,6: O hebraico bíblico aplica o termo *efod* (etimologia incerta) a três realidades: 1º) o *efod* instrumento de adivinhação, que servia para consultar a *Iahweh* (cf. 1Sm 2,28+); 2º) o *efod-bad*, "tanga de linho" usada pelos ministros do culto (cf. 1Sm 2,18++); 3º) o *efod* do sumo sacerdote, espécie de colete preso por cinto e suspensórios. A esse colete está preso o "peitoral do julgamento" (vv. 15s), o qual contém as, sortes sagradas, *Urim* e *Tumim* (v. 30; Lv 8,7-8; 1Sm 14,41+). O *efod* do sumo sacerdote é assim posto em relação com o *efod* da adivinhação, do mesmo modo que o seu nome lembra a antiga vestimenta dos sacerdotes. Mas essas aproximações são artificiais: essa descrição da vestimenta do sumo sacerdote vale apenas para a época pós-exílica, e o uso do *efod* divinatório com as sortes sagradas, não é mais documento depois de Davi. (cf. Ainda Jz 8,27+). (p. 142). (grifo nosso).

b) Bíblia Mundo Cristão:

Ex 28:30: *Urim* e *Tumim*. Eram, possivelmente, duas pedras preciosas que eram colocadas dentro do peitoral. Podem ter sido usadas, como sortes, para determinar a vontade de Deus. (Veja também Lv 8:8; Nm 27:21; Dt 33,8; 1Sm 28:6; Ed 2:63, Ne 7:65. (p. 119). (Grifo nosso).

1Sm 14:3: *estola sacerdotal*. A estola sacerdotal era usada para consultas ao Senhor em tempos de crise. Essa consulta provavelmente era feita por meio de duas pedras, *Urim* e *Tumim*, colocadas dentro do peitoral da estola (veja as notas sobre Ex 28,6-30). Com perguntas respondidas com "sim" e "não", a opção era errada entre duas alternativas podia se eliminada. (p. 377). (grifo nosso).

c) Bíblia Vozes:

Ex 28,6: O *efod* aqui é um elemento das vestes sacerdotais, ligado ao "peitoral do juízo" (28,15s) onde estão as sortes sagradas: *urim* e *tumim*. Originariamente era uma faixa de pano que cobria os flancos da divindade (cf. Is 30,22; Jz 8,27; 17,5) ou os do ministro do culto. Era usado para consultar a Deus e dar respostas oraculares (1Sm 2,18.28; 13,18s.41; 23,9s; 2Sm 6,14). (p. 110). (grifo nosso).

Ex 28,15: O peitoral era um pedaço de pano dobrado de modo a formar

uma espécie de bolso para conter os dados (sortes) sagrados, urim e tumim (28,30). É chamado "do juízo" porque por meio dos dados sagrados o sacerdote dava a sentença ou julgamento divino (28,31). (p. 110).

Ex 28,30: *Urim e tumim* era o nome de duas pedras, em forma de dados, cada uma de cor diferente, que serviam para dar a resposta convencionada por um "sim" ou um "não", de acordo com a pergunta feita (1Sm 14,41; 23,10-12). Esses "dados" eram manejados pelos sacerdotes ou levitas (Nm 27,21; Dt 33,8). (p. 111). (grifo nosso).

1Sm 14,41: As antigas versões têm este texto: "Por que não respondeste hoje ao teu servo? Se a culpa está em mim ou no meu filho Jônatas, então, ó Senhor Deus de Israel, faz aparecer *urim* (= sim?); mas se a culpa estiver no teu povo, faz aparecer *tumim* (= não?). Nós diríamos "cara ou coroa". (p. 310). (grifo nosso).

d) Bíblia Ave Maria:

Ex 28,30: Urim e Tumim: Estas palavras designam pequenos objetos (bastonetes, dedais) que serviam para consultar o oráculo divino. Segundo I Sam 14,41 (texto grego) sabe-se que se tratava de uma espécie de tirada de sorte que dava ou Urim ou Tumim. Considerava-se assim a sorte como a expressão da decisão divina. (p. 130). (grifo nosso).

e) Bíblia do Peregrino:

1Sm 14,41: o texto hebraico está incompleto; a tradução grega completa o que falta. Trata-se das famosas sortes com dois objetos chamados urim e tumim. (p. 514). (grifo nosso).

f) Dicionário Bíblico Universal:

Urim e Tumim

Palavras de sentido incerto: designam uma técnica divinatória que consiste em tirar a sorte várias vezes, usando duas pedrinhas ou bastõezinhos ou algum objeto semelhante. Um dos objetos trazia a primeira letra do alfabeto, o alef, inicial de urim, e o outro, a última letra, o tau (cf. Ez 9,4), inicial de tumim? Pode-se imaginar isso. O modo como funcionava aparece em 1Sm 14,41-42, corrigido segundo o grego: "Saul disse: 'Se a culpa esta em mim... o senhor... faça dar *urim*; se a culpa está em Israel, que dê *tumim*!' Saul... foi designado. Saul disse: 'Lançai a sorte sobre mim e meu filho Jônatas!', e a sorte caiu em Jônatas". Trata-se portanto de uma resposta por sim ou não, que vai progredindo por precisões sucessivas (cf. 1Sm 23,9-12). A operação poderia durar muito tempo (1Sm 14,18-19, corrigido segundo o grego). Acontecia às vezes que o oráculo se recusava a responder (1Sm 14,37; 28,6). Sem dúvida, quando não saía nada ou quando os dois resultados saíam ao mesmo tempo. A manipulação das sortes era confiada ao sacerdote Eleazar (Nm 27,21) ou à tribo de Levi (Dt 33,8). Depois do reinado de Davi só se encontra uma menção (Esd 2,63 = Ne 7,65). (p. 813-814). (grifo nosso).

Eis aí, caro professor, onde nos baseamos para dizer aquilo que julgou ser um absurdo. É uma pena que não se deu ao trabalho de pesquisar, falha lamentável para quem ostenta um título como o seu, pois se o tivesse feito teria evitado esse ridículo pelo qual está passando com essa sua fala.

O companheiro Maurício, membro do GAE, já aqui citado, adiantou essa nossa resposta em relação aos dados da sorte - urim e tumim, que foi objeto de mais uma nova refutação por parte do professor, nesses termos:

Vejam quantas declarações DÚBIAS! Ninguém sabe como eram usadas, mas o fato de que SÓ UMA dessas fontes fala de "dados" que eram usados para

decidir sortes não autoriza ser isso usado como PALAVRA FINAL.

O que a Bíblia diz simplesmente é que ficavam FIXAS no peitoral, e não que eram removidas e lançadas para o ar como se fossem dados. Essa interpretação é puramente um "chute" exegetico:

"Também porás no peitoral do juízo Urim e Tumim, para que estejam sobre o coração de Arão, quando entrar diante do SENHOR: assim Arão levará o juízo dos filhos de Israel sobre o seu coração diante do SENHOR continuamente". -- (Êxodo 28:30).

Não há a MÍNIMA indicação de que isso era usado feito um par de dados. Ficavam FIXOS sobre o coração do sacerdote o tempo todo.

Agora, percebam que nosso amigo não demonstra a mínima HUMILDADE de reconhecer que cometeu um erro. Apenas apresenta uma porção de "fontes" de informação, sem resolver a questão.

É nessa base que teremos as suas "réplicas" ao que expusemos?

Certamente que ocorrem declarações dúbias, mas, ao lado dessas (dessas que nada, pois é uma só!), também há as que afirmam peremptoriamente, sem margem à dúvida, sobre as pedras urim e tumim, entretanto, para desmerecê-las o professor enxergou todas como se fossem "dúbias". Os tradutores da Bíblia de Jerusalém (exegetas católicos e protestantes, com dezesseis tradutores), os da Bíblia Sagrada Vozes (dez tradutores), a Bíblia Sagrada Ave Maria (tradução Versão dos Monges de Maredsous – Bélgica) e o tradutor da Bíblia do Peregrino (Luís Alonso Schökel) e, finalmente, o Dicionário Bíblico Universal, todos, definem as pedras sem nenhuma hesitação. Aliás, a única que fica no "provavelmente" é a Mundo Cristão, que, por curiosidade, é uma versão protestante. Por que será?...

Afirmam que essas pedras eram usadas para adivinhação, por meio de sortes, que eram manejadas; portanto, não poderiam ser fixas. Inclusive a Bíblia Mundo Cristão, apesar das dúvidas, afirma que "duas pedras preciosas que eram colocadas dentro do peitoral"; isso, vem a calhar, pois é mais uma informação de que não eram fixas mesmo. As passagens citadas pelo professor, vejamo-las, nas versões católica e protestante:

Ex 28,30:

Protestante: "Também porás no peitoral do juízo o Urim e o Tumim, para que estejam sobre o coração de Arão,..."

Católica: "Coloque também no peitoral do julgamento o urim e o tumim, para que estejam sobre o coração de Aarão,..."

Lv 8,8:

Protestante: "Colocou-lhe, então, o peitoral, no qual pôs o Urim e o Tumim;..."

Católica: "Colocou-lhe o peitoral com os urim e os tumim".

Não há, em nenhuma delas, algo com o qual possamos afirmar que foram fixadas. O verbo "por" deverá ser entendido como: guardar, colocar, colocar em, introduzir, colocar em posição adequada, meter, depositar, enquanto que o verbo "fixar" significa: pregar em algum lugar. Diante disso, vemos claramente que a interpretação dada pelo professor não corresponde à realidade, mas, exclusivamente, a seus interesses dogmáticos.

Uma outra passagem, podemos citar:

Dt 33,8:

Protestante: "De Levi disse: Sejam teu Tumim e teu Urim para o teu homem santo,..."

Católica: "Sobre Levi ele diz: Entrega a Levi teus Urim, e teus Tumim ao homem que amas,..."

Novamente estamos diante de traduções completamente diferentes, o que muda, sobremaneira, o real sentido da frase. Pela versão católica o "entregar" leva-nos a concluir que, se fossem fixas, não seriam citadas essas duas pedras, mas seria mencionada a vestimenta em que, porventura, estivessem pregadas. O efod, vestimenta do sacerdote, uma

espécie de colete preso por cinto, era nele que se prendia o “peitoral do julgamento”; este, sim, era o que continha, numa bolsa, o urim e tumim.

Vamos analisar duas passagens em que se fala da consulta a Deus por meio dessas duas pedras, também nas duas versões:

Nm 27,21:

Protestante: *“Ele, pois, se apresentará perante Eleazar, o sacerdote, o qual por ele inquirirá segundo o juízo do Urim, perante o Senhor;...”*

Católica: *“Então Josué se apresentará ao sacerdote Eleazar, que consultará Javé por ele, tirando a sorte por meio dos urim...”*

Pela versão protestante não se tem uma ideia clara do que estavam fazendo, que era a consulta a Deus, a qual consistia em “tirar a sorte por meio do urim”.

1Sm 14,41-42:

Protestante: *“Falou, pois, Saul ao Senhor Deus de Israel: Mostra o que é justo. E Jônatas e Saul foram tomados por sorte, e o povo saiu livre. Então disse Saul: ‘Lançai a sorte entre mim e Jônatas, meu filho’. E foi tomado Jônatas”.*

Católica: *“Então Saul consultou a Javé, Deus de Israel: ‘Por que não respondes hoje a teu servo? Javé, Deus de Israel, se eu e meu filho Jônatas somos culpados, que saia Urim. Se a falta foi cometida pela tropa de Israel, que saia Tumim’. A sorte caiu em Jônatas e Saul, e a tropa ficou livre. Saul disse então: ‘Lancem a sorte entre mim e o meu filho Jônatas’. E a sorte caiu em Jônatas”.*

Nessa, a questão de lançar a sorte pode ser vista em ambas versões, e lançar, não é outra coisa senão jogar, arremessar, e, evidentemente, para que isso ocorresse, essas duas pedras – urim e tumim, não deveriam estar fixas. A única coisa fixa aqui é apenas a mente do professor, que está, a nosso ver, com ideia fixa.

E, para terminar esse assunto, vamos transcrever alguns trechos da pesquisa, sobre essas duas pedras, que fizemos na Internet. Carecem de maiores comentários, por isso, apenas iremos realçar, em negrito, o que reputamos de maior importância.

Urim e Tumim

Nome de um ou mais objetos pertencentes ao Racional do Juízo que o sumo pontífice trazia ao peito de modo que estivesse sobre o coração do sacerdote quando se apresentava diante do Senhor (Ex 28.30; Lv 8.8). Estes objetos, provavelmente, eram guardados em uma dobra do Racional do Juízo, ou por baixo dele... Por meio do Urim e Tumim, se consultava a vontade de Deus acerca de assuntos judiciais e de negócios públicos (Nm 27.21; cp. Js 9.14; Jz 1.1; 20. 18,23,27,28; 1Sm 10. 22; 14.36-42; 22.10,13; 23. 9-12; 28. 6; 30.7,8; 2Sm 2.1; 5.19, 23,24).

1) O Urim e o Tumim eram um ou mais acessórios do éfode e que dele se podiam separar para serem usados à maneira de dados, e pelo modo por que caíam, revelavam a vontade de Deus. Esta é realmente uma concepção possível, mas sem provas a seu favor. Procuram firmar esta teoria, dizendo que duas vezes se faz referência ao lançamento de sortes, em íntima conexão com as consultas ao Urim e Tumim (1Sm 10. 19-22; 14.37-42)... Fonte: Dic. Bíblia John Davis.

(site: <http://www.vivos.com.br>).

Urim e Tumim

Não se sabe com certeza como eram exatamente o Urim e Tumim, mas pensa-se que eles podem ter sido duas pedras preciosas idênticas em sua forma. Uma ou a outra poderia ser tirada da bolsa para dar uma resposta de sim ou não, quando se buscasse o Senhor para direção.

[...]

O peitoral era de feito um pedaço de tecido elaborado, acabado do mesmo material que o éfode. Eram duas tiras dobradas, em si mesmas para formar uma bolsa quadrada na qual foram colocados o Urim e Tumim. O

peitoral estava fixo em seu lugar por cadeias douradas presas aos ganchos do ombro, de ônix e também por tiras azuis que prenderam o peitoral ao éfode....
(site: <http://www.jesusnet.org.br>).

Urim e Tumim

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Urim e Tumim (do hebraico **אורים ותמים** *luzes e perfeições*) é o nome dado à um processo de adivinhação utilizado pelos antigos israelitas para descobrir a vontade de Deus sobre determinado evento.

[...]

Geralmente os cristãos creem que Urim e Tumim tratavam-se de duas pedras colocadas no peitoral do Sumo Sacerdote de Israel, contendo em uma face resposta positiva e em outra resposta negativa. Fazendo-se a pergunta, jogavam-se as pedras, e de acordo com os lados que caíssem era confirmado uma resposta negativa, positiva ou sem resultados.

(site: <http://pt.wikipedia.org/wiki>).

[...] URIM E TUMIM. Êx 28.30. Luzes e Perfeições. O Sumo Sacerdote usava essas pedras dentro do peitoral. Eram usadas para consultar ao Senhor. Segundo se crê, eram duas pedrinhas uma indicando resposta positiva e a outra negativa. Não se sabe como eram usadas, mas é provável que fossem retiradas de algum lugar ou lançadas ao acaso, como vemos às vezes, ao fazer-se uma consulta propondo uma alternativa: Farei isto ou aquilo? E, segundo saísse Urim ou Tumim, interpretava-se a resposta. Essas pedras falam do juízo, do julgamento, da vontade, da mente de Deus...

(site: <http://www.descobrimdo.com.br>).

Luzes e perfeições. Como há muita dúvida com respeito a estes nomes, será bom examinar as referências das Escrituras sobre o assunto: 'Também porás no peitoral do juízo o Urim e o Tumim, para que estejam sobre o coração de Arão, quando entrar perante o Senhor' (Êx 28.30 - cf. Lv 8.8). Há, aqui, uma alusão a pequenos objetos, em conexão com a interpretação da vontade de Deus por meio do sumo sacerdote, estando essas coisas encerradas numa dobra do peitoral. Parece que se trata de pedras,... Em outras passagens há expressas referências a Urim e a Tumim como meios de adivinhação... Pode dizer-se, com alguma probabilidade, que o mesmo método de adivinhação deve ter sido empregado em alguns casos em que o Urim e o Tumim não são expressamente mencionados (*veja g. Js 7.14 a 18 - Jz 20.28 - 1 Sm 10.20 a 24 - 2 Sm 2.1 - 5.19, 23). Eram, desse modo, o Urim e o Tumim o meio de apelar pela sorte para a vontade ou conhecimento de Deus, nos casos que envolviam duas alternativas, sendo isso naturalmente uma prerrogativa dos sacerdotes.

(site: <http://www.bibliaonline.net>).

Adivinhação, feitiçaria, magia e possessão no AT – suspeitas a partir da teologia feminista

Elaine Neuenfeldt (1)

Ao discutir as práticas de magia, feitiçaria e adivinhação nos textos bíblicos, estamos perguntando pelos mecanismos e processos de intermediação entre a divindade e o povo. Esta intermediação é legítima ou não de acordo com o contexto e a época, com o grupo ou o lugar social onde esta é praticada. Por exemplo: adivinhação é proibida em Dt 18, mas jogar as sortes através das pedras de adivinhação – Urim e Tumim – não recebe repreensão.

(1) Elaine Neuenfeldt é professora de Teologia Feminista e Antigo Testamento na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo.

(site: <http://www.est.com.br>).

Pedimos ao leitor que preste bastante atenção para confirmar se essas pedras eram fixas ou não; observar, também, que eram usadas para adivinhação, só que, quando faziam em relação à divindade, diziam fazer consultas ou oráculos.

Ao que nos parece, alguém aqui não tem se olhado no espelho... A todo o momento mostra-se arrogante e o único "dono da verdade"; e ainda tem coragem de dizer algo sobre

HUMILDADE? É brincadeira?... Só pode ser isso! Então, cadê a sua humildade para reconhecer-se em equívoco quanto às suas interpretações da Bíblia?

Mais adiante o apologista espírita faz um apelo interessante que se aplica a ele próprio como uma luva, "Primeiramente, pedimos coerência aos que usam os textos bíblicos". Pois é exatamente isso que tanto criticamos nos espíritas, que usam a Bíblia seletivamente para forçar suas interpretações, chocando-se totalmente com o seu TEOR GLOBAL do ensino bíblico.

Que o leitor nos julgue. O que mais deixa os nossos detratores irritados é porque, mesmo não tendo a Bíblia como infalível, a usamos para contestá-los. O fazemos para usar das mesmas armas com que nos atacam. Mais uma vez diremos: "não faça da sua Bíblia uma arma, a vítima pode ser você".

E ele explora o fato de que se Deus estabeleceu a lei "Não matarás" (Ex 20,13), como poderia mandar matar os praticantes de feitiçaria, necromancia e consulta aos mortos? Daí conclui que "Moisés usou e abusou do nome de Deus para estabelecer normas de conduta ao então rebelde povo hebreu".

O que dissemos foi:

A passagem, citada, em que se encontra a pena, não por se comunicar com os mortos, mas por praticar a adivinhação é essa: "*O homem ou mulher que pratica a necromancia ou adivinhação, é réu de morte. Será apedrejado, e o seu sangue cairá sobre ele*" (Lv 20,27). Primeiramente, pedimos coerência aos que usam os textos bíblicos, evitando-se cair no ridículo, pois, se foi dito, e acreditamos nisso, que Deus não muda, essa ordem não poderá ter vindo Dele, uma vez que estabeleceu: "*Não matarás*" (Ex 20,13), fato que, mais uma vez, reforça que Moisés usou e abusou do nome de Deus para estabelecer normas de conduta ao então rebelde povo hebreu.

Ainda, na mesma linha de pensamento, podemos também apoiar em Jesus para justificar que tal lei não é mesmo divina, uma vez que ele, entre outras coisas, não ordenou que se apedrejasse a mulher adúltera (Jo 8,3-11), apesar da recomendação "divina" (Dt 22,22-24).

Como o fanatismo deixa mesmo as pessoas cegas. Como exemplo do absurdo que acredita, citamos a pena de morte para quem trabalhasse no sábado. Qual a gravidade moral disso para merecer penalidade tão drástica? O mesmo poderá ser argumentado em relação a quem amaldiçoasse o pai e a mãe, etc.

Sobre a questão da aplicação dessa penalidade poderia o professor nos responder se ainda devemos levar nossos filhos rebeldes à porta das cidades para serem apedrejados até à morte, conforme determina Dt 21,18-21? O que for mesmo uma lei divina não há como ser mudado, já que ela deverá ser tão perfeita quanto Deus o é. Se fosse, certamente, Jesus teria ordenado que se apedrejasse a adúltera até a morte, pois, se agisse em contrário a ela, estaria contrariando uma lei divina. Mas o que fez ele? Apenas: "*aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra*".

Será que é tão difícil perceber que, diante da realidade da época, quando estavam vagando pelo deserto a alternativa de Moisés foi estabelecer a pena de morte, para vários crimes, já que não se existia cadeias para prender os infratores? Se essa penalidade é mesmo justa e proveniente de Deus, porque o homem não a coloca entre as suas leis civis? Ocorre que está se fazendo justamente o contrário, ou seja, eliminando de vez essa absurda pena de seus códigos de conduta social, tal atitude é considerada com uma evolução da sociedade.

Então aí está o problema de quem pede aos outros para usar a Bíblia de modo coerente, mas foge dessa coerência quando lhe parece conveniente, considerando os autores bíblico mentirosos, equivocados... Ora, por uma questão de coerência, então, nós temos o mesmo direito de dizer que o autor bíblico que escreveu certa declaração que interessa ao espírita TAMBÉM ESTAVA "EQUIVOCADO" ou até dizia uma mentira! Mas não precisamos recorrer a esse

expediente lamentável, pois um trecho mais difícil na Bíblia se entende por outros mais fáceis, e pelo TEOR GLOBAL do ensino bíblico!

Você não pode dizer que o autor bíblico estava equivocado ou até dizia uma mentira, porquanto tem a Bíblia como sendo a palavra de Deus; já deve ter afirmado isso milhões de vezes, e não será por agora que irá dizer o contrário. Nós não, pois não a temos como a palavra de Deus, apesar de aceitarmos que nela há coisas que podemos atribuir a Ele, uma vez que ela foi escrita por homens, aliás completamente falíveis, que colocaram muita coisa nela para justificar seus dogmas; é por isso que examinamos cada texto à luz da lógica, buscando, na medida do possível, separar o joio do trigo.

Israel era o que se chama "nação teocrática", dirigida por uma liderança que recebia instruções diretamente de Deus, inicialmente pelo arranjo dos juizes, como foi o caso do próprio Samuel, depois adotando o regime real para imitar outras nações, o que não foi uma boa decisão, como se constata por várias razões.

O sistema penal de Israel previa a pena de morte, mas os juizes que decidiam isso eram representantes do próprio Deus que é o Supremo Juiz, e que já antecipa para muitos o Seu juízo final. Ele sabe quem se salvaria ou se perderia, e para os Seus propósitos de conduzir Israel à Terra Prometida--e não só para "privilégio", como muitos entendem mal, como para "serviço" (dar testemunho aos demais povos do verdadeiro Deus, Sua lei e Seu plano de salvação -- ver Isa. 43:10, "vos sois minhas testemunhas") — ordenou matanças que para nós parecem chocantes. Mas dentro das condições da época, no contexto de guerras de conquista, quando aquelas nações, que tinham conhecimento de tudo quanto Deus havia feito por Israel, preferiam resistir a esse povo e ao Seu Deus, até as mulheres e crianças eram sacrificadas.

Por que Deus permitia, e até ordenava, medida tão drástica?! Bem, quem iria cuidar delas? Não havia orfanatos nem sistemas de pensão e atendimento para milhares e milhares dos que seriam deixados órfãos e viúvas. Seria um tremendo peso para a nação de Israel, mas mesmo assim, houve os que foram poupados por se humilharem em meio à mortandade geral, como é o caso de Raabe e a sua casa e os descritos em Josué 9, que se humilharam temerosos das consequências de enfrentar os exércitos vitoriosos de Israel nas guerras de conquista de Canaã, tornando-se aguadeiros e rachadores de lenha a serviço da nação de Israel.

Agora conseguimos entender porque usa a expressão estapafúrdia. Os psicólogos dizem que é comum que as pessoas transfiram para as outras aquilo que intimamente são, fazendo delas o seu espelho. Uma explicação como essa que dá, nem merece ser comentada. É por conta de coisas absurdas como essas que se justificam as guerras religiosas. Só uma coisa: os líderes religiosos atuais, que se autodenominam representantes de Deus, por que não usam de argumentos desse tipo para acabar com todos aqueles que irão para o inferno?! Quem sabe, até mesmo para evitar que muitos morram de fome, os executem; não irão morrer mesmo? Aliás, poderíamos economizar bilhões de reais, fechando as portas dos hospitais àqueles cujo diagnóstico previsto é a morte; não vão morrer mesmo? Ainda bem que os religiosos que têm esse entendimento não estão conseguindo o poder neste país, pois teríamos muito a temer com relação ao "fome zero" e a eliminação dos problemas enfrentados pela população na área da saúde. Iria ser uma carnificina...

Se essas pessoas citadas agiam em nome de Deus, nós não sabemos; mas que tudo indica que isso não é fato; veja, por exemplo, que o próprio Saul não executou a vontade divina, que lhe ordenava matar os amalecitas (1Sm 15,9); Davi fez um recenseamento (2Sm 24,10), coisa proibida; inclusive, neste caso, Deus, ao invés de punir só a ele, manda uma peste sobre Israel e morrem 70.000 homens (2Sm 24,15); pode uma coisa absurda dessas? E não vale argumentar como o já famoso "mistérios de Deus". Continuando: Salomão segue Astarte, deusa dos sidônios e Melcom, ídolo dos amonitas (1Rs 11,5); Manassés reconstruiu os lugares altos que seu pai Ezequias havia destruído; ergueu altares para Baal e levantou um poste sagrado, como havia feito Acab, rei de Israel; prostrou-se diante de todo o exército do céu, que ele adorou; construiu altares pagãos no Templo de Javé (2Rs 21,2-6); Amasias trouxe consigo os deuses dos habitantes de Seir, os adotou como seus próprios deuses, os adorou e queimou incenso para eles (2Cr 25,14). Esses são alguns atos dos "inspirados" por

Deus.

O próprio Saul não deixava de executar essas "ordens" divinas, segundo o que justifica; veja: *"Em Nob, a cidade dos sacerdotes, Saul passou a fio de espada homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois, jumentos e ovelhas."* (1Sm 22,19). Atualmente uma carnificina dessa atrairá a indignação de uma grande parte da humanidade; mas naquela época tudo era normal, até mesmo um ato meritório, conforme nos faz crer com sua justificativa. Uma coisa é certa: mesmo que você fosse o único professor no mundo, não deixaria nenhum filho meu a seus cuidados; seria preferível a ignorância.

Como as pessoas perdem completamente o senso crítico em razão do fanatismo religioso,... Admitir que Deus tenha diretamente passado instruções aos líderes de Israel é, na nossa maneira de ver, amesquinhar o Supremo Criador do Universo. A própria Terra já é insignificante diante do cosmo; imagine o povo hebreu, que, talvez, nem chegasse a 1% da humanidade (RODHEN), como sendo o povo eleito de Deus, para receber suas graças... Então, devemos convir que Deus os tenha abandonado, pois, estão espalhados pelo mundo, só vivendo na "terra prometida", e sob conflito permanente, em torno de 6,5 milhões de pessoas, após a criação do Estado de Israel, em 1948. Os que foram dizimados, por exemplo, no holocausto e na noite de S. Bartolomeu, teriam sido relegados por Deus?

Disse uma autoridade católica, Frei Mauro Strabeli, explicando essas mortandades todas:

"Para nossa sensibilidade e para nossa cultura, esses episódios são por demais chocantes, realmente. Apesar de termos guerras ainda hoje, nas quais se cometem as mesmas ou piores atrocidades. Mas por que a Bíblia relata tais episódios insistindo que é o próprio Deus quem ordena tais massacres em massa, até de inocentes? Podemos responder dizendo com segurança que não foi Deus quem quis ou quem ordenou tais atrocidades. Nos tempos que precederam a monarquia em Israel, o povo hebreu convivia, num ambiente cultural e religioso, com dezenas de povos pagãos e bárbaros até. A guerra para tais povos significava lutar não só pela conquista de maior espaço geográfico, mas também pela preservação da própria nação e sobrevivência. Doutra parte, todos os povos antigos tinham sua divindade. E era um dado cultural e religioso, naqueles tempos, que quem dirigia a guerra de uma nação contra a outra era a própria divindade, o próprio deus nacional. Vencer uma guerra era sinal de maior poder do deus empenhado. A guerra, então, era chamada "santa", ou seja, feita em nome do próprio deus e com o próprio deus. Um povo que fosse ofendido, considerava ofendido O próprio deus nacional; e deveria vingar-se e vingar o próprio deus... O deus nacional era imposto aos vencidos, pelas armas. O povo bíblico está nesse contexto. Com a diferença que o povo hebreu não guerreava para impor a sua religião (o jvismo), que era uma religião própria, específica dele; mas guerreava em nome de Deus para vingar-se, para conquistar mais terras, mais espaço. Notemos que essas atrocidades aconteceram especificamente nos primeiros tempos da história do povo hebreu".

Como aqui você usa um argumento de um católico, achamos melhor não lhe refutar, iremos apenas transcrever o que disse, lá no início, porque, a essa altura do campeonato, o leitor poderá ter esquecido. Leiamos:

[...] cita quase sempre versões católicas da Bíblia, o que parece muito suspeito, sobretudo porque sabemos que o catolicismo não passa de um "espiritismo melhorado". Eu tive parentes espíritas e me contavam de padres e freiras que participavam de reuniões espíritas fazendo palestras em que contavam de suas próprias experiências como "paranormais". E até vi anúncio de um vídeo de uma autoridade católica, se não me engano um bispo, sobre suas comunicações mediúnicas e outras coisas do gênero. E é bem sabido que os católicos que creem nas teses espíritas de reencarnação, e até frequentam sessões espíritas durante a semana, indo, porém, regularmente às missas, são "legião". Interessante que a ICAR se empenha numa grande campanha antiprotestante, mas não se vê o mesmo empenho contra o espiritismo da parte da liderança católica [...]

Assim, versões católicas da Bíblia têm essa inclinação, porque a crença na imortalidade da alma, tão pagã quanto tantas outras práticas do catolicismo, é um dos fundamentos da doutrina dessa Igreja [...]

As Bíblias católicas não lhe servem; entretanto, a opinião de um frei católico sim! Haja paciência!... Coerência, nem se fala; passou bem longe, muito longe...

E para aqueles que gostam de comparar negativamente o Velho Testamento com relação ao Novo em certos aspectos, lembremo-nos que no Novo Testamento também temos um ato de morte fulminante da parte de Deus a gente até de convicção cristã — o casal Ananias e Safira (Atos 5). Logo, também no Novo Testamento temos um Deus que age com rigor contra os violadores de Suas ordens. Como eu disse certa vez num grupo de discussão e alguns espíritas se escandalizaram, “Deus matou, mata e matará”. Claro, teremos ainda o juízo final quando o destino dos errantes será definido como eterna destruição, a “segunda morte”, do lago de fogo, que realiza uma dupla tarefa — destrói os ímpios e transforma este planeta, mediante um “dilúvio” de fogo, num planeta renovado para ser a eterna morada dos remidos (cf. 2a. Ped. 3:6-13).

Isso é tornado claríssimo por inúmeros outros textos, tanto do Velho quanto do Novo Testamento.

Aqui, como em muitas outras ocasiões, a coisa se resume apenas na questão de interpretação. Não atribuímos a morte dos dois – Ananias e Safira - a uma atitude punitiva divina; punição seria deixá-los vivos, pois todos morreremos mesmo. Por um ato tão insignificante e, aliás, a que não há nenhuma obrigação por parte de Deus para se cumprir, não poderiam receber pena alguma. Mas o fato é que morreram; resta-nos, então, numa crítica lógica, buscar uma explicação plausível, porém que não se culpe a Deus por isso.

Apenas para efeito de comparação: não vemos quase todos os dias torcedores de futebol morrendo dentro dos estádios, por conta da derrota de seu time do coração? Isso também seria castigo de Deus ou algo natural? Acreditamos que natural; é por isso que atribuímos a morte de Ananias e sua mulher Safira a uma causa desconhecida na época. Suponhamos que os dois tivessem problemas de coração, e Ananias vendo-se descoberto naquilo que fizera (esconder dinheiro, que nem mesmo era obrigado por lei a dar a ninguém) seu fraco coração não resistiu; a sua mulher, ao saber de sua morte, também não resistindo à notícia, morre por insuficiência cardíaca. É imaginação fértil? Não, pois recentemente ocorreu um caso bem semelhante na cidade onde residimos. O marido que, na ocasião, estava fora da cidade, em tratamento de saúde, por problemas cardíacos, morreu; quando a esposa soube da notícia veio também a falecer; a população compareceu num velório duplo.

O engraçado nisso tudo é: por que será que nos dias de hoje as pessoas não vendem seus bens para distribuí-los a todos os membros de sua igreja? Por que Deus não mata essas pessoas que não fazem isso? Ops! Peraí! Não faça isso Deus “pelo amor de Deus” senão estamos fritos!

Certo tipo de opinião, acreditamos, só poderá provir de pessoas que não são pais ou por aquelas que odeiam seus filhos, pois admitir que Deus tenha criado alguma coisa para depois destruir, fere qualquer senso de humanidade: *“Tu amas tudo o que existe, e não desprezas nada do que criaste. Se odiasses alguma coisa, não a terias criado”* (Sb 11,24).

Apresentamos essa passagem do livro Sabedoria, embora ele não pertença às Bíblias protestantes. Entretanto, apelamos, não pela sua inspiração divina, mas pelo seu valor histórico, que serve para comprovar no que acreditavam naquela época. Algumas informações sobre ele:

Na ordem cronológica, Sabedoria é o último livro do AT. O título “Sabedoria de Salomão” é fictício, pois seu autor; um judeu de Alexandria, escreveu o livro pelo ano 50 a.C. Mais uma vez um livro sapiencial é atribuído a Salomão, o sábio por excelência em Israel.

Para ser corretamente avaliado, o livro deve ser entendido no contexto onde surgiu. Alexandria era importante centro político e cultural grego, e contava com cerca de 200.000 judeus entre seus habitantes. A cultura grega, porém, com suas filosofias, costumes e cultos religiosos de uma parte, e com a hostilidade dos pagãos e às vezes perseguição aberta de outra, constituía uma ameaça constante à fé e à cultura do povo judaico que habitava no Egito. Para não serem marginalizados da sociedade, muitos deixavam os costumes e até mesmo a fé, perdendo a própria identidade para se conformar a uma sociedade

idólatra e injusta.

O autor, profundamente alimentado pelas Escrituras e pela consciência histórica do seu povo, enfrenta a situação, escrevendo um livro que procura de todos os modos reforçar a fé e ativar a esperança, lembrando o patrimônio histórico-religioso dos antepassados. Ele ensina a verdadeira sabedoria que conduz a uma vida justa e à felicidade. Não se trata da cultura que se conquista pelo pensamento, mas da sabedoria que vem de Deus, opondo-se à idolatria e à vida injusta que nasce dela. Esta sabedoria divina guiou magistralmente a história do povo de Deus, revelando que a verdadeira felicidade pertence aos amigos de Deus. Em outras palavras, o autor quer mostrar que a sabedoria ou senso de realização da vida não é apenas um fruto do esforço do homem, mas é em primeiro lugar um dom que Deus concede gratuitamente aos seus aliados. (...) (Bíblia Sagrada Pastoral – São Paulo: Paulus, 1990, p. 882).

No judaísmo alexandrino a doutrina progredirá em caminho paralelo e irá mais adiante. Depois que a filosofia platônica, com sua teoria da alma imortal, tiver libertado o pensamento hebraico de seus entraves, o livro da Sabedoria afirmará que “Deus criou o homem para a imortalidade” (2,23) e que depois da morte a alma fiel gozará de felicidade sem fim junto de Deus, enquanto os ímpios receberão castigo (3,1-12). Assim, finalmente, estará dada a resposta ao grande problema dos sábios de Israel. (Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002, p. 798).

Verdade é que nos cc. 7-9 o autor fala e escreve como se fora Salomão, rei de Israel, que reinou em Jerusalém no séc. X a.C. (cf. 1Rs 3,5-12) e por isso nos códices gregos o livro tem ordinariamente o título de Sabedoria de Salomão. Mas isto é um inócuo artifício literário empregado nas antigas literaturas, uma espécie de prosopopeia, visando a dar ao discurso maior atração e eficácia, tomando para tanto o tom de insigne personagem antiga.

Este artifício humano nada tira à autoridade divina do livro, isto é, à sua inspiração, que é assegurada não só pelo magistério da Igreja, mas também pelo uso que do presente livro fizeram os autores do Novo Testamento, os quais se o não citaram nominalmente, apropriaram-se de pensamentos e construções que lhe são próprios. Confrontem-se por exemplo, principalmente, Sab 12,12-22 com Rm 9,19-23; Sab 9,15 com 2Cor 5,4; Sab 3,5-6 com 1 Pdr 1,6-7; Sab 7,25-26 com Hebr 1,3; Sab 7 em geral com Jo 1. (Bíblia Sagrada – São Paulo: Edições Paulinas, 1980, p. 725).

Se nos acusa de pegar textos isolados para justificar nossas ideias, os protestantes poderão ser, por sua vez, acusados de terem escolhido textos que lhes convieram para formar sua Bíblia, pois justamente onde se encontra mais clara a ideia da imortalidade da alma, este livro não faz parte dela.

Sobre o caso da mulher apanhada em adultério, já tratamos rapidamente, mas reiteramos: Jesus não condenou à morte a mulher adúltera, mas não é dito que Ele por Sua ação (sendo o Juiz de toda a Terra Ele a julgou de modo muito mais perfeito do que qualquer tribunal humana, pois conhecia o coração dela e de Seus acusadores) haja abolido a lei penal de Israel. Onde é dito que daí em diante não mais se condenaram adúlteros à morte?

Meu Deus! Como pode distorcer tanto assim os ensinamentos de Jesus... A única coisa que ele condenava era a hipocrisia, nada mais que isso. Por simples questão de justiça: tratamento igual para crimes iguais; há que se haver imparcialidade, senão estaremos diante de uma injustiça. Poderemos responder a última questão dizendo que também não tem nenhum relato que venha demonstrar que outras pessoas tenham cometido adultério para que Jesus falasse isso novamente. Mas, certamente, isso é pura apelação; deixemos para lá.

Bem, nosso amigo contestador espírita alega que há três versões diferentes para a morte de Saul, e ele as enumera, como segue:

1ª) Suicidou-se: “Então Saul disse ao escudeiro: “Desembainhe a espada e me atravesse, antes que esses incircuncisos cheguem e caçoem de mim”. O escudeiro ficou apavorado e não quis obedecer. Então Saul pegou a espada e atirou-se sobre ela.” (1Sm 31,4).

2ª) Foi morto por um amalecita: “Eu estava casualmente no monte Gelboé

e vi Saul apoiado em sua própria lança, enquanto os carros e cavaleiros se aproximavam. Saul virou-se, me viu, e me chamou... Então Saul me disse: 'Aproxime-se e mata-me, pois estou agonizando e não acabo de morrer'. Então eu me aproximei dele e o matei, porque eu sabia que ele não iria mesmo sobreviver depois de caído". (2Sm 1,1-10).

3ª) Os filisteus o enforcaram: "Então Davi foi pedir os ossos de Saul e de seu filho Jônatas aos cidadãos de Jabes de Galaad, que os tinham levado da praça de Betsã, onde os filisteus os haviam enforcado, quando venceram Saul em Gelboé". (2Sm 21,12).

Na verdade, as coisas são bem mais simples de entender. A primeiro é a versão real—o suicídio de Saul. O segundo caso, lendo-se atentamente o relato do amalequita, percebe-se que este queria era ganhar uma recompensa e espertamente criou a versão de ter realizado esse "heróico" ato de eliminar a vida de Saul. Tanto que em vez de recompensa, pagou foi com a vida sua ousadia de mentir tão descaradamente ao rei de Israel.

Quanto ao terceiro relato, parece que temos aqui uma escolha de tradução errada, pois não é isso o que outras versões nos apresentam. Vejamos a Almeida (protestante):

"12 ele foi e tomou os ossos de Saul e os de Jônatas seu filho, aos homens de Jabes-Gileade, que os haviam furtado da praça de Bete-Seã, onde os filisteus os tinham pendurado quando mataram a Saul em Gilboa;

13 e trouxe dali os ossos de Saul e os de Jônatas seu filho; e ajuntaram a eles também os ossos dos enforcados."

Não é dito em lugar algum que Saul e Jônatas foram enforcados, e sim que seus ossos foram roubados e dependurados, certamente como troféus de guerra, na praça referida. Houve enforcamento *a posteriori*, mas de outros descendentes de Saul, filhos de concubinas dele (sendo poupado um deles, Mefibosete), como se pode ver no relato completo lendo-se todo o capítulo.

É verdade que se diz que eles foram MORTOS pelos inimigos, mas esta é uma linguagem genérica para falar que foram eliminados na guerra (Jônatas foi morto e não se suicidou). Contudo, entender que haja uma versão de que foram enforcados pelos seus inimigos é entender errado um texto que não diz nada disso.

Portanto, confrontamos alguém que nos exige COERÊNCIA na interpretação bíblica, quando nem demonstra capacidade de entender um simples roteiro de um relato de seu texto. O que dirá da interpretação de sua mensagem global...

As coisas são simples quando se distorcem os textos à conveniência de seus dogmas; foi o que aprendeu; então é compreensível. Entretanto, não faz nada mais que ver as coisas pelo seu prisma.

Nenhuma das passagens pode ser identificada como a real, pois qualquer uma delas pode ser a verdadeira; vai depender do interesse de quem as toma. Poderia ser a primeira; entretanto, como pela segunda Davi matou o amalecita, que diz ter matado a Saul, isso nos coloca diante do fato de que ele, Davi, reconheceu verdadeira a informação dessa pessoa; aliás, o que se justifica pois "*o Espírito do Senhor já havia se apoderado de Davi*" (1Sm 16,13), desde antes desse episódio; assim, agindo por influência divina, é que aceitou como verdade o que ele disse sobre a morte de Saul e foi por isso que Davi o puniu.

Apresentamos essas outras opiniões sobre o que Davi achou da informação do amalecita:

2Sm 1,1: É discutível se a narração do mensageiro é verídica ou embusteira. O amalecita traz as joias reais: só pode tê-las recolhido se chegou muito cedo do lugar onde Saul morreu, antes dos outros, antes dos filisteus. Davi toma sua narração como verídica, e por ela o sentencia e manda executá-lo. (Bíblia do Peregrino, p. 550). (grifo nosso).

2Sm 1,1: Davi, tendo sabido que o amalecita vivia como estrangeiro em Israel e era, portanto, súdito de Saul, mandou-o matar, porque tinha matado seu rei, como ele afirmava. A narrativa do amalecita, tendo-se em vista o que se diz em 1Sam 31,4s, é falsa. Davi exerce sua autoridade, acreditando nas palavras do amalecita, o qual pagou com a vida a sua mentira. (Bíblia

Sagrada – Paulinas, p. 306). (grifo nosso).

Quanto à passagem de “versão errada”, vejamo-la, tomando de um ponto mais atrás:

Versão católica 2Sm 21,9-13, a qual usamos para citação:

O rei tomou os dois filhos que Resfa, filha de Aías, tinha dado a Saul, a saber, Armoni e Meribal, e os cinco filhos que Micol, filha de Saul, tinha dado a Adriel, filho de Berzelai. E entregou-os nas mãos dos gabaonitas, e estes os desmembraram na montanha, na presença de Iahweh. Os sete morreram juntos; foram executados no começo dos primeiros dias da colheita da cevada. ...Então Davi foi pedir os ossos de Saul e os de seu filho Jônatas, seu filho, aos notáveis de Jabes de Galaad, que os tinham levado da praça de Betsã, onde os filisteus os haviam enforcado, quando os filisteus venceram Saul em Gelboé. Davi tirou dali os ossos de Saul e os de seu filho Jônatas, e os juntou aos dos que tinham sido executados. (Bíblia de Jerusalém).

Versão protestante 2Sm 21,9-12, a que foi usada pelo professor:

Mas o rei tomou os dois filhos de Rizpa, filha de Aías, que ela tivera de Saul, a saber, a Armoni e a Mefibosete, como também os cinco filhos de Merabe, filha de Saul, que ela tivera de Adriel, filho de Barzilai, meolatita, 9. e os entregou na mão dos gibeonitas, os quais os enforcaram no monte, perante o Senhor; e os sete caíram todos juntos. Foi nos primeiros dias da sega que foram mortos, no princípio a sega da cevada. ... 12. ele[Davi] foi e tomou os ossos de Saul e os de Jônatas seu filho, aos homens de Jabes-Gileade, que os haviam furtado da praça de Bete-Seã, onde os filisteus os tinham pendurado quando mataram a Saul em Gilboa; 13. e trouxe dali os ossos de Saul e os de Jônatas seu filho; e ajuntaram a eles também os ossos dos enforcados.

A questão é que, por tradição, há outra versão da morte de Saul, conforme podemos comprovar em notas de duas Bíblias, colocadas, evidentemente, pelos seus tradutores:

2Sm 1,1: Outra tradição concernente à morte de Saul. A narrativa que é a continuação, direta de 1Sm 30, é também compósita: segundo uma forma da tradição, um homem do exército vem anunciar a morte de Saul e de Jônatas; Davi e o povo fazem luto (vv. 1-4.11-12). Segundo a outra forma, um jovem amalecita vangloriava-se de ter matado Saul e traz as insígnias reais, esperando uma recompensa; é executado por ordem de Davi (vv. 5-10.13-16). (Bíblia de Jerusalém, p. 432).

2Sm 1,1: Este capítulo apresenta uma tradição sobre a morte de Saul, diferente da apresentada em 1Sam 31. Segundo 1Sam 31, alguém viu o suicídio de Saul e vem narrá-lo a Davi. Segundo a presente tradição, um amalecita gloria-se de ter dado o golpe de misericórdia ao Rei, já em agonia. Com o seu ato julga o amalecita ter prestado a Davi um bom serviço, esperando receber alguma recompensa. Mas Davi tem sentimentos muito nobres e sempre cheios de religioso respeito para com o “ungido do Senhor”. (Bíblia Sagrada – Santuário, p. 396).

E aqui encontramos mais um outro problema. Em 2Sm 21 no versículo 12, em ambas as versões, está dito que Davi foi quem pediu os ossos de Saul e Jônatas; no entanto, tem-se a impressão que foram “todos os valentes” (1Sm31,11) ou “todos os guerreiros” (1Cr 10,11) de Jabes de Galaad.

Não podemos deixar de apontar uma outra divergência; enquanto que, na versão católica, os parentes de Saul foram “desmembrados”, ou seja, tiveram seus ossos quebrados, a outra versão, reputada como sendo a tradução verdadeira, diz que foram enforcados.

No mais das vezes, preferimos citar a Bíblia de Jerusalém, porquanto é uma tradução feita por uma equipe de tradutores, da qual faziam parte exegetas católicos e protestantes. Nela se encontra o vocábulo enforcado e não pendurado, ambas as expressões são encontradas em outras Bíblias, com a particularidade de que somente as protestantes é que trazem “pendurado”, ao invés de enforcado.

Muito “interessante” a sua conclusão: “Portanto, confrontamos alguém que nos exige

COERÊNCIA na interpretação bíblica, quando nem demonstra capacidade de entender um simples roteiro de um relato de seu texto. O que dirá da interpretação de sua mensagem global...". O fato é que você fez pior, já que nem mesmo conseguiu perceber que dentro da citação que fizemos o entendimento é o que colocamos; só que você fez uma confusão dos diabos, misturando a citada por nós com o final da sua; foi por isso que "viu" e afirmou que não sabemos interpretar texto. Essa é de doer! Bom, isto nos coloca diante da seguinte suposição: imagine o que não se deve estar fazendo diante dos textos bíblicos...

Diz ele quanto à 3a. pergunta:

"O método usado para as consultas era, conforme já demonstramos um pouco mais atrás, jogando-se as pedras das sortes – urim e tumim –, ou seja, um verdadeiro "cara ou coroa", que valia como forma de se consultar a Deus, coisa que não se faz ao consultar os mortos, já que isso é feito com seriedade e devoção, porquanto, eles continuam merecendo o nosso respeito, apesar de estarem noutra dimensão da vida; aliás, seria melhor dizer naquela que é a nossa verdadeira pátria.

E aqui o que Saul estava fazendo, ou seja, evocando os mortos para fins de adivinhação (necromancia), é coisa lamentável mesmo, o que é reprovado por nós".

Como já analisamos essa questão de "urim" e "tumim" e vimos que não existe absolutamente fundamento algum para essa conversa de dados lançados para o ar, já que ambas as pedras ficavam fixas no peitoral do sacerdote, não há muito o que dizer sobre esta pergunta, a não ser lembrar que a nossa verdadeira pátria é a cidade que NO FUTURO há de descer do céu, como Paulo diz em Filipenses e Hebreus.

Ora, ora, acaba de nos acusar de não saber interpretar texto e, entretanto, nesse ponto, você foi além daquilo que atribui a nós, pois, conforme provamos anteriormente, existiam, sim, essas duas pedras da sorte, urim e tumim, que não eram fixas no peitoral do juízo, mas soltas, justamente para serem jogadas, e conforme a forma que caíam era o "sim" ou o "não" tido como a resposta de Deus. Além disso, também demonstrou ser pouco familiar à pesquisa sobre aquilo que diz.

Quando essa cidade for "descer do céu", favor nos avisar para providenciarmos que ela não caia sobre a nossa cabeça. Mas então de que Jesus falava, quando disse que "*meu reino não é desse mundo*" (Jo 18,36)? Ah!, já sei, era de outro planeta...

Aproveitemos e analisemos mais a fundo esta questão da "outra pátria" que todos os fiéis servos de Deus esperam:

Além de o apóstolo Paulo falar claramente que sua expectativa de receber seu galardão eterno "naquele dia", não quando morresse e sua suposta alma imortal fosse libertada do corpo, mas quando da volta do Senhor (2 Tim. 4:6-8), e ressaltar isso em Filipenses 3:20, 21, na epístola aos Hebreus esse tema da cidade santa como grande expectativa e esperança dos fiéis de Deus é novamente ressaltado. Observem estas passagens:

"E assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo, assim também Cristo, tendo-Se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O aguardam para a salvação" (Heb. 9:27, 28).

O autor inspirado faz ligação natural entre a morte de um homem e o retorno de Cristo como o centro da esperança de vida eterna e do juízo. Se cresse na imortalidade da alma, por que nada fala desses que estão na expectativa do juízo irem para algum lugar do universo aguardar o seu veredito? Por que na sequência é enfatizado o retorno de Cristo "aos que O aguardam para a salvação"? Esse tipo de linguagem claramente exclui qualquer ideia de um estado intermediário entre a ressurreição morte e a ressurreição, quando do Advento do Senhor.

Vejamos mais alguns significativos textos em Hebreus:

"Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, saindo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia. Pela fé peregrinou na terra da promessa, como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; porque esperava a

cidade que tem os fundamentos, da qual o arquiteto e edificador é Deus” (Heb. 11:8-10).

“Todos estes [os heróis da fé, de Hebreus 11] morreram na fé, sem ter obtido as promessas, vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a Terra. Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria... Agora aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial” (Heb. 11:13).

“[Pela fé] . . . mulheres receberam, pela ressurreição os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição” (Heb.11:35).

“Ora, todos estes [heróis de Deus] obtiveram bom testemunho por sua fé, não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados” (Heb. 11:39, 40).

“Aquele, cuja voz abalou, então, a Terra; agora, porém, Ele promete, dizendo: Ainda uma vez por todas farei abalar não só a Terra, mas também o céu. Ora, esta palavra: Ainda uma vez por todas, significa a remoção dessas cousas abaladas, como tinham sido feitas, para que as cousas que não são abaladas permaneçam. Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor” (Heb. 11: 26-28).

O que viria a ser abalado seria o presente mundo (como profetizado em 2 Pedro 3:9-13), mas “um reino inabalável” é prometido e tem que ver com a “pátria celeste” que pela contextualização não significa de modo algum a ida das almas para o céu [ou algum local indefinido no universo] com a morte. A ênfase de todas essas passagens simplesmente não dá margem a tal interpretação, sobretudo ao ressaltar a ressurreição dos mortos repetidamente.

É digno de nota que esses heróis todos “não obtiveram . . . a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados”. Não fica por demais claro nessas palavras que tal concretização de promessas se dará “naquele dia”, como disse Paulo, quando esperava herdar “a coroa da justiça que me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a Mim, mas também a todos quantos amam a Sua vinda” (2 Tim. 4:7, 8)?

Considerando que “... *ele [Jesus] se manifestou uma vez por todas no fim dos tempos*” (Hb 9,26) e que o autor de Hebreus é inspirado, como explicar que esse fim dos tempos, ao qual pensavam estar, passou e até agora não ainda chegou? Por outro lado, se “*aos homens é ordenado morrer uma só vez*” (Hb 9,27), então as ressurreições citadas na Bíblia são pura ficção, já que, obviamente, essas pessoas, por algum privilégio injustificável, morreram duas vezes, contrariando essa passagem.

Mas se a morte de Cristo foi para tirar o pecado do mundo, então porque Deus não nos devolveu a imortalidade física, já que a tirou por conta do pecado de Adão e Eva. Se isso for verdade, então “comamos e bebamos” (Paulo).

Obviamente “damos testemunho daquilo que sabemos”, ou seja, a nossa crença está ligada intimamente àquilo que aprendemos ou aos fatores culturais nos quais vivemos, entretanto, isso não torna verdadeiro tudo que abrange à nossa crença.

Mas, por falar nisso, Paulo disse que “*a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus*” (1Cor 15,50) e que ressuscita corpo espiritual (1Cor 15,44), entretanto, muitos ainda acreditam, por exemplo, que Henoc e Elias, foram arrebatados de corpo e alma para o céu. Aliás, que céu local é esse, quando sabemos hoje que o “reino dos céus” é um estado de consciência, pois, conforme Jesus, ele está dentro de nós (Lc 17,21)?

E já que está falando de Hebreus, porque, por coerência, não considera isso também como inspirado?:

Hb 7,18-19: *Desta maneira é que se dá a ab-rogação do regulamento anterior em virtude da sua fraqueza e inutilidade – a Lei, na verdade, nada levou à perfeição – e foi introduzida uma esperança melhor pela qual nos aproximamos de Deus. Mais ainda. Isso não se deu sem juramento. Os outros, sim, foram feitos*

sacerdotes sem juramento. Mas este o foi com juramento, por aquele que declarou: O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre. Portanto, Jesus é também o fiador de uma aliança muito melhor.

Hb 8,6-7.13: Mas, agora, Jesus foi encarregado de um ministério tanto mais excelente quanto melhor é a aliança da qual é mediador, sendo esta legalmente fundada sobre promessas mais excelentes. Se, na verdade, a primeira aliança tivesse sido sem falhas, não teria cabimento ser substituída por uma segunda. Dizendo: aliança nova, Deus declarou antiquada a primeira. Ora, o que se torna antiquado e envelhece está próximo a desaparecer.

Levando-se em conta que o “discípulo não é superior ao mestre” (Mt 10,24), qualquer ensinamento que não esteja conforme aquilo que Jesus pregou não deveria ser considerado, mas percebe-se que até mesmo um autor desconhecido, como é o caso do de Hebreus, na visão de alguns, prevalece aos de Cristo. Numa certa feita Jesus disse, em se referindo à Abraão, Isaac e Jacó, que Deus é Deus de vivos, não de mortos (Mt 22,32), o que significa, que esses três personagens bíblicos viviam ressurretos, apesar de mortos fisicamente, isso é imortalidade da alma, quer goste ou não.

Como Jesus disse que não teria falado aos discípulos tudo quanto queria, por não terem ainda capacidade de entender - sinal que um dia teriam – (Jo 16,12), e como as coisas não acontecem instantaneamente, no caso poucos dias depois, é razoável acreditarmos que, implicitamente, a ideia da reencarnação se ajusta aí; quem tiver olhos que veja.

Do jeito que as coisas andam distorcidas pelos líderes religiosos, mesmo que Jesus voltasse fisicamente outra vez, como outrora, ninguém acreditaria nele, e o que é pior, seria também perseguido por essa liderança que tem verdades demais, das quais não abrem mão, nem que a vaca tussa.

Sobre seus comentários quanto à 4a. pergunta, já explicamos a questão da “lei penal” de Israel que era tida por nação teocrática. Na lei moral de Deus, sintetizada nos 10 Mandamentos e sintetizada na “lei áurea” (e foi Moisés quem já falara desses princípios básicos de amor a Deus e ao próximo—Deu. 6:5 e Lev. 19:18) não há ordem de matar ninguém. Os princípios universais da “lei moral” não envolvem a pena de morte, pois Deus é o Supremo Juiz que no final ditará a pena de morte aos pecadores, já que “o salário do pecado é a morte” (Rom. 6:23).

Francamente!... Agora ficamos perdidos, pois, ao que entendemos, você acredita que Deus não nos mata quando no corpo para nos matar depois da morte, quando voltamos à nossa condição de espíritos?! Eita! Se o salário do pecado é a morte, como parece acreditar, então estamos todos condenados à morte, porquanto, *“todos estão debaixo do pecado”* (Rm 3,9), sem desculpas, pois *“se dissermos que não temos pecado nenhum, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós”* (1Jo 1,8).

Qual é a imoralidade praticada por quem se comunica com os mortos?... É a interrogação que nos fica sem uma resposta lógica.

Sobre as ideias de “pai dos Espíritos”, apresentamos o estudo acima sobre a “cidade que não tem fundamentos”, que é a esperada pelos cristãos, e que trata do clímax da história humana com o Advento de Cristo, mas a despeito da clareza dessa exposição, alguns gostam de explorar o texto de Heb. 12:22 e 23--“Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados”--como prova de que as almas ou espíritos dos salvos já estariam no céu ou algum local indefinido do universo, podendo até vir comunicar-se com os viventes.

Contudo, o que temos aí, à luz do contexto, é um contraste entre o Monte Sinai (vs. 18-21) e o monte Sião, a assembleia reunida em torno do Sinai, temerosa e tremente, em contraste com a mais gloriosa “universal assembleia e igreja dos primogênitos ARROLADOS nos céus”. Não é dito que estejam presentemente no céu, mas têm ali os seus nomes escritos, como Jesus mesmo declarou: *“Alegrai-vos ... porque os vossos nomes estão arrolados nos céus”*

(Luc. 10:20).

Sinceramente, encaixar nessa descrição toda e ver nessa ênfase clara quaisquer almas indo para o céu ou deixando o corpo para algum local do universo, é uma petição principii [petição de princípio]. Não existe a mínima chance de se encontrar aí qualquer noção disso, tanto que Paulo diz, no tempo presente: "Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos" (Hebreus 12:22). Ora, ele está escrevendo a vivos, e não aos mortos cujos espíritos supostamente estariam junto ao "Monte Sião". O que ele diz é que todos os crentes pertencem à mesma comunidade de fé, num contraste entre Sião e Sinai, e que todos os que são da fé chegaram-se à comunidade de Sião, em contraste com os que eram da comunidade da lei, no Sinai.

Os "espíritos dos santos aperfeiçoados" significa simplesmente aqueles cristãos nessa imensa assembleia dos salvos, destemida e já tendo assumido o galardão prometido pela fé. Refere-se a homens e mulheres justos que se acham ainda na igreja militante; e o Pai dos 'espíritos' (Hebreus 12:9) tem referência a homens ainda no corpo. Afinal, trata-se de uma referência à linguagem de Números 16:22 e 27:16--o 'Deus dos espíritos de toda a carne' (Números 16:22 e 27:16). Isso é referência a homens concretos, de carne e osso, não em estado desencarnado".

O que devemos entender, conforme já dissemos anteriormente, é que se *"Deus é Espírito"* (Jo 4,24), também *"é pai dos Espíritos"* (Hb 12,9); mais ainda: se é o *"Deus dos Espíritos"* (Nm 16,22), então a nossa semelhança com Ele, conforme citado em Gênesis (Gn 1,26; 5,1), há que ser pelo espírito, ou seja, sob o aspecto espiritual; daí Jesus ter afirmado *"o espírito é que dá vida, a carne de nada serve"* (Jo 6,63), o que nos remete inevitavelmente à condição de sermos espíritos. A questão de sermos dualistas, foi demonstrada anteriormente, apenas para reforçar, citaremos: *"Ó Deus, Deus dos espíritos que vivificam (ou que animam) toda a carne, ..."* (Nm 16,11; 27,15), deixa evidente a questão de que nossa carne é animada ou vivificada pelo espírito. O que nos causa estranheza é que a passagem contestada pelo professor é uma que prova a existência do espírito independente do corpo e que ele pode se manifestar. Entretanto, não aceita, porquanto fere sua crença de que a alma não é imortal.

Quanto ao "desafio" de nosso amigo, "Gostaríamos que nos apresentasse a passagem em que se encontra a 'ordem divina' proibindo os mortos de se comunicarem com os vivos, já que era essa a condição de Samuel", eu diria que, para começo de conversa, não existe passagem que fale de possibilidade de mortos se comunicarem seja com quem for, porque a definição bíblica de morte não é de passagem de ninguém para outra "esfera de existência", que está sendo até interpretada como a "pátria" melhor. Já vimos que essa pátria, ou cidade a que Paulo se refere não é nenhuma vida espiritual destituída de um corpo, mas do RETORNO à vida mediante a ressurreição dos mortos, e isso a partir do cumprimento da promessa de Cristo, "vou preparar-vos lugar", ao qual levaria os Seus, não quando esses fossem morrendo, mas quando Ele retornasse nas nuvens de glória para estar daí em diante "para sempre" com os Seus.

Quanto a não existir passagem que fale da possibilidade de mortos se comunicarem com os vivos, é também cego aquele que não quer ver, essa que é a verdade. Se há a proibição de se comunicar com os mortos, para você de origem divina, então temos que convir que, nesse caso, Deus proibiu algo que não acontece, ou seja, você O coloca em maus lençóis. A passagem que relata uma comunicação com os mortos, no caso 1Sm 28, à qual você coloca os 10 pontos, você a refuga por conta de seus dogmas, deixando-a como de não inspiração divina, já que no texto afirma-se cristalinamente que Samuel-espírito se comunicou com Saul.

Uma outra que já falamos, mas apenas para lembrar, é aquela onde Moisés e Elias se comunicam com Jesus no monte Tabor; essa você apela dizendo que Moisés já estava ressuscitado fisicamente, mesmo acreditando que a ressurreição só se dará nos fins dos tempos, sendo, segundo Paulo: "Cristo as primícias".

A passagem do rico e Lázaro, também já citada por nós, onde o rico pede a Abraão para mandar Lázaro avisar a seus irmãos, deixa claro que os hebreus acreditavam na comunicação, pois se não fosse assim não haveria sentido nesse pedido. E, conforme argumentamos, Abraão não disse que isso não poderia ocorrer, mas que não o ouviriam, já

que nem mesmo aos vivos – Moisés e os profetas -, eles deram ouvidos. Inclusive, nessa passagem, os corpos de ambos, do rico e Lázaro, foram enterrados e não foi dito que ressuscitaram neles antes de irem cada um cumprir o seu destino, mas foram imediatamente; então não há como negar que foram em espírito. E ligando essa passagem com aquela que demonstramos que Abraão estava vivo, pois Deus é Deus de vivos, fica provada biblicamente a vida no plano espiritual; portanto, a imortalidade da alma.

Repetindo: *“ainda tenho muitas coisas a vos lhe dizer, mas não seriam capazes de suportar”* (Jo 16,12), o que demonstra que Jesus não disse tudo, o que nos leva a deixar em aberto as revelações divinas, ao contrário do que fizeram os bibliólatras, ao colocarem um ponto final na Bíblia. Aliás, se ele disse “muitas coisas”, é porque o que ensinou foram “poucas coisas”, apenas aquilo que podiam suportar na época. “Muitas” pressupõe maioria, completando “poucas”. Ele não se opôs a erros de época como o geocentrismo e a crença nos demônios, mas deixou algumas pistas em suas frases.

O que estávamos querendo dizer é que, embora haja na Bíblia a proibição de se comunicar com os mortos, nada foi falado em relação aos mortos se comunicarem com os vivos; é exatamente isso que vem acontecendo nos tempos modernos, desde o início dos fenômenos de Hydesville, New York, quando um espírito se manifestou num lar de um pastor metodista, sem que tivesse sido evocado. Então, não temos razões para nos preocupar com a manifestação dos espíritos, pois, se acontece, é porque há permissão de Deus; a não ser que alguém nos prove que eles estão vindo contra a sua autorização. Se assim está acontecendo, podemos crer que eles estão tendo um poder extraordinário para fazer algo que, segundo alguns ainda acreditam, é abominável a Deus.

Sobre a 5a. pergunta, ele comenta:

"Engraçado que, a toda hora, falam 'a Bíblia diz'; entretanto, aqui parecem negar o fato. Da mesma forma, diremos, com relação a 1Sm 28, que 'a Bíblia diz' que o pedido do rei Saul foi para evocar a Samuel (v. 11), que "a mulher viu Samuel" (v. 12); que Saul compreendeu que era Samuel (v. 14) e que 'Samuel disse a Saul' (v. 15). São afirmativas bíblicas que não deixam dúvidas da realidade do fenômeno, embora contestadas por muitos contraditores".

O fato de que o narrador declara que “Samuel disse” deve ser entendido dentro do cenário todo que está sendo pintado. Há uma “aparência” de um “deus”, um estranho ser, ‘elohim’, que é visto pela mulher. Ela interpreta como sendo Samuel, mas sabemos que não poderia ser pelas razões todas que já indicamos. Agora, essa teima em apegar-se à literalidade do que a Bíblia diz neste ponto, mas REJEITAR a literalidade da MESMA Bíblia quando o seu texto não convém ao espírito é exatamente o que mencionei antes de INCOERÊNCIA no uso das Escrituras. Ora, capitalizam tanto sobre a declaração de que “Samuel disse”, mas por que não levam em conta O QUE JESUS DISSE também em João 5:28 e 29, por exemplo?

“Não vos admireis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo”.

Na questão da interpretação dos textos bíblicos não podemos deixar de levar em conta os conhecimentos adquiridos pela humanidade; daí, algumas vezes, por questões de caráter científico, não tomarmos as coisas ao pé da letra. Teria sentido, por exemplo, em continuar afirmando que a Terra é o centro do Universo? Que a raça humana provém somente de Adão e Eva? Por outro lado, tem horas que é necessário mesmo *“separar o joio do trigo”*, buscando *“examinar tudo e reter o que é bom”* (1Ts 5,1).

É com o conhecimento que adquirimos a respeito da comunicação com os mortos, que analisamos as passagens bíblicas; por isso conseguimos identificar nelas essas ocorrências; mas qualquer um é livre, para aceitar ou continuar com a postura de avestruz.

Quanto ao que se agarra, como tábua de salvação, sobre o termo hebraico “elohim”, trazemos o que consta como opinião de seus vários tradutores:

Um deus. Uma figura sobre-humana ou um espírito (o de Samuel). (Bíblia

Anotada, p. 400).

Em hebr. Um "elohim", um ser sobre-humano (cf. Gn 3,5; Sl 8,6). Só aqui aplicado aos mortos. (Bíblia de Jerusalém, p. 428).

Um Deus que sobe da terra: a palavra hebraica para significar Deus, também designa os seres supra-humanos e, como neste caso, o espírito dos mortos. Havia a convicção de que os espíritos dos mortos estavam encerrados no sheol, e este se situaria por baixo da terra. (Bíblia Santuário, p. 392).

Um deus: Um ser comparável a um deus. (Bíblia Vozes, p. 333).

"Um deus". Hebr.: 'elo-hím, pl., evidentemente para denotar excelência e aplicado a uma pessoa, embora o verbo "subir", no hebr., esteja no pl., porque a mulher viu apenas a forma dum homem idoso subir. (Traduções Novo Mundo, p. 384).

Vi deuses: i.e., um espírito. (Bíblia Barsa, p. 222).

Dessa forma, percebemos que a expressão significa, segundo os exegetas, também um espírito, no caso, o de Samuel. O que chamamos a atenção é que os espíritos eram tomados à conta de deuses, o que levava as pessoas a reverenciá-los, exatamente como fez Saul (1Sm 28,14) diante desse espírito, ao prostrar-se com o rosto por terra. Acreditamos que essa foi uma das razões pela qual Moisés proibiu a comunicação com os mortos, já que necessitava incutir naquele povo a ideia de um Deus único.

Mas, obviamente, que nem tudo quanto disse Jesus, podemos tomar ao pé da letra, caro professor, exatamente para não contradizermos outras passagens (O TEOR GLOBAL DA BÍBLIA); vejamos:

a) os mais graves "pecados" seriam, certamente, a desobediência aos Dez Mandamentos; entretanto, não há nenhuma pena eterna no fogo do inferno para quem não os cumprissem, é o que percebemos dos textos bíblicos, a não ser que alguém nos prove o contrário apontando pelo menos um.

b) até onde sabemos o "eterno", segundo os entendidos, era um conceito para um tempo no qual não se sabia a duração; não como algo para toda a eternidade.

c) se *"vós que sois maus sabeis dar boas coisas a seus filhos, ainda mais o pai celestial"* (Mt 7,11); então que nos convença que o sofrimento eterno no inferno ou o aniquilamento, para os que acreditam nele, é boa coisa.

d) que possa se conciliar as penas eternas com: *"Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira"* (Sl 103,8-9).

e) que alguém nos prove que somos capazes de ofender a Deus: *"Se você pecar, que mal estará fazendo a Deus? Se você amontoa crimes, que danos está causando para ele? E se você é justo, o que é que está dando a ele? O que é que ele recebe de sua mão? Sua maldade só pode afetar outro homem igual a você. Sua justiça só atinge outro ser humano como você"*. (Jo 35,6-8).

f) como Jesus disse aos sacerdotes e anciãos que as prostitutas e pecadores entrariam no reino dos céus antes deles (Mt 21,31), pode-se concluir que todos entrarão, ou seja, *"nenhuma ovelha do meu rebanho se perderá"*, já que *"o Pai que está no céu não quer que nenhum desses pequeninos se perca"* (Mt 18,14). Alguns entram antes, outros depois.

Apenas para situarmos melhor, faremos uma rápida análise de 1 Sm 28, pela narrativa da Bíblia de Jerusalém, no meio da qual intercalamos os nossos comentários:

"3 Samuel tinha morrido, e todo o Israel o tinha lamentado, e o sepultaram em Ramá, sua cidade. Saul havia expulsado da terra os necromantes e os adivinhos".

Essa afirmação inicial é importante para preparar o leitor para o que irá suceder em seguida. A afirmação de que Samuel tinha morrido, é justamente para demonstrar que ele manifestou-se depois de morto. Quanto à lembrança de que Saul havia expulsado os necromantes e os adivinhos, também, é por conta de que uma pessoa que fazia isso iria fazer parte dessa história. E necromante é a pessoa que pratica a necromancia, o que, não custa definir novamente, é a evocação dos mortos para fins de adivinhação.

"4 Entretanto, os filisteus se reuniram e vieram acampar em Sunam. Saul reuniu todo o Israel e acamparam em Gelboé. 5 Quando Saul viu o exército dos filisteus acampado, encheu-se de medo e o seu coração se perturbou. 6 Saul consultou Iahweh, mas Iahweh não lhe respondeu, nem por sonho, nem pela sorte, nem pelos profetas".

Aqui temos o cenário do motivo pelo qual Saul busca a necromante. Desesperadamente queria saber dela, por meio da adivinhação, o que lhe aconteceria naquela guerra contra os filisteus. Tentou saber de Deus o que Ele lhe reservava; para isso recorreu ao sonho, ao urim e tumim (sorte), sobre os quais já falamos anteriormente, e pelos profetas, mas não obteve nenhuma resposta. Em virtude disso, resolve então procurar uma pessoa especializada em evocar os mortos - a necromante, o que vem a comprovar que isso era comum àquela época, já que até o rei Saul acreditava nessa hipótese, pois só assim se explica o fato de tê-la procurado.

"7 Saul disse então aos seus servos: 'Buscai-me uma mulher que pratique a adivinhação para que eu lhe fale e a consulte'. E os servos lhe responderam: 'Há mulher que pratica a adivinhação em Endor'".

Tomada a decisão de consultar-se com uma necromante, pergunta a seus servos se conheciam alguma mulher que fazia isso; eles indicaram uma que residia em Endor.

"8 Então Saul disfarçou-se, vestiu outra roupa e, de noite, acompanhado de dois homens, foi ter com a mulher, e lhe disse: 'Peço-te que pratiques para mim, a adivinhação, evocando para mim quem eu te disser. 9 A mulher, porém, lhe respondeu: 'Tu bem sabes o que fez Saul, expulsando do país os necromantes e adivinhos. Por que me armas uma cilada para que eu seja morta?' 10 Então Saul jurou-lhe por Iahweh, dizendo: 'Pela vida de Iahweh, nenhum mal te acontecerá por causa disso'. 11 Disse a mulher: 'A quem chamarei para ti?' Ele respondeu: 'Chama Samuel'. 12 Então a mulher viu Samuel e, soltando um grito medonho, disse a Saul: 'Por que me enganaste? Tu és Saul!'".

Se fosse vestido normalmente como rei ninguém seria doido de dizer que praticava a necromancia; essa é a razão pela qual Saul primeiro disfarçou-se, em pessoa comum, para só depois se dirigir à casa da mulher. Lá chegando, ele pediu para que ela evocasse um espírito. A mulher não quis fazer tal coisa, já que havia sido proibida. Mas Saul a tranquiliza. Sentindo-se mais segura, a mulher pergunta a Saul qual era o espírito com quem gostaria de falar. Ele fala que é com Samuel. A mulher ao ver o Samuel-espírito, certamente, porque também era vidente, reconhece, neste momento, que quem estava ali diante dela, fazendo uma consulta, era o próprio rei Saul, aquele que tinha proibido tal prática.

"13 Disse-lhe o rei: 'Não temas! Mas o que vês?' E a mulher respondeu a Saul: 'Vejo um deus que sobe da terra!' 14 Saul indagou: 'Qual é a sua aparência?' A mulher respondeu: 'É um velho que está subindo; veste um manto'. Então Saul viu que era Samuel e, inclinando-se com o rosto no chão prostrou-se".

Usando sua vidência, a mulher descreve a Saul o que ela estava vendo. A expressão "um deus" deve ser entendida como "um espírito", até mesmo porque a mulher evocava espíritos e não deuses. Mas como, àquela época, os espíritos eram considerados deuses, explica-se, dessa forma, o uso dessa expressão. Pela descrição da mulher, Saul reconhece tratar-se mesmo de Samuel-espírito, de tal modo que, sem pestanejar, prostra-se com o rosto no chão, em reverência (adoração) a ele. Exatamente, porque, conforme dissemos, à época, consideravam os espíritos como sendo deuses.

"15 Samuel disse, a Saul: 'Por que perturbas o meu descanso evocando-me?' Saul respondeu: 'E que estou em grande angústia. Os filisteus guerreiam contra mim, Deus se afastou de mim, não me responde mais, nem pelos profetas nem por sonhos. Então vim te chamar para que me digas o que tenho de fazer'. 16 Respondeu Samuel: 'Por que me consultas, se Iahweh se afastou de ti e se tornou teu adversário? 17 Iahweh fez por outro como te havia dito por meu intermédio: tirou das tuas mãos a realeza e a entregou a Davi, 18 porque não obedeceste a Iahweh e não executaste o ardor de sua ira contra Amalec. Foi por isso que Iahweh te tratou hoje assim. 19 Como consequência, Iahweh entregará, juntamente contigo, o teu povo Israel nas mãos dos

filisteus. Amanhã, tu e os teus filhos estareis comigo; a e o exército de Israel também: lahweh o entregará nas mãos dos filisteus”.

O narrador bíblico, cuja inspiração não pode ser negada pelos que acreditam que a Bíblia é a palavra de Deus, conta o diálogo de Samuel-espírito com Saul. O que estaria ocorrendo naquele momento? A necromante, pelo que se depreende do texto, é igualmente uma médium de psicofonia, vulgarmente denominada de incorporação. Sob a influência espiritual de Samuel-espírito, passa a conversar com Saul. E, notemos, ele já vem bravo, reclamando da perturbação que o rei estaria lhe fazendo, evocando-o. Saul relata a Samuel-espírito o motivo pelo qual resolveu consultá-lo, mesmo depois de morto. Samuel-espírito, usando a expressão “como te havia dito por meu intermédio” (v. 17) – em outras traduções “como ele tinha anunciado pela minha boca” – diz que Deus faria com Saul o que ele, Saul, já ouvira dele, Samuel, ainda em carne e osso. Significa que, naquele momento, ele estava falando com Saul por intermédio de outra pessoa, usando o sistema vocal da necromante. De fato, Samuel, quando vivo, havia falado com Saul que Deus lhe tiraria o reinado para entregar a outro (1Sm 15,28); com isso, não deixa dúvida de que quem estava ali falando da dimensão espiritual era mesmo Samuel-espírito.

“20 Imediatamente, Saul caiu estendido no chão, terrificado pelas palavras de Samuel e também enfraquecido por não se ter alimentado todo o dia e toda a noite”.

E para reafirmar, tudo quanto foi dito, em relação a ser Samuel-espírito quem estava ali diante de Saul, o narrador termina descrevendo o pavor de que Saul diante das palavras de Samuel. E ainda querem uns que tenha sido o demônio quem se manifestou; outros um pseudo-espírito; enfim, buscam, de todas as formas, retirar desse passo a realidade da comunicação com os mortos; são todos uns pobres coitados os que distorcem, às suas conveniências, o entendimento do texto. Observemos que pelo texto o que Samuel-espírito disse de já haver falado sobre o assunto a Saul é verdadeiro, fato que joga por terra que teria sido o demônio que apareceu em seu lugar, uma vez que, segundo dizem, ele é o pai da mentira. Por outro lado, isso também derruba a pretensão de alguns de colocá-lo como um pseudo-Samuel.

É como diz o ditado: o pior cego é aquele que não quer ver.

O espírita não quer nem saber da ideia de uma ressurreição dos mortos, que não se enquadra de modo algum na sua filosofia, no entanto o que é mais claro do que isso nas Escrituras, nas repetidas menções a isso por tantos diferentes autores, tanto do Velho quanto do Novo Testamento?

E que ressurreição não tem nada, nada, nada a ver com reencarnação (um conceito inteiramente alheio ao texto bíblico) se percebe da detalhada descrição que o profeta Ezequiel faz de uma ressurreição que ele testemunhou em visão. Ainda que tendo caráter simbólico, mas a CONCEPÇÃO do que seria uma ressurreição não deixa margem a dúvida — e em nada, absolutamente nada, se assemelha aos conceitos de origem pagã de imortalidade da alma e reencarnação. Eis como analisamos isso na nossa matéria, “Imortalidade da Alma: Nada no Começo, Meio ou Fim da História Humana”:

Nada Pelo Meio da História Humana

Já vimos como no início da história e formação do homem não aparece nenhuma “alma imortal” como elemento constitutivo da natureza do ser criado “à imagem e semelhança” de Deus. O que a Palavra de Deus nos revela é que Deus formou o homem do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o “fôlego de vida” e este tornou-se uma “alma vivente” (não que recebeu uma alma vivente).

Reforçando a verdade já exposta de que o fôlego de vida do homem e dos animais é igual temos mais este claro texto:

“E a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda a erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez”.—Gênesis 1:30.

Também veremos como na descrição de um dos últimos atos do drama da história humana—a ressurreição dos mortos—nada se diz sobre almas imortais procedendo seja da parte que for do universo para reincorporarem. É estranho como na detalhada descrição do apóstolo Paulo, tanto em 1 Tessalonicenses 4:13ss e 1 Coríntios 15, bem como no próprio ensino de Cristo a respeito (em

João 5:25-30) esse elemento não apareça e nenhuma menção ou mínimo indício de uma “alma imortal” ocorra.

Contudo, o que dizer sobre o que a Bíblia apresenta entre o início e o fim, com respeito ao tema da ressurreição? Vejamos um trecho muitíssimo significativo do profeta Ezequiel, que inspiradamente põe-se a descrever um evento de ressurreição— a famosa visão do vale de ossos secos. Embora tenha um sentido simbólico, relata algo bem concreto relativo à formação do homem:

“Veio sobre mim a mão do Senhor, e ele me fez sair no Espírito do Senhor, e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos. E me fez passar em volta deles; e eis que eram mui numerosos sobre a face do vale, e eis que estavam sequíssimos. E me disse: Filho do homem, porventura viverão estes ossos? E eu disse: Senhor Deus, tu o sabes. Então me disse: Profetiza sobre estes ossos, e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis. E porei nervos sobre vós e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis, e sabereis que eu sou o Senhor. Então profetizei como se me deu ordem. E houve um ruído, enquanto eu profetizava; e eis que se fez um rebuliço, e os ossos se achegaram, cada osso ao seu osso. E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles espírito. E ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor Deus: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. E profetizei como ele me deu ordem; então o espírito entrou neles, e viveram, e se puseram em pé, um exército grande em extremo. Então me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; nós mesmos estamos cortados. Portanto profetiza, e dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu abrirei os vossos sepulcros, e vos farei subir das vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir os vossos sepulcros, e vos fizer subir das vossas sepulturas, ó povo meu”.

É importante comparar diferentes traduções da passagem para desfazer qualquer dúvida de sentido de termos. A tradução judaica *The Holy Scriptures According to the Masoretic Text* [Escrituras Sagradas, Segundo o Texto Massorético], da *The Jewish Publication Society of America* (Sociedade Americana de Publicações Judaicas), de Philadelphia, EUA, bem como a *King James* e a *New International Version* falam de “fôlego”, em lugar de “espírito”, no que tange ao retorno do último componente para transmitir vida ao conjunto dos ossos “sequíssimos” que se unem a nervos, músculos, pele e, por fim, o recebimento desse “fôlego”, transforma aquela miraculosa reconstituição em seres humanos, pessoas viventes e bem ativas.

Também é digno de nota que na versão *A Bíblia na Linguagem de Hoje*, da *Sociedade Bíblica do Brasil*, encontramos as seguintes declarações nesse capítulo: “Porei respiração dentro de vocês e os farei viver de novo”; “porém não havia respiração nos corpos” e “Homem mortal, profetize para o vento . . . para soprar sobre esses corpos mortos a fim de que vivam de novo”. Uma nota de rodapé explica: “Vento: a mesma palavra hebraica pode significar espírito, ou respiração, ou fôlego, ou vento”. Essa palavra hebraica é *ruach*, a mesma de *Eclesiastes 12:7*—“E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu”.

Para reforçar ainda mais essa concepção da restauração dos que morreram à vida, temos estas palavras no texto transcrito do profeta Ezequiel: “Eis que eu abrirei os vossos sepulcros, e vos farei subir das vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir os vossos sepulcros, e vos fizer subir das vossas sepulturas, ó povo meu”.

Portanto, os elementos básicos que formam esse exército sob o comando do Senhor procedem das sepulturas, sem qualquer menção a almas oriundas seja do lugar que for no universo. O fôlego é adicionado aos componentes reconstituídos de carne e ossos, e a vida é restaurada. Mais uma vez percebam—nenhuma menção a qualquer alma imortal sendo reintegrada aos seres para que vivam.

Ora, se solicitássemos a uma pessoa que creia na imortalidade da alma que descrevesse como se daria uma ressurreição, sem dúvida o componente “alma imortal” seria até o mais importante de todos para transmitir vida a quem

jazia morto. Contudo, em parte alguma das Escrituras, nem no começo, nem no fim, nem pelo meio do relato bíblico, consta tal coisa. Daí que quando Jesus conversava com as irmãs enlutadas, por ocasião da morte de Lázaro, não as consolou dizendo coisa alguma sobre ele estar na glória, como é a crença popular. A ênfase da conversação deles é a FUTURA ressurreição dos mortos por todo o capítulo 11 de João. Daí Jesus poder dizer sem deixar margem a dúvida:

“Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; E todo aquele que vive, e crê em Mim, nunca morrerá. Crês tu isto?” — João 11:25,26.

Mais uma vez percebemos a ênfase, não em que a vida eterna depende de um elemento imaterial, imortal, no homem, mas no crer em Cristo para poder ressuscitar, pois somente assim, “ainda que esteja morto, viverá”.

Idem, idem, meu caro professor; você nem quer saber da comunicação com os mortos, porque isso vai contra o que acredita; não é mesmo? Entretanto, acreditamos, sim, na ressurreição; você é que não entende nada de Espiritismo. Só que a ressurreição na qual acreditamos é aquela em que o espírito, deixando seu corpo aos vermes, ressurge na dimensão espiritual, enquanto que você acredita na ressurreição física, que vai de encontro aos preceitos científicos atuais; certamente, é partidário do “creio, ainda que absurdo” (frase atribuída a Tertuliano).

Conforme demonstramos anteriormente a ressurreição na época de Jesus tinha também, dentre outros significados, o de voltar a viver em outro corpo físico, o que provamos apresentado as passagens bíblicas, o que será inútil retomá-las aqui, para não desgastar, mais do que já estamos fazendo, ao nosso prezado leitor.

Novamente volta a citar o livro Eclesiastes; só que ainda não nos disse se segue esse passo:

“Então descobri que a mulher é mais amarga do que a morte, porque ela é uma armadilha, o seu coração é uma rede e os seus braços são cadeias. Quem agrada a Deus consegue dela escapar, mas o pecador se deixa prender por ela.” (Ecl 7,26).

Como se vê, não há exceção a nenhuma mulher. Esclarecemos que o que vamos dizer a seguir não tem nada com sua vida particular, pois não a misturamos com a vida pública do cidadão. Entretanto, tudo indica que você é casado, pelo que se vê em seu site. Nesse caso, perguntamos: onde está a sua coerência com essa passagem da Bíblia?

As arengas do analista espírita a partir de sua resposta à nossa 6a. pergunta começam por dizer que nos meios evangélicos mais se fala em Satanás do que em Jesus Cristo. Como isso é inteiramente falso, só por aí se vê o que é o preconceito irracional, os rotulamentos irresponsáveis, as insinuações malévolas de quem nem sabe do que está falando. Nos meios evangélicos que eu frequentei (e de caráter interconfessional) nunca vi em nenhum ambiente algo semelhante ao que essa insinuação contém.

Não é falso não, caro professor; isso é o que se vê por aí, já que é pelo terrorismo religioso que conseguem manter encabrestados os seus fiéis; por isso é que sempre falam em satanás, ira divina, inferno, etc. A coisa está tão preta que até já ouvimos alguém dizer “Os evangélicos atuais fazem propaganda do diabo para vender Jesus”.

“Preconceito irracional” é coisa que não aceitamos que você transfira para nós aquilo que é seu, conforme sempre o demonstra em relação ao Espiritismo. “Insinuações malévolas” é querer relacionar Espiritismo com feitiçaria, como anda fazendo o tempo todo. Esse fato é que demonstra a sua falta de conhecimento do Espiritismo; então, não venha com essa de querer dos outros aquilo que você não pratica: conhecimento sobre o assunto criticado. Caso contrário, seremos obrigados a dizer que você é partidário do “faça o que mando, mas não faça o que faço”. Seja coerente, pelo menos, nisso!

Quanto ao que ele diz “Essa era uma das razões pela qual Moisés proibiu tais práticas; exatamente por não saberem diferenciar os espíritos, considerados deuses, do Deus verdadeiro, aos quais faziam reverências, conforme pode se comprovar com a atitude de Saul que, ao ter certeza da presença de Samuel,

imediatamente, 'se prostrou com o rosto por terra'. (1Sm 28,14)", primeiro não foi Moisés quem proibiu, e sim o Legislador de Israel, que era Deus. Moisés era apenas o porta-voz de Deus.

Segundo, se o povo tinha que evoluir para mais adiante superar essa fase de "imaturidade espiritual", para daí qualificar-se a consultar os mortos, o fato é que meio milênio depois ainda prosseguia o problema, pois Isaías também acentuou, no capítulo 8 de seu livro:

"13 Ao Senhor dos exércitos, a ele santificai; e seja ele o vosso temor e seja ele o vosso assombro...

16 Ata o testemunho, sela a lei entre os meus discípulos. . .

17 Esperarei no Senhor, que esconde o seu rosto da casa de Jacó, e a ele aguardarei...

19 Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os feiticeiros, que chilreiam e murmuram, respondei: Acaso não consultará um povo a seu Deus? acaso a favor dos vivos consultará os mortos?

20 A Lei e ao Testemunho! se eles não falarem segundo esta palavra, nunca lhes raiará a alva".

Fiz questão de colocar alguns textos do contexto para acentuar a ênfase que se está dando — a condenação a buscar mortos em lugar de ao Senhor.

Portanto, nada mudou desde que Moisés registrou a ordem divina de condenação à consulta aos mortos quando do tempo de Isaías, 500 anos depois.

Se a proibição de Deuteronômio é de Deus, então prove coerência cumprindo todas as demais determinações que constam desse livro, como algumas que relacionamos anteriormente. Seria divina se estivessem entre os Dez Mandamentos, ou, na pior das hipóteses, tivesse sido colocado dentro da arca junto com eles, mas o fato de as ter colocado do lado de fora da arca, já indica que, nem mesmo Moisés, as aceitava como de origem divina; entretanto, temos alguém aqui que deve ser maior que ele; pelo fato de querer colocá-las dentro da arca.

Respondendo a uma pessoa participante do fórum, cujo link já citamos, você disse:

Este texto já é velho conhecido e só reflete a total IGNORÂNCIA de fatos importantes na Bíblia da parte de quem o redigiu. Talvez não saiba mas os cristãos HÁ SÉCULOS definem as leis divinas como diferentes, com diversos objetivos.

Assim como temos no Brasil a Constituição, a "Carta Magna" que estabelece princípios legais básicos, e além disso há o Código Penal, o Código Civil, as leis comerciais e trabalhistas, sendo que qualquer dessas leis "secundárias" podem ser alteradas, sem que isso afete a Constituição, enquanto que se a primeira for alterada afeta todas as demais, na Bíblia temos a "lei moral", que é o Decálogo, além das leis cerimoniais, civis, penais, higiênicas.

Assim, o Decálogo é a "Carta Magna" que sintetiza tudo quanto é ético e moral no inteiro universo, numa aplicação especial aos moradores da Terra. Essa é uma lei que jamais poderia ser abolida em qualquer dos seus preceitos, pois do contrário teríamos o caos individual, social e universal. Quanto às demais leis, cada qual cumpriu sua função no conjunto da legislação de Deus para o Seu povo.

Esse entendimento não é de nenhuma denominação em particular, e sim o pensamento dos cristãos ao longo dos séculos. A "divisão das leis" é assim expressa desde 1641 na Confissão de Fé de Westminster, como também confirmada pela Confissão de Fé Batista de 1689 e nos 39 Artigos de Religião da Igreja da Inglaterra, de 1741. (grifo nosso)

(site: <http://foroadventista.com/index.php?>).

Ora, aqui você está afirmando que "quanto as demais leis, cada qual cumpriu sua função no conjunto da legislação de Deus para o Seu povo"; ótimo, por que então agora quer que a sigamos? Se "cumpriu", então não cumpre mais; é o que você, de certa forma, está afirmando; portanto, seja coerente com suas próprias ideias!

Apenas para lembrar, o "porta-voz de Deus", disse:

Dt 21,18-21: *"Se alguém tiver um filho contumaz e rebelde, que não obedece à voz de seu pai e à de sua mãe, e, ainda castigado, não lhes dá ouvidos, pegarão nele seu pai e sua mãe e o levarão aos anciãos da cidade, à sua porta, e lhes dirão: Este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz: é dissoluto e beberrão. Então todos os homens da sua cidade o apedrejarão, até que morra; assim eliminarás o mal do meio de ti: todo o Israel ouvirá e temerá".*

Dt 23,1: *"Aquele a quem forem trilhados os testículos, ou cortado o membro viril, não entrará na assembleia do Senhor".*

Dt 23,2: *"Nenhum bastardo entrará na assembleia do Senhor; nem ainda a sua décima geração entrará nela".*

Dt 23,13: *"Dentre as tuas armas terás um pau; e quando te abaixares fora, cavarás com ele, e, envolvendo-te, cobrirás o que defecaste".*

Dt 25,11-12: *"Quando brigarem dois homens, um contra o outro, e a mulher de um chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e ela estender a mão, e o pegar pelas suas vergonhas, cortar-lhe-ás a mão: não a olharás com piedade".*

Se afirma que não mudou, então cumpra-as... Depois lhe passaremos outras determinações.

Se prefere amesquinhar a Deus, aceitando isso aí como Dele, tudo bem; é direito seu, mas não agiremos como você; é por isso que não consideramos essas leis como de origem divina; são fruto da necessidade da época, na qual Moisés vivia.

Vigorasse a proibição por mais tempo que aquele que você cita, não estaríamos nem um pouco preocupado com isso, já que em Jesus ela foi abolida, conforme já lhe provamos. Tanto assim e, que o cristianismo como um todo não aplica tais dispositivos. Nesse caso, é de se perguntar: a palavra de Deus admite revogação tácita? Se sim, Deus não é mais aquele, já que ninguém mais segue sua palavra; se não, todo o cristianismo está no pecado...

O texto que cita de Isaías nada tem a ver com condenação alguma; isso é fruto de sua particular interpretação. Veja o que diz uma das versões que consideramos menos presa a um credo específico – a Bíblia de Jerusalém. Eis o texto nela constante:

*19 Se vos disserem: "Ide consultar os espíritos e os adivinhos, cochichadores e balbuciantes", não consultará o povo os seus deuses, e os mortos a favor dos vivos?
20 À instrução e ao testemunho! Se eles não falarem de acordo com esta palavra, certamente não nascerá para eles a aurora".*

Pela leitura, podemos verificar que o texto da fonte usada por você diverge do sentido dado pela redação contida na Bíblia de Jerusalém. Isso porque, enquanto na de Jerusalém o sentido é de que o povo consulta os seus deuses, e os mortos a favor dos vivos, o texto por você transcrito ("19 Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os feiticeiros, que chilreiam e murmuram, respondi: Acaso não consultará um povo a seu Deus? Acaso a favor dos vivos consultará os mortos? 20 A Lei e ao Testemunho! se eles não falarem segundo esta palavra, nunca lhes raiará a alva".), na forma em que está, em decorrência da segunda pergunta, e "da inclusão" do verbo responder no modo imperativo (que não existe nas versões consultadas da bíblia, exceto na versão da Bíblia Cortesia TioSam.com <http://www.tiosam.com/Biblia/>), sugere a existência de uma proibição, pseudo-impressão de proibição essa que passa a existir em decorrência da redação do texto por você apresentado.

Agora, vamos analisar friamente os versículos 19 e 20. Tanto na versão da Bíblia de Jerusalém, quanto na por você transcrita, vemos dois pontos que devem ser considerados, desprezando-se o fato de pertencerem a uma versão ou outra. São eles:

- 1 – o texto "...não consultará o povo...", contido no versículo 19; e
- 2 – o texto integral do versículo 20.

Pela análise conjunta dos dois textos podemos deduzir que a consulta aos seus deuses (ou ao seu Deus) e aos "mortos" era prática comum no tempo de Isaías (e em todos os tempos do AT), pois a toda hora se fala nisso (e não se proíbe o que não acontece). Já com relação ao versículo 20, o entendimento em relação ao que nele está escrito tem que ser no

sentido de que aqueles que fazem a consulta têm que ter cautela quanto a “o que” e “a quem” é consultado e o que é dito na resposta. Daí o alerta: “À lei e ao testemunho!”, ou seja, se o que está sendo perguntado e o que está sendo respondido destinam-se à evolução do consulente e do espírito que responde. Complementando, ainda diz: “se eles não falarem segundo esta palavra, nunca lhes raiará a alva”. Isso quer dizer que, se para aqueles que participarem desse tipo de diálogo, o que for perguntado e o que for respondido não servirem para edificação dos participantes, estes não evoluirão e, por conseguinte, não verão a luz da evolução. E essa passagem de Isaías nada mais diz do que aquilo que em 1Jo 4,1 é recomendado: “Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”. Eis como entendemos essa passagem de Isaías. E não somos nós que pregamos um Je\$u\$ por troca de dízimos, para sermos considerados como “profissionais” da religião nem, tampouco, como falsos profetas.

Nada mudou? Mudou sim! Conforme demonstramos com os ensinamentos de Jesus, que, diga-se de passagem, se comunicou com os mortos, fato perfeitamente bíblico, mas, por conta do dogmatismo do seu segmento religioso, você busca desesperadamente colocar noutra contexto.

Sobre o que ele alega na 7a. pergunta, já vimos rapidamente que as concepções dos israelitas quanto a espíritos no “sheol” são fruto da influência da filosofia grega posterior ao cativo babilônico, assim que alegar que o espírito de Samuel vinha de debaixo da terra reflete essa concepção dos contemporâneos de Saul, Samuel, Davi é um anacronismo.

Segundo, vemos aí a prova da INCOERÊNCIA novamente. Se temos que nos ater à literalidade do texto que diz que “Samuel disse”, por que não exigir a mesma literalidade quando a mulher diz que o suposto espírito do profeta veio de “dentro da Terra”? Ela quis dizer isso mesmo, só que é um erro total que demonstra que esse ser que viu não pode ter sido de alguém que estaria ao lado de Deus. Um servo do Senhor jamais seria retratado como vindo de dentro da Terra literalmente.

Mas vamos reproduzir depois a síntese do livro do Dr. Samuele Bacchiocchi, e o que nosso amigo alega sobre o anjo que apareceu a Pedro e a João serem “espíritos” amigos se revelará outro erro interpretativo, segundo o magnífico estudo sobre o que a Bíblia ensina quanto à natureza dos mortos no referido trabalho.

Não há incoerência alguma de nossa parte; ela está em suas mãos. Provamos que na época acreditavam na comunicação com os mortos, pois até proibiram de se fazer isso; então, quando no texto consta que “Samuel disse”, foi registrado exatamente o que acreditavam, da mesma forma quando foi dito que “sobe da terra”, uma vez que também acreditavam que os mortos estavam no sheol, e que, para vir, deviam subir, já que concebiam o sheol nas entranhas da terra.

Busque o contexto da época e verá que todos os que morriam iam para o sheol; não havia ainda se desenvolvido, na crença religiosa deles, a ida para junto de Deus.

O que temos demonstrado, ao longo desse texto, é que não somos nós quem mais está “em erro” interpretativo. Veja, caro leitor, por exemplo, que o professor a todo o momento advoga a inspiração divina para a Bíblia, entretanto, aqui diz que os hebreus acreditavam que os “espíritos” iam para o sheol por influência grega, só que não se deu conta que isso depõe contra a sua tese de ter sido ela, a Bíblia, inspirada por Deus.

Por outro lado, encontramos uma passagem bem interessante: “É *Iahweh* quem faz morrer e viver, faz descer ao Xeol e dele subir” (1Sm 2,6). De duas uma: “descer ao Xeol e dele subir”, equivale subir do xeol em espírito, como no caso de Samuel que apareceu a Saul, ou reencarnar como no caso de Elias vindo como João Batista. Pode escolher. Nós, os espíritas, acreditamos nas duas hipóteses, para não fugir do “teor global das escrituras”.

Você diz que o Dr. Samuele Bacchiocchi tem um trabalho magnífico; por que será? Seria por que defende as mesmas teses do professor? Ou por que o professor traduziu um livro dele? Quem sabe se ele não pertence à igreja Adventista? Poderemos dizer o mesmo sobre a obra de Kardec; mas certamente você não aceitará, pois seu dogmatismo o impede de ver além dos muros de sua estreita visão religiosa. Pesquisando na Internet encontramos: Samuele Bacchiocchi, um dos expoentes da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) é Ph.D.,

professor de História da Igreja e de Teologia, na Universidade Andrews, Estados Unidos. Bom, agora, sim, conseguimos entender.

Mas parece-nos que com todo o seu cabedal de conhecimento teológico Bacchiocchi deve estar um pouco desatualizado, pois Andrés Torres Queiruga, um dos principais teólogos europeus da atualidade, doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), e em Filosofia, pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), onde leciona Filosofia da Religião, autor do livro *Repensar a Ressurreição*, nos trás outra interpretação. Desse seu livro transcrevemos os seguintes textos, citando ao final de cada um a respectiva página onde se encontra:

E quando se põe atenção nos conteúdos, as diferenças continuam sendo abissais. A começar pela mais óbvia da *derrocada da leitura literal*. Hoje não é possível tomar ao pé da letra nem o caráter espetacular das narrações nem a exatidão de seus pormenores; sobretudo se impõe reconhecer a impossibilidade de fazer com que as diferenças concordem, e nem sequer é cabível negar as contradições entre os diversos escritos, aliás óbvias até mesmo numa leitura mais superficial. (QUEIRUGA, 2004, p. 30).

Nem sequer se deve descartar a hipótese de, talvez, estar reservada às mais próximas gerações a possibilidade de tirar, com toda a naturalidade, as consequências do novo paradigma. (QUEIRUGA, 2004, p. 33).

Por pouco que a reflexão considere as discussões mais pormenorizadas, descobre logo uma dificuldade – para não dizer, uma contradição – fundamental: a que nasce do choque entre a renovação produzida pela nova leitura crítica do texto bíblico e a persistência das velhas abordagens nascidas da leitura liberalista anterior. Nenhum teólogo responsável leva hoje ao pé da letra as narrativas pascais; não obstante isso, a maior parte dos estudos giram em torno dos problemas particulares herdados de quando se dava por suposta sua literalidade. O resultado é que muda a *compreensão dos pormenores*, mas *permanece a estrutura da abordagem*. (QUEIRUGA, 2004, p. 40).

É compreensível que tais exemplos já possam hoje vir a ser um tanto “crassos”. Mas basta pensarmos que, há pouquíssimas décadas, uma boa parte da teologia ainda não havia feito a “descoberta” de que a ressurreição de Jesus não era o “revivescimento” de um cadáver retornando a vida (como poderiam ser, se levado ao pé da letra, as “ressurreições” de Lázaro ou da filha de Jairo). Hoje, certamente, quase nenhum teólogo – embora, infelizmente, não se possa dizer o mesmo de muitas versões populares – pensa assim; mas é seguro que esse *esquema imaginativo não* subjaza em muitas das abordagens atuais, herdadas justamente de um tempo em que se pensava desse modo? Até mesmo os melhores comentários exegéticos produzem, muitíssimas vezes, uma estranha impressão ao comentar na prática, com um tom realista que não admitem na teoria, grande parte das cenas. (QUEIRUGA, 2004, p. 42).

Dos tempos pré-críticos herdou-se uma leitura espontaneamente *concordista* das narrativas bíblicas em geral. Causa assombro, por exemplo, comprovar como, durante séculos, a teologia não se pôs o problema das diferenças inconciliáveis, não digamos da teologia dos evangelhos, mas até mesmo de dados mais óbvios e concretos. E quando não se tinha outro remédio senão notá-los, dada a sua franca inconciliabilidade, tendia-se, por diversos procedimentos, a apagar a diferença, acudindo principalmente ao recurso de que uns contavam coisas que outros omitiam; em última instância, quando isto não era possível, concluía-se como Agostinho: “Mas é uma tarefa pesada mostrar como os quatro evangelistas não se contradisseram acerca da ressurreição de Cristo naquilo que todos contam sem omitir”. (QUEIRUGA, 2004, p. 44).

Como as pessoas dos primeiros séculos entendiam as narrativas pascais, quando, em geral, as escutavam na liturgia e na catequese ou quando, em casos excepcionais, liam-nas por sua própria conta? Não parece temerário responder que, segundo todos os indícios, tomavam-nas ao pé da letra, pois o ambiente cultural era perfeitamente receptivo para essa compreensão das manifestações do Divino na vida humana. As próprias discrepâncias em uma leitura espontânea e cordial, embora muito distante das atuais preocupações. Aparições de defuntos e glorificação de mortos importantes, divindades que morrem e ressuscitam... faziam parte do ambiente religioso da época. As possíveis dificuldades para o anúncio cristão podiam vir unicamente das

características especiais com que se anunciava a ressurreição do Cristo (basta recordar o episódio do Areópago). Mas não da compreensão dos textos em si mesmos. (QUEIRUGA, 2004, p. 55).

Por sorte, e de maneira curiosa, a distância cultural que impõe a tarefa é também a que, longe de dificultá-la, torna mais fácil a sua realização. Com um exemplo simples, já mencionado, compreende-se bem: ninguém pode, no presente, interpretar ao pé da letra – mesmo quando, por uma suposta fidelidade bíblica o pretendesse – a narrativa da Ascensão, pois os conhecimentos científicos mais elementares nos mostram que um corpo que se elevasse no ar por cima das nuvens não poderia viver nem, muito menos, chegaria a nenhum “céu”. Todavia é precisamente essa impossibilidade que nos obriga a buscar por detrás do texto a intenção real que, por meio dele, procurava expressar-se (foi importante, por exemplo, compreender que sua relevância no livro dos Atos deveu-se, em boa parte, à necessidade de Lucas estruturar as etapas da história da salvação). (QUEIRUGA, 2004, p. 56).

Estas ideias não estavam ainda muito esclarecidas, pois a sorte dos defuntos foi sempre, em Israel, um tema muito difícil e de muito lenta maturação. A ponto de que, somente no conhecido trecho do livro de Daniel - “A multidão dos que dormem no pó da terra acordará, uns para a vida, outros para a eterna rejeição” (Dn 12,2) - , portanto, já muito próximo do tempo de Jesus, encontra-se “o único texto absolutamente indiscutível da ressurreição no Antigo Testamento hebraico”.

Nem sequer todos partilhavam desta crença. Por um lado, é muito provável que, “em amplos estratos da população da Palestina e da diáspora, estivesse então estendida unicamente a antiga representação de uma existência dos mortos como sombras no sheol”. Por outro, ela era rechaçada por um grupo tão influente e instruído como o dos saduceus. Algo que, ao que parece, faziam também certos judeus helenizantes (os “ímpios”, contra os quais polemizam o livro de Sabedoria e o de Henoc Etíope). Existiam, ademais, à parte daquela do sheol, representações alternativas como: “descansar no seio de Abraão”, que ainda aparece na parábola do pobre Lázaro (Lc 16,20). Ulrich B. Müller, que sublima isto, conclui com prudência: “Em todo caso, as representações doutrinárias sobre uma ressurreição geral dos mortos, tal como aparecem depois do ano 70 d.C. [...], não podem ser consideradas como representativas para o judaísmo primitivo. (QUEIRUGA, 2004, p. 57).

Assim, não havia consenso acerca da existência ou não de um juízo posterior à ressurreição; nem acerca da pergunta, muito vinculada a esta, de se ressuscitariam todos ou tão-somente os justos. Dos próprios evangelhos depreende-se a evidência de numerosas disputas – sobretudo entre fariseus e saduceus – sobre as formas e os modos da existência ressuscitada. Formas e modos que, em geral, tendiam a ser concebidos de um modo excessivamente material, até o ponto de aqui os saduceus se enraizarem para seus ataques. O próprio Jesus – ao menos segundo, a visão de Mc 12,18-17 – também se distanciou expressamente destas concepções.

A isto é preciso adicionar o fato de maior relevância cultural desse tempo: o intenso processo de *helenização*, com um efeito de homogeneização cultural que alcança em cheio também a Israel. De tal maneira que se pode concluir um estudo sobre essa etapa afirmando: “Todos estes fenômenos da piedade popular helenística encontram-se também, de forma parecida ou com modificações, no judaísmo contemporâneo, não somente da diáspora, como também a Palestina”. E dentro disso, igualmente: “O culto helenístico dos heróis e mortos tem uma analogia na veneração popular às tumbas dos Patriarcas e dos Profetas”. (QUEIRUGA, 2004, p. 59-60).

Mais afins, entretanto – até o ponto de se ter chegado a falar de derivação direta por parte da Bíblia -, são as ideias *zoroástricas* acerca da ressurreição depois da morte. Ideias que já aparecem no *Avesta* e que se irão esclarecendo e afirmando com o tempo. De fato, mais tarde “a mitologia iraniana da ressurreição de todos os mortos reflete a reunião dos ossos dispersos e a sua revivificação”. (QUEIRUGA, 2004, p. 64).

Tanto mais quanto que esta mentalidade vincula-se muito intimamente com uma tendência vigorosa no judaísmo tardio. Nele, com efeito, como bem mostra a literatura apócrifa e pseudo-epigráfica, foram assumindo grande importância as numerosas tradições acerca de uma série de figuras religiosas,

que depois da morte vivem, de algum modo, elevadas e glorificadas. (QUEIRUGA, 2004, p. 65).

[...] No Novo Testamento, a palavra mais empregada para falar de ressurreição de Cristo e dos mortos é *egeiro*, que, apesar de ser corrente tanto no ambiente judeu como no helenístico, não era usada normalmente para falar de "ressurreição dos mortos". Contudo, também fora dele encontram-se citações nesse sentido; Paul Hoffmann informa que, além de algumas referências nos LXX, Oepke, Bauer e Reitzezenstein assinalam cinco lugares nos quais também se usa o verbo *egeiro*, muito embora, no grego profano, se prefira *anístemi*. (QUEIRUGA, 2004, p. 69-70).

Para a fé, a ressurreição autêntica - não a simples volta à vida de um cadáver - implica um modo de existência já não mais material, mundano ou psicofísico. Por isso, desde o princípio, a primeira comunidade pôde colocar na boca de Jesus esta magnífica afirmação: "Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles" (Mt 18,20); e, por isso, podem vivê-lo hoje, igualmente presente, os cidadãos participantes de uma eucaristia celebrada em Manhattan e o catequista ou a missionária que trabalham em meio à mais remota selva africana. Em outras palavras, a corporalidade atual do Cristo ressuscitado transcende radicalmente a condição espaciotemporal; portanto, não tem - *nem pode ter* - nenhuma das qualidades físicas que constituíam seu corpo mortal. Não por defeito, obviamente, mas precisamente pelo contrário: sua condição atual consiste justamente em romper as limitações da matéria, para entrar em um modo radicalmente novo de identificação com a transcendência divina. São Paulo tentou insinuar esta condição, que supera todas as barreiras materiais e rompe todos os esquemas conceituais, falando de "corpo espiritual" (1 Cor 15,44).

A consequência salta à vista: seja qual for o destino do corpo físico - do cadáver -, *para a fé*, o resultado é exatamente o mesmo. Em um caso, o corpo seguiria o destino normal de desintegração física; em outro, desapareceria simplesmente deste mundo² (se é que esta última possibilidade possa ter algum sentido). Porque somente uma *confusão imaginativa*, que continue agindo inconscientemente com os esquemas pré-críticos que equiparam a realidade transcendente do Ressuscitado à realidade imanente dos seres mundanos, pode falar de "transformação" da *matéria* do cadáver, a qual passaria a ser um componente da pessoa ressuscitada (por isso, podem falar acerca desta com a mesma linguagem objetivamente própria do corpo material).

Uma vez estilhaçados os esquemas míticos, um mínimo respeito pela Transcendência unido a um mínimo conhecimento científico faz-nos compreender que uma transformação desse tipo, que arrancaria a matéria de toda relação com as leis da interação mundana, equivaleria à sua própria aniquilação (nem sequer à sua "destruição", no significado ordinário, pois esta reintegra ao mundo os componentes da realidade destruída). (QUEIRUGA, 2004, p. 79).

O segundo consiste na afirmação de uma boa parte da teologia evangélica - e não somente dela - da incompatibilidade radical entre imortalidade e ressurreição. Uma convicção não somente contrária à evidência histórica,¹⁴ como, ainda por cima, potencialmente perigosa, à medida que converte a ressurreição em algo isolado da real experiência humana e, portanto, não verdadeiramente comunicável. Esta visão pôde ser acolhida dentro do clima reativo da teologia dialética, mas, uma vez convertida em interpretação normal, encerraria esta verdade decisiva em um "positivismo da revelação", isto é, em um gueto de fideísmo decisionista. Devemos, certamente, ser muito agradecidos a essa reação dialética que, nos anos posteriores à Primeira Guerra Mundial, promoveu a renovação da escatologia, libertando-a dos estreitos esquemas iluministas. Mas, por outro lado, é de se lamentar o caráter "barthianamente" exclusivista com que se apresentou com relação às outras religiões, bem como os complicados (e artificiosos?) problemas que introduziu acerca da "aniquilação" ou do "sonho sob o altar" depois da morte.¹⁵ (QUEIRUGA, 2004, p. 122).

[...] A ressurreição já não é mais percebida como um ato de Deus que deve esperar o final dos tempos, e Jesus não é mais concebido como ainda "incompleto", à espera de ser plenificado e glorificado; pelo contrário, é, por excelência, "aquele que vive" (Ap 1,18), e foi elevado à direita do Pai. (QUEIRUGA, 2004, p. 153).

Nesse sentido, torna-se hoje de suma importância levar a sério o caráter transcendente da ressurreição, que é incompatível, ao contrário do que até há pouco se pensava com toda a naturalidade, com dados ou cenas típicos de uma experiência empírica: tocar com o dedo o Ressuscitado, vê-lo regressar sobre as nuvens do céu ou imaginá-lo comendo são descrições de inegável caráter mitológico, que a nós se apresentam simplesmente impensáveis. (QUEIRUGA, 2004, p. 268).

RESSURREIÇÃO E IMORTALIDADE

O isolamento que o estudo da ressurreição sofreu em relação ao processo da revelação bíblica foi ainda maior com respeito à tradição religiosa em geral. Pretendeu-se, em demasia, assegurar a sua especificidade acentuando a diferença. Todavia, a ressurreição, em razão de sua própria natureza, pertence de fato a um entrelaçamento religioso fundamental e, de certo modo, comum a todas as religiões: a ideia da imortalidade. A ressurreição não é algo isolado da ideia de mortalidade, mas um modo específico de tematizá-la e de vivê-la.

É natural que cada religião interprete a verdade comum com base em sua própria religiosidade. A bíblica, baseada no Antigo Testamento, vê-a sobretudo dentro de seu *acento personalista* fundamental: por um lado, a partir da relação com um Deus cujo amor fiel resgata do poder da morte, chamando à comunhão com ele e, por outro, a partir de uma antropologia unitária, que não pensa na salvação de uma parte da pessoa apenas. O Novo Testamento herda essa tradição, levando-a a seu cume graças ao enorme impacto da experiência crística.

Sua originalidade enraíza-se aí, e é compreensível a ênfase que foi dada a ela. No entanto, o melhor caminho para assegurá-la e oferecê-la como contribuição aos demais não é acentuar a diferença a ponto de romper a continuidade fundamental. Isso aconteceu sobretudo quando, por meio da *ideia grega de imortalidade*, insistiu-se em sua diferença. Embora essa diferença seja real - visto que os gregos configuravam o fundo comum dentro de seu próprio referencial religioso e filosófico -, ela não pode ser tomada como uma contraposição radical às outras concepções e como incompatibilidade total com elas. Bastaria analisar isso sob o ponto de vista histórico para provar que essa ideia é falsa, pois é bem conhecido o fato de que, na etapa decisiva da configuração dessa verdade, a Bíblia recebeu um forte estímulo do mundo helenístico (esse último, em razão de seu dualismo antropológico mais acentuado, tornava mais fácil a tarefa de superar a impressão de que tudo acaba com a morte). Além disso, como já vimos, na própria Bíblia nem sempre foi tão clara e imediata essa distinção, e há nela textos que se expressam como os gregos ou então misturam ambas as concepções, helenística e judaica.

A partir do momento em que se compreende a ressurreição de Jesus como a revelação definitiva do que "o Deus dos vivos" faz com todas as pessoas de todos os tempos, torna-se mais fácil ver o que há de comum. A ressurreição de Jesus de Nazaré representa algo específico e constitui uma contribuição irreduzível; mas isso é assim graças sobretudo ao fato de que nele foi-nos revelado em plenitude aquilo que já havia sido revelado, a seu modo, nas demais religiões: Deus *já* está ressuscitando, sem esperar pelo fim do mundo, e ressuscita *plenamente*, ou seja, *toda* a identidade pessoal (que nem é apenas a "alma", nem está à espera de ser completada pelo "corpo" resgatado de seu estado de cadáver).

Isso não tira o sentido da espera de uma "ressurreição no final dos tempos". Essa última significa algo de verdadeiro e importante, mas não no sentido mitológico de uma reunião final da humanidade no "vale de Josafá", e sim no de uma esperança de comunhão plena. A comunidade dos ressuscitados, com efeito, não está completa e fechada em si mesma, desinteressada pela história. Enquanto essa última não terminar, enquanto houver alguém a caminho, há uma espera e incompletude real, uma comunhão de presença dinâmica até que culmine o processo no qual, com toda a humanidade reunida, "Deus seja tudo em todos" (1Cor 15,28).

O mais importante é que esta visão cristã não tem motivo para ser apresentada como algo isolado e excludente, mas como uma realização da verdade comum. Isso é muito importante para um tempo em que o *diálogo entre as religiões* alcançou uma relevância transcendental. A ressurreição bíblica não renuncia à própria riqueza, mas a oferece como contribuição à busca comum. E, ao mesmo tempo, compreende que existem aspectos nos quais

também ela pode enriquecer-se com a contribuição específica das demais religiões. Tentou-se isso muitas vezes com a *transmigração* e existem projetos interessantes com base nas religiões *africanas* e *ameríndias*. Em todo caso, o mais importante é o reconhecimento da fraternidade por meio da fé nesse mistério e do diálogo na busca de sua melhor compreensão. (QUEIRUGA, 2004, p. 275-276). (grifo nosso).

Aos que buscam um maior conhecimento, recomendamos-lhes este livro para um aprofundamento do assunto, coisa que não dá para fazermos aqui. Um detalhe é que o autor não acredita na reencarnação, diz ele: “Na concepção bíblica, a repetição de vidas diferentes não encontra lugar, posto que esvaziaria de sentido a experiência dessa relação única de cada indivíduo com o seu Criador” (p. 129). Entretanto, mais à frente, ainda na mesma página, arremata: “Devo confessar que nunca consegui compreendê-la”.

Sobre a 8a. pergunta, o que apresentamos é que há uma série de contrariedades e incoerências que só confirmam que o ser que apareceu à mulher de Endor não poderia ser Samuel, um profeta do Altíssimo, de modo nenhum.

E apenas vale a pena reforçar o fato de que a lei era de Deus, não de Moisés, que apenas cumpria o papel de porta-voz do Deus de Israel.

Por que não poderia? Somente porque isso joga por terra aquilo que acredita? As leis de Deus são feitas para atender ao nosso interesse de crença? Quanto à sua interpretação de que “um profeta do Altíssimo, de modo nenhum” poderia aparecer à mulher de Endor, ela demonstra a sua particular visão do assunto, presa, obviamente, aos dogmas de sua igreja. Entretanto, a Bíblia católica, tão “inspirada” quanto a que usa, diz em relação a Samuel: “... até depois de morrer profetizou, anunciou ao rei o seu fim, do seio da terra elevou a voz, profetizando para apagar a iniquidade do povo”. (Eclo 46,20), concordando, dessa forma, com toda as demais versões e traduções, em todos os idiomas.

Como se vê a sua ânsia de defender a não possibilidade da comunicação dos mortos é tamanha que você se esqueceu que está cometendo, no linguajar dos dogmáticos, uma heresia, pois está, com essa afirmação, contradizendo a “palavra de Deus”, já que, para os dogmáticos, a Bíblia é vista dessa forma. Fazemos tal afirmação, tendo em vista o contido em 1Sm 28,12, onde é dito: “Vendo, pois, a mulher a Samuel, gritou em alta voz, e falou a Saul, dizendo: Por que me enganaste? pois tu mesmo és Saul.” (os destaques são nossos), texto esse transcrito diretamente da mesma versão da Bíblia Cortesia TioSam.com, da qual você, provavelmente, deve ter transcrito os versículos 19 e 20 de Isaías 8, dada a coincidência de grafia de ambos os textos; a não ser que você tenha a sua própria versão da bíblia. Ora, se na Bíblia está dito que a mulher viu a Samuel, como pode afirmar “que o ser que apareceu à mulher de Endor não poderia ser Samuel, um profeta do Altíssimo, de modo nenhum”? Pelo que estamos vendo, o dogma está se sobrepondo à palavra de Deus... Essa sua colocação pode convencer as ovelhas do seu aprisco; a um espírita, nunca!

Além disso se quem se apresentou não era Samuel, como teria esse “impostor” acertado em cheio a profecia? Logo, considerando que toda profecia que se cumpre tem que ser de inspiração divina (Dt 18,22; 2Pe 1,21), então podemos afirmar que ele era um profeta do Altíssimo, seja ele Samuel ou não.

Quanto às alegações do analista espírita no final de seu arrazoado, chamando de “fanático” quem não rezar pela sua cartilha, o que apresentamos até aqui mostra que ele em termos de exegese bíblica é simplesmente um desastre. Se acha que eu estou torcendo as Escrituras por não aceitar a literalidade absoluta da interpretação do narrador de 1 Samuel 28 quanto a dizer que um Samuel real disse o que disse, mostrei também a INCOERÊNCIA TOTAL de quem faz essas acusações quanto a outros temas bíblico, como a ressurreição dos mortos, apresentada na Bíblia em linguagem muitíssimo mais clara, evidente, óbvia, indiscutível, sem qualquer ambiguidade, que, no entanto, os espíritas negam porque negam, querendo ler “reencarnação” onde a Bíblia e Jesus Cristo claramente fala em RESSURREIÇÃO.

Só que por mais que espremam daqui e dali dentro das Escrituras, JAMAIS estas apresentam esse conceito das religiões da Índia e outras terras asiáticas

que nunca tiveram influência nenhuma sobre os israelitas. Apenas os gregos influenciaram o pensamento de Israel por obra de Filo, que tentou criar um sincretismo entre as ideias da Grécia com o pensamento histórico de Israel, daí criando essa mescla que se reflete nos livros apócrifos.

Fanático, caro professor, não é quem não reza por nossa cartilha, é quem quer que sigamos a dele sem respeitar o nosso direito de seguirmos a que queremos. Exatamente no que você se enquadra, pois quer que todos o sigam naquilo que interpreta da Bíblia, faça-nos o favor; direito igual não faz mal a ninguém...

Certamente que Jesus pregou a ressurreição; mas não naquela ideia tétrica que crê de corpos levantando da sepultura, à semelhança de certos filmes de terror. A ressurreição de Jesus deve ser entendida como sendo a do espírito, pois na ressurreição seremos como os anjos do céu (Mt 22,30), o que também pode ser confirmado pela afirmativa de que *"Deus é Deus de vivos"* (Mt 22,32). E está aí mais uma prova de que os "anjos do céu" são nada mais nada menos do que os espíritos dos justos, ressurretos no plano espiritual.

Mas, acreditar na ressurreição do espírito, implica em aceitar a imortalidade da alma; está aí o motivo pelo qual busca fugir de uma interpretação mais realista. E a ressurreição de espírito não implica que não haja a reencarnação, única maneira de *"sermos perfeitos como é perfeito o Pai celestial"* (Mt 5,48).

Quanto à questão da reencarnação insinuada pelo professor, poderemos dizer o contrário, por mais que a deturpem, daqui e dali, com suas interpretações equivocadas, por se basearem em dogmas criados por teólogos do passado; pois apesar de tantas adulterações, não há como tirar da Bíblia que Jesus a tenha confirmado. Pouco importa se essa ideia se encontra em outras religiões ou filosofias, porque, se formos renegar a verdade por isso, a primeira que talvez não deveremos aceitar é *"amar ao próximo como a si mesmo"*, porquanto isso se encontrava nas mais antigas religiões do planeta; algumas, inclusive, anteriores, não ao cristianismo, mas ao judaísmo, que lhe antecede na formação.

Como vamos reproduzir o artigo-síntese do Dr. Bacciocchi, como já anunciamos várias vezes, as demais questões todas serão devidamente consideradas, como o real sentido de "alma" e "espírito" no pensamento dos autores vétero e neotestamentários, que nada tem a ver com os conceitos típicos de TODOS os povos pagãos de imortalidade da alma.

Também o real sentido de sheol e hades serão objeto da segura análise desse erudito, sem falar em como a análise do ensino bíblico global, como ele nos apresenta, lança por terra a premissa básica do espiritismo em todas as suas ramificações, seja a mais "sofisticada" corrente kardecista, sejam as outras práticas igualmente espíritas, conquanto discriminadas pelos seguidores de Kardec como não devendo merecer tal nome. Pois é, os adeptos de umbanda, candomblé e outras religiões da linha da fé reencarnacionista queixam-se de discriminação dos kardecistas que não os querem considerar "espíritas", mas garantem que o são e aplicam para si tal nome.

Enfim, se é para se utilizar a Bíblia como documento básico no estudo da questão dos mortos, ou melhor, da NATUREZA do homem como uma criatura divina, temos que ir aos alicerces de seu ensino quanto ao homem na forma em que foi criado, e ao fazê-lo com sinceridade veremos que este sagrado livro não ensina nada que justifique as práticas e filosofia do espiritismo, seja kardecista, seja de outros rótulos.

O que a Bíblia ensina não é que o homem seja possuidor já de uma "chama da Divindade" na forma de um elemento imaterial, imortal e consciente após a morte, e sim que temos o POTENCIAL de eternidade mediante a aceitação da salvação oferecida gratuitamente por Nosso Senhor Jesus Cristo. Como Paulo declarou em 2 Timóteo 1:10, "[a graça] agora se manifestou pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual destruiu a morte, e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho". Este evangelho é o que a Bíblia nos apresenta, não o de Allan Kardec, inspirado em ideias extrabíblicas que se revelam em grande medida incompatíveis com o pensamento cristão.

Que Deus ilumine as vítimas desse terrível engano dos últimos dias, como é o espiritismo, negador dos princípios mais fundamentais da fé cristã, como a salvação somente pela fé em Cristo, a imortalidade como um dom divino a confirmar-se como herança eterna dos que têm a Cristo não só como Salvador,

mas como Senhor de suas vidas. Isso se concretizará no dia final quando Ele Se manifestar nas nuvens dos céus para vir levar os Seus para os lugares que prometeu lhes preparar, outro dado bíblico que simplesmente negam por não se enquadrar em sua cosmovisão de inspiração hinduísta, na maior parte.

Pelo menos evoluíram ao ponto de não ensinarem as pessoas a adorar a vaca como um ser sagrado.

Abraços.

É impressionante como certos pensamentos parecem ser tão atuais, que é difícil aceitar que eles existam há séculos. Vejamos, por exemplo, esse emitido por volta do ano de 248: "As pessoas dominadas pela cólera e o ódio lançam contra os que elas odeiam as injúrias que lhes passam pela cabeça, impedidas pela paixão de formular suas acusações de maneira refletida e ordenada". (ORÍGENES, 185-254).

Segundo Marcelo M. Guimarães, existem cerca de 4.500 ramificações e denominações evangélicas no Brasil ⁽³⁾. Seria insano alguém querer dizer que todas elas são a mesma coisa, conforme, de forma semelhante, o professor quer crer que é o Espiritismo. Isso mais uma vez prova que "ele ouviu o galo cantar, mas não sabe onde", pois, se tivesse estudado, saberia muito bem que "cada um é cada um". Aos que querem colocar tudo como se fosse a mesma coisa, esclarecemos que abordamos essa questão no texto "[Espiritismo num balaio de gatos](#)", mostrando que o fato de a tartaruga botar ovos não faz dela uma ave. Assim, pelo motivo de haver manifestação de espíritos em determinados lugares, não torna os frequentadores desses locais em adeptos do Espiritismo. Serão apenas aqueles que seguem os princípios e práticas contidos nas obras básicas da codificação espírita, publicadas por Allan Kardec; isto qualquer aluno primário consegue entender; entretanto, você que é professor, não... Por outro lado, o fato de se acreditar na comunicação com os mortos, na reencarnação, na mediunidade, e muitas outras coisas que aceitamos como realidade, não faz de ninguém um espírita, a não ser na "lógica" do professor que não conhece um "a" daquilo que está falando.

Certamente que não podemos ser responsabilizados pelo que acontece no íntimo das pessoas; se elas se consideram discriminadas é problema delas; não nosso, já que a separação é apenas por questão técnica, pois, em matéria de respeito aos de outras crenças, os espíritas se sobressaem em relação aos crentes de qualquer uma das igrejas ditas cristãs. Sabemos que esse respeito, aliado ao fato de o Espiritismo não cobrar dízimo, incomoda a determinados setores religiosos, principalmente àqueles que vivem "pedindo" dízimo e as constantes "esporádicas contribuições espontâneas" para "manutenção" da obra de divulgação do Evangelho de Je\$u\$; isso, na cabeça de alguns, é um motivo a mais pelo qual se torna necessário combater o Espiritismo.

E por falar em dízimo, da forma como é cobrado hoje torna-se frontalmente contrário ao que diz a Bíblia, veja o porque: "[Dízimo, deve-se ou não pagar?](#)".

Mas sabemos que, apesar de tudo, iremos sobreviver, embora não tenhamos nossos princípios apoiados na somente na Bíblia, mas, também, na ciência, o que iremos demonstrar mais à frente. Entretanto, como querem nos combater usando-a, também a usamos para nos defender, citando trechos que não contradizem a lógica e a ciência.. É um livro que merece o nosso respeito, repetimos; mas respeitá-la não nos obriga a aceitar alguns absurdos que nela se encontram, só não vistos pelos fanáticos bibliólatras, que acham que tudo que lá está é verdadeiro.

Quanto à questão da salvação, indicamos no nosso texto "[O que efetivamente nos salva?](#)", onde tecemos comentários sobre esse importante assunto. Mas apenas uma coisa: se a salvação é de graça (isso parece coisa de pão-duro), então Jesus deve ter nos pregado uma grande peça, pois disse em alto e bom som: "*a cada um segundo suas obras*" (Mt 16,27), o que poderá também ser concluído pelas passagens: parábola do juízo final (Mt 25,31-46) e a do bom samaritano (Lc 10,25-37). Essa tal "salvação de graça" é fruto de interpretações levadas a efeito no sentido de dominar os fiéis, deixando-os, pobres coitados, presos ao que fala o seu líder religioso; mas, conforme dissemos alhures, onde não existe liberdade não se acha o Espírito do Senhor (2Cor 3,17).

As ideias de Kardec não são contra o pensamento cristão; ao contrário, inclusive, a

³ <http://www.ensinandodesiao.org.br/home/detail.asp?iNews=267&iType=20>, consultado às 12:40 horas do dia 03/11/2006

primeira e mais importante de todas: ele recomendou, expressamente, respeitarmos a opinião alheia; elas são, isto sim, contrárias ao que pensa o professor e todos aqueles que amoldaram os ensinamentos de Jesus às suas conveniências, apenas para a manutenção de status de poder e dinheiro. Haja dízimo para encher a barriga dos líderes, que o exigem, de forma tão “convincente”, que o crente acredita que não se salvará se não o der religiosamente todos os meses, mesmo que com isso suas crianças deixem de, diariamente, tomar leite.

A questão de Jesus ter destruído a morte é uma coisa simbólica, pois as pessoas continuam a morrer. O que quer dizer é que, com a sua ressurreição espiritual, ele destruiu a ignorância sobre o assunto, pois, a partir daquele momento, passou-se a se ter a certeza que a vida continua. Que o “após vida” existe e que podemos nos comunicar com os “mortos”; tudo o que aconteceu com Jesus prova isso: morreu, mas ressuscitou em espírito e se manifestou a seus discípulos.

O professor parece acreditar na ressurreição física, que alguns teólogos cristãos afirmam que ocorrerá após o dia em que Jesus se manifestar nas nuvens; está certo que acredite naquilo que lhe convém; entretanto, como ele pode dizer isso se, anteriormente, para descaracterizar a aparição de Moisés na ocorrência do fenômeno da transfiguração de Jesus, como uma manifestação espiritual, admitiu que Moisés ressuscitou no corpo? Afinal, não disse Paulo: *“Cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda”* (1Cor 15,23). E ainda nos pede coerência?!

Vamos ver quem está no engano, quem sobreviver verá.

Sinceramente: é preferível adorar a vaca, uma criação divina, do que desrespeitar o direito do próximo em seguir aquilo que melhor lhe convém.

Conclusão

Os argumentos apresentados para contestar aquilo que refutamos dos 10 pontos (desafio), não foram suficientes para derrubar o que colocamos; aliás, pouca coisa acrescentou de novidade. Uma leitura atenta de suas respostas, revela que você vive num círculo vicioso falando as mesmas coisas de forma diferente. Aliás, usa do expediente de falar muito, quando não apresenta alguém de cultura elevada, como se isso fosse dar validade ao que disse.

Fantástica a percepção de Dante Alighieri, quando disse: *“De todas as idiotices, a mais estúpida, a mais desprezível, a mais condenável das defesas é a que supõe que após esta vida não há outra”*.

Ao longo desse texto falamos várias vezes que o Espiritismo considera seus princípios como de lei natural; nada teríamos que apoiar esses princípios em outra coisa a não ser no conhecimento científico. E esperamos que não vá agir como o que cita Charles Richet que aconteceu com uma personalidade conhecida: *“Lavousier disse que os meteorólitos não caíam do céu, porque não havia pedras no céu”* (Richet, p. 25). Assim, vamos listar algumas coisas, que vêm provando a sobrevivência do espírito, entre elas algumas relativas à comunicação com os mortos:

a) Psicografia

Podemos citar um laudo técnico emitido, por Carlos Augusto Perandréa, perito em Grafoscopia e professor universitário, que exerceu a função de perito judicial, na análise de uma mensagem escrita, psicografada pelo médium Chico Xavier, em 22 de julho de 1978, atribuída a Ilda Mascaro Saullo, italiana falecida em Roma, em 20 de dezembro de 1977, com a escrita dela quando viva. Neste laudo é afirmada a autenticidade de ter sido o “mesmo punho” que escreveu os dois escritos. (PERANDRÉA, 1991).

b) Transcomunicação Instrumental

Leiamos um trecho da entrevista com Sonia Rinaldi, destacada pesquisadora nessa área, publicada pela *Revista Além da Vida*:

Revista Além da Vida - Consta que você obteve o primeiro laudo internacional confirmando a transcomunicação. Como foi para obter esse documento?

Sônia - Já fizemos mais de 350 telefonemas para o Outro Lado – técnica essa que desenvolvemos com o apoio da Espiritualidade. Numa dessas

gravações, uma mãe percebeu uma jovem, a Edna, falava normalmente, quando a moça respondeu com tanta limpidez na voz, que nos ocorreu enviar para análise. Por sorte, a mãe, Cleusa, tinha a voz da Edna quando viva, deixada numa secretária eletrônica, de forma que pudemos enviar as suas amostras. A voz da fita da Edna, quando viva, e a voz paranormal, gravada no telefonema, enviamos para Itália, para nossos colegas Eng^o Paolo Presi e Eng^o Daniele Gullá, que fazem parte de um centro de pesquisas, em Bologna, para ver se eram da mesma pessoa. O instituto do qual fazem parte é o "IL Laboratorio", que vem se especializando em análises de áudios e imagens paranormais. Foram seis meses de trabalho para comparar ambas as amostras, usando um software empregado pelo FBI americano. A conclusão foi taxativa, num laudo de 52 páginas: ambas as vozes eram da mesma pessoa. (RINALDI, 2006, p. 9-10).

Um detalhe interessante que vem acontecendo nas gravações de vozes do além é o que se chama vozes reversas. São gravações registradas no lado reverso, mas feitas no mesmo momento em que se grava o lado normal. Elas têm acontecido especialmente quando se usa de programas de computador voltados para gravação de som e voz. O que vem demonstrar algo inédito nesse tipo de gravação é que ainda não há tecnologia humana para produzi-las; por isso, se não as aceitarmos como provenientes dos espíritos de pessoas que viveram aqui na terra entre nós, teremos que admiti-las provindas, quem sabe, de Ets, uma vez que contra fatos não há argumentos.

No meio católico encontramos um pesquisador que merece ser mencionado; trata-se do Pe. François Brune, autor do livro *Os mortos nos falam*, de onde transcrevemos esse trecho de sua Introdução:

"Eu penso que a morte é realmente a morte e não se liga a nenhuma realidade oculta. Eu creio que quando alguém morre, é só isso que acontece: esse alguém não se levantará daí a pouco, como fazem os atores no teatro"(1).

A maior parte de nossos contemporâneos subscrevem ainda esta frase de Jean Rostand. Nada mais existe, para eles, após a morte. A consciência deles desaparecerá. Vindos do nada, retornarão ao nada. Deles mesmo não subsistirá nada mais, senão algumas lembranças esparsas na memória daqueles que os amaram aqui na terra.

Interrogar sobre as origens, no pensamento ocidental, desta recente ideologia do nada, não é o meu propósito. O mais escandaloso é o silêncio, o desdém, até mesmo a censura exercida pela Ciência e pela Igreja, a respeito da descoberta incontestemente mais extraordinária de nosso tempo: o após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos de mortos.

Escrevi este livro para tentar derrubar esse espesso muro de silêncio, de incompreensão, de ostracismo, erigido pela maior parte dos meios intelectuais do ocidente. Para eles, dissertar sobre a eternidade é tolerável; dizer que se pode vivê-la torna-se mais discutível; afirmar que se pode entrar em comunicação com ela é considerado insuportável.

O padre e o teólogo que sou quis, como se diz, certificar-se completamente da verdade. Por que todos esses testemunhos deveriam ser, a priori, considerados suspeitos? Quando o conteúdo das mensagens e das comunicações gravadas reúne, como eu o demonstro, os maiores textos místicos de diversas tradições, existe nisso mais que uma simples coincidência. Eu acompanhei, pois, e estudei apaixonadamente os resultados das pesquisas mais recentes nesse campo. As conclusões deste trabalho ultrapassaram minhas previsões: não somente a credibilidade científica das experiências de comunicação com os mortos encontra-se confirmada e não pode mais ser posta em dúvida, mas a prodigiosa riqueza dessa literatura do além reanimou em mim o que os séculos de intelectualismo teológico haviam extinguido.

1) Jean Rostand, *ce que je crois*. Grasset 1953. p.61.

(BRUNE, 1991, p. 15). (grifo nosso).

c) Testemunho de sábios e cientistas

Camille Flammarion (1842-1925), nasceu em Montigny-le-Roy (Alto Marne), França. Foi um dos mais destacados astrônomos do seu tempo, tendo fundado a Sociedade Astronômica da França.

William Crookes (1832-1919), sábio inglês, membro da Sociedade Real de Londres, autor de várias descobertas, entre as quais a matéria em seu estado radiante, foi um dos grandes pesquisadores dos fenômenos espíritas, submetendo-os a rigorosa observação científica.

César Lombroso (1835-1909), nasceu em Verona, Itália. Foi um grande médico e antropologista. Em 1891, dispôs-se a pesquisar os fenômenos na condição de crítico, e, convencendo-se da veracidade incontestável dos fatos, propõe-se a uma série de pesquisas com a médium Eusápia Palladino.

Ernesto Bozzano (1861-1943), nasceu em Gênova, Itália. Professor da Universidade de Turin, foi, antes de se converter ao Espiritismo, materialista, cético positivista.

Oliver Lodge (1851-1940), nasceu Penkhull, Inglaterra. Educado no Grammar School de Newport e no University College de Londres, foi um dos mais reputados físicos da época. Fez importantes investigações sobre a sede da força eletro-motiva na célula voltaica, sobre as ondas eletromagnéticas e a telegrafia sem fio. Ganhou fama mundial como inventor.

Gustave Geley (1868-1924), cientista e profundo psiquista, francês nascido em Monceau-Les-Mines, doutor em medicina por Lyon. Era médico em Nancy, tendo abandonado a carreira para dedicar-se ao estudo dos fenômenos metapsíquicos. Fundou o Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, do qual foi diretor.

Alexandre Aksakoff (1832-1903), nasceu em Ripievka, Rússia. Foi diplomata e conselheiro privado do Imperador Alexandre III, Czar da Rússia. Foi colaborador de William Crookes nas experiências de materializações do Espírito de Katie King; fez parte da Comissão de Milão para investigação dos fenômenos produzidos por Eusápia Paladino.

Alfred Russel Wallace (1823-1913), filósofo e naturalista britânico, nascido em Usk, Monmouthshire, País de Gales, que propôs o conceito de *sobrevivência dos mais aptos* como razão para a origem das espécies (1858) e induziu desse modo Charles Robert Darwin a publicar suas teorias. Foi um dos maiores cientistas que investigaram a sobrevivência e a comunicabilidade dos Espíritos; daí por que Wallace jamais foi esquecido.

Friedrich Zöllner (1834-1882), astrônomo famoso e professor da Universidade de Leipzig, gozava de grande reputação nos meios científicos. Nascido em Berlim, Alemanha.

Quanto a essas personalidades, antes que venha desmerecê-las, transcrevemos:

Temos lido e relido, estudado e analisado as obras que se publicaram sobre o assunto e podemos declarar ser enormemente inverossímil, quando não até impossível, que homens ilustres e probos, como o são Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge, Reichenbach, Russel Wallace, Lombroso, William James, Schiaparelli, Fr. Myers, Zöllner, A. de Rochas, Ochorowicz, Morselli, Sir William Barret, Ed. Gurney, C. Flammarion, e tantos outros, se tenham deixado lograr por centenas de vezes, não obstante a sua atenção vigilante, por fraudadores, bem como tenham sido vítimas de uma admirável credulidade. Eles não puderam ser, todos e sempre, tão cegos que não se apercebessem de fraudes que só têm podido ser grosseiras, tão imprudentes para chegarem a uma conclusão que não fosse legítima, tão inábeis ao ponto de não serem capazes, nem uns nem outros, de fazer uma única experiência irreprochável. A priori, as suas experiências merecem ser meditadas seriamente e não rejeitadas com desprezo. (RICHET, s/d, p. 24-25).

d) Provas materiais

Existe em Roma, à rua Lungo Tevere Prati, 12, a Igreja do Sagrado Coração do Sufrágio onde se encontra instalado o Museu das Almas do Purgatório. Ele é um "segredo de estado", porquanto guarda 280 provas (com identificação de nomes, datas, lugares em que os fatos aconteceram) incontestáveis de que os mortos voltam. Normalmente essas "almas do purgatório" voltaram para resolver algum assunto pendente, e, em sua grande maioria, pedir

preces, e para provar que voltaram mesmo deixaram suas marcas:



Revista Visão Espírita nº 4, Salvador: Seda, julho/1998, pp. 12-15.

e) Experiência de quase morte (EQM)

Pessoas dadas tecnicamente como mortas, ressuscitam e contam o que lhes aconteceu no período em que estavam na outra dimensão da vida. Esse assunto tem despertado o interesse dos pesquisadores. Entre eles poderemos citar: Drs. Elizabeth Kübler-Ross e Raymund A. Moody Jr., ambos com o resultado de suas pesquisas publicadas em livro.

Além desses, outros nomes podem ser citados:

A Experiência de Quase Morte está sendo atualmente objeto de cuidadosas investigações por grande número de cientistas, em vários países. Não obstante a Ciência oficial não se haver pronunciado definitivamente acerca da validade da EQM como evidência de apoio à tese da vida após a morte, há vivo interesse, atualmente, em reavivar esta questão. Como exemplo citamos a obra organizada pelo médico Gary Doore e publicada em 1990, sob o título: *What Survives? Contemporary Explorations of Life After Life*. Nesse livro, há a colaboração de 23 bons especialistas em várias áreas da Ciência, entre eles, Stanislav Grof, F. Gordon Greene, Stanley Krippner, Rupert Sheldrake, Mark B. Woodhouse, Charles T. Tart, Ken Wilber, Sogyal Rinpoche, Kenneth Ring e outros não menos notáveis, para não nos alongarmos em demasia. Dessa obra há uma versão em português: *Explorações Contemporâneas da Vida Depois da Morte* (Doore, 1992). (ANDRADE, 1999, p. 27).

f) Experiências fora do corpo (EFC)

Pessoas que conseguem fazer com que seu espírito se desprenda temporariamente do corpo.

Provavelmente, a maior autoridade no mundo nas pesquisas e no campo teórico dos estados alterados de consciência, Charles T. Tart, também é reconhecido pelas suas pesquisas do controverso fenômeno chamado de *Out-of-Body*, ou OOB (em português, Experiências fora do Corpo, ou EFC). Este fenômeno também é chamado de desdobramento, bilocação, saída do corpo, ou, mais misticamente, projeção astral.

As características das EFC são bem conhecidas: sensação de saída do corpo, geralmente com a capacidade de vê-lo adormecido ou em transe. Sensação de lucidez e, ao mesmo tempo, de estranheza ante o fato de conseguir "voar" e ver o próprio corpo. Nas primeiras vezes, uma sensação de medo e desorientação diante da vida do próprio corpo é comum. Depois, pode-se perceber que pode mover-se pelos aposentos da casa, sem que ninguém da

família pareça se dar conta de sua presença, etc. Muitas vezes existe uma sensação agradável de liberdade e o encontro com pessoas desconhecidas.

[...]

Em 1868, o Dr. Charles Tart publicou os resultados de suas pesquisas realizadas em laboratório com uma paciente jovem, que dizia ter EFCs frequentes. Seu trabalho foi impresso no *Journal of the American Society for Psychical Research*, vol. 62, nº 1, com o título *A Psychophysiological Study of Out-of-Body Experiência in a Selected Subject*. (GUIMARÃES, 2004, p. 161-162).

g) Pesquisas relacionadas com a reencarnação

O Dr. Ian Stevenson, norte-americano, conhecido por muitos como “O Galileu da Reencarnação”, chefiou a Divisão de Parapsicologia do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Virgínia, que já dedicou mais de 40 anos de sua vida pesquisando casos de reencarnação de crianças que se lembraram espontaneamente de outras vidas, tendo catalogado mais de 2.600 casos. Essas crianças, em determinado período de vida, passaram a dizer que eram outras pessoas que haviam vivido em outros lugares, dando inúmeros detalhes, que foram, posteriormente, por ele confirmados.

O Dr. Stevenson publicou interessante estudo, infelizmente, ainda sem tradução para o português, intitulado *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birthmarks and Birth Defects* (Reencarnação e Biologia: Uma contribuição à Etiologia das Marcas-de-Nascença e Defeitos de Nascimento). Neste estudo com 2.300 páginas, ele procura a comprovação da reencarnação através das ditas “marcas de nascença”. Inúmeras crianças traziam marcas muito semelhantes à de seus parentes já falecidos; além disso, demonstravam inconfundíveis traços da personalidade deles, tão marcantes que não deixavam dúvidas quanto ao fato de se tratar dos mesmos espíritos numa roupagem física nova.

O Prof. Hemendra Nath Banerjee (1929-1985), Diretor do Departamento de Parapsicologia da Universidade de Rajasthan, Índia, iniciou uma série de investigações acerca de diversos casos de crianças que se lembravam de suas vidas anteriores, chegando a catalogar três mil casos. Tais casos, disse ele, são numerosos na Índia, bem como em diversos países do Oriente: Burma, Líbano, Sri Lanka, Turquia e outros.

Recomendamos o nosso texto [“Reencarnação e as pesquisas científicas”](#), de onde extraímos esses trechos.

Vale transcrever a opinião de um cientista a respeito desse assunto. Citamos a pergunta feita e a respectiva resposta dada por Amit Goswami, conferencista, pesquisador e professor titular da Universidade de Oregon, Ph.D em física quântica, e físico residente no *Institute of Noetic Sciences*:

P: Assim, em sua abalizada opinião, a reencarnação é científica?

R: A resposta é um retumbante sim. Pense. Os dados sobre reencarnação dão-nos evidência definitiva de que a mente não é o cérebro, pois ela sobrevive à morte do corpo físico. Além disso, o propósito da ciência é levar as realizações, experiências e sabedoria das pessoas ao cenário público, por meio de teorias e experimentos em desenvolvimento, dos quais todos podem participar e todos julgam úteis. Creio que o modelo que estudamos aqui cumpre esse propósito. (GOSWAMI, 2005, p. 243-244). (grifo nosso).

Goswami é o autor do livro *A Física da Alma: a explicação científica para a reencarnação, a imortalidade e experiências de quase morte*, cuja leitura recomendamos a todos que advogam teses contrárias às conclusões dele, para que façam, por amor à verdade, um bem a humanidade, contestando-as e evidenciando-lhe os erros.

h) Terapia de Vidas Passadas

Principais pesquisadores:

Dr. Patrick Drouot, físico francês, doutorado pela Universidade Columbia de Nova York, autor dos livros *Reencarnação e Imortalidade* e *Nós somos todos imortais*;

Dra. Edith Fiore, norte-americana, doutorada em psicologia na Universidade de Miami, autora dos livros: *Você já Viveu Antes e Possessão Espiritual*;

Dra. Helen Wambach, psicóloga norte-americana, autora do livro: *Recordando Vidas Passadas*;

Dr. Brian Weiss, M.D., psiquiatra e neurologista norte-americano, formado pela Columbia University, professor catedrático de um dos mais conceituados hospitais universitários americanos, como é o *Mount Sinai Medical Center*, autor dos livros: *Muitas Vidas, Muitos Mestres, Só o Amor é Real, A Cura através da Terapia de Vidas Passadas e A Divina Sabedoria dos Mestres*.

Finalizando, se o professor resolver contra-argumentar tudo quanto colocamos aqui, pedimos, por especial favor, trocarmos de papel, que se coloque na condição de aluno, e, como um bom discípulo, comece nos apontando uma prova (ou evidência) científica de que a alma não é imortal ou que ela não possa transmitir seus pensamentos a uma outra se essa estiver encarnada. Se nos apresentar uma prova sequer, teremos a humildade de concordar que Samuel não se apresentou a Saul, pois para nós é fácil deduzir que se os espíritos se manifestam hoje, é porque isso acontece desde os primórdios da humanidade, porquanto, já o dissemos, trata-se de uma lei natural. Aí, sim, que venha depois com os seus argumentos bíblicos, mas que não os distorçam à sua conveniência. Aliás, se considerasse mesmo a Bíblia como a palavra de Deus, certamente, a primeira coisa que faria seria respeitar, nos outros, o direito de acreditar naquilo que queiram, para cumprir o *“Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles...”* (Mt 7,12).

E, por nossa vez, pedimos, e até mesmo imploramos, a Deus para iluminar as vítimas do próprio fanatismo religioso: *“Todas as religiões dogmáticas têm a Ciência como a sua maior inimiga, porque ela vai impiedosamente destruindo dogmas, sem o intuito preconcebido de agradar ou desagradar”*. (MELO, 1954).

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Novembro/2006.

PS.: O professor não deixou de enviar-nos os seus dardos venenosos e num texto aponto vários erros da Doutrina Espírita, que foram refutados por nós: [“Os 20 erros da Doutrina apontados por um adventista fanático”](#).

Referências bibliográficas

- ANDRADE, H.G., *Morte – Uma luz do fim do túnel*, São Paulo: FÉ, 1999.
 BRUNÉ, F. *Os mortos nos falam*, Sobradinho, DF: Edicel, 1991.
 CRETÉ, L. Satã, o anjo caído, in *História Viva – Grandes Temas – nº 12*, São Paulo; Duetto, s/d.
 EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse?: O que Jesus não disse?.* São Paulo: Prestígio, 2006.
 ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*, São Paulo: Martins Fontes, 2003.
 FELIPPE, C., O Egito que revivia os mortos, in *Revista das Religiões*, ed. 2, São Paulo: Abril, ago/2003, p. 40-45.
 FINKELSTEIN I e SILBERMAN, N. A. *A Bíblia não tinha razão*, São Paulo: Girafa, 2003.
 GOSWAMI, A. *A Física da Alma*, São Paulo: Eleph, 2005.
 GUIMARÃES, C. A. *Evidências da Sobrevivência: indícios que sugerem a vida após a morte extraídos da história do Espiritismo, da Metapsíquica e da Parapsicologia*, São Paulo: Madras, 2004.
 KELLER, W. ... e a Bíblia tinha razão. São Paulo: Melhoramentos, 2000.
 MELO, M. C. *Da Bíblia aos nossos dias (suas lendas, erros e contradições)*, Curitiba: FEPP, 1954.
 MONLOUBOU. L. e DU BUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal*, Petrópolis – RJ; Vozes; Aparecida – SP: Santuário, 1997.
 ORÍGENES, *Contra Celso*, São Paulo: Paulus, 2004.
 PERANDRÉA, C. A. *A Psicografia à Luz da Grafoscopia*, São Paulo: FÉ, 1991.
 QUEIRUGA, A. T. *Repensar a Ressurreição*, São Paulo: Paulinas, 2004.

- RENAN, E. *Vida e Obra de Jesus*, São Paulo: Martin Claret, 2004.
- RICHET, C. *Tratado de Metapsíquica*, vol. I, São Paulo: Lake, s/d.
- ROHDEN, H. *Lampejos Evangélicos*, São Paulo: Martin Claret, 1995.
- SILVA, S. C. *Analisando as traduções bíblicas*, João Pessoa: Idéia, 2001.
- VAN LOON, H. W., *A História da Bíblia*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- RINALDI, S. Transcomunicação Instrumental: o telefone do além. Entrevista por Viola, P. R. in. *Revista Além da Vida*, nº 26, Rio de Janeiro: América do Sul, 2006, p. 8-10.
- OS EGÍPIOS e os rituais de morte. in *A Magia do Egito, nº 01: Os mistérios da civilização*. São Paulo: Escala, s/d, p. 46-50.
- A religiosidade do povo egípcio. in *A Magia do Egito, nº 05: Deuses e mitos*. Escala, s/d, p. 4-13.
- Deuses e mitos do antigo Egito. in *A Magia do Egito, nº 05: Deuses e mitos*. Escala, s/d, p. 14-21.
- Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada, Aparecida -SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- Bíblia Anotada, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- Bíblia Sagrada, Petrópolis - RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, São Paulo: Ave Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada Pastoral – São Paulo: Paulus, 1990.
- Bíblia Sagrada Edição Barsa, Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Tradução Novo Mundo das Escrituras Sagradas, Cesário Lange, SP: 1986.

Internet:

- <http://www.vivos.com.br/237.htm>, acesso em 10/11/2006 às 10:30hs.
- <http://www.jesusnet.org.br/tabernaculo/vestes.htm>, acesso em 10/11/2006 às 10:35hs.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Urime_Tumim, acesso em 10/11/2006 às 10:40hs.
- <http://www.descobindo.com.br/ensvestes.htm>, acesso em 10/11/2006 às 10:45hs.
- <http://www.bibliaonline.net/scripts/dicionario.cgi?procurar=urim%20e%20tumim&exata=on&link=bol&lang=BR>, acesso em 10/11/2006 às 10:50hs.
- http://www.est.com.br/nepp/numero_09/Elaine.htm, acesso em 10/11/2006 às 10:30hs.
- <http://foroadventista.com/index.php?PHPSESSID=42637261227fa74717de2742d80b8a8d&topic=630.msg11948#msg11948>, acesso em 03/11/2006 às 12:00hs.
- <http://www.azenilto.com/>, acesso em 10/11/2006, às 08:32hs.
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Eclesi%C3%A1stico>, acesso em 30/10/2006 às 15:40hs.
- <http://www.ensinandodesiao.org.br/home/detail.asp?iNews=267&iType=20>, acesso 03/11/2006 às 12:40hs.